

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

Francisca da Cruz Rodrigues Pessoa

**AS REALIZAÇÕES DE DATIVO NO PORTUGUÊS FALADO EM TERESINA (PI):  
UMA ANÁLISE VARIACIONISTA**

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2017

**FRANCISCA DA CRUZ RODRIGUES PESSOA**

**AS REALIZAÇÕES DE DATIVO NO PORTUGUÊS FALADO EM TERESINA (PI):  
UMA ANÁLISE VARIACIONISTA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos.

- **Área de concentração:** Linguística Teórica e Descritiva;
- **Linha de pesquisa:** Teoria da Variação e Mudança Linguística;
- **Orientadora:** Profa. Dra. Jânia Martins Ramos

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG

2017

P475r

Pessoa, Francisca da Cruz Rodrigues.

As realizações de dativo no português falado em Teresina (PI) [manuscrito]: uma análise variacionista / Francisca da Cruz Rodrigues Pessoa. – 2017.

117 f., enc. : il., tabs., maps., grafos., color., p&b.

Orientadora: Jânia Martins Ramos.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de pesquisa: Teoria da Variação e Mudança Linguística.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 97-104.

Anexos: f. 105-117.

1. Língua portuguesa – Português falado – Teresina (PI) – Teses. 2. Língua portuguesa – Regionalismos – Teresina (PI) – Teses. 3. Língua portuguesa – Variação – Teses. 4. Língua portuguesa – Objeto indireto – Teses. 5. Sociolinguística – Teresina (PI) – Teses. I. Ramos, Jânia Martins. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 469.798



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**AS REALIZAÇÕES DE DATIVO NO PORTUGUÊS FALADO EM TERESINA (PI): UMA ANÁLISE VARIACIONISTA.**

### **FRANCISCA DA CRUZ RODRIGUES PESSOA**

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudo da Variação e Mudança Linguística.


Aprovada em 23 de fevereiro de 2017, pela banca constituída pelos membros:

  
Prof(a). Jania Martins Ramos - Orientador  
UFMG

  
Prof(a). Maria do Socorro Vieira Coelho  
UNIMONTES

  
Prof(a). Eduardo Tadeu Roque Amaral  
UFMG

  
Prof(a). Sueli-Maria Coelho  
UFMG

  
Prof(a). Ricardo Machado Rocha  
IFMG

Belo Horizonte, 23 de fevereiro de 2017.

*A meu pai, Obdiel, que, infelizmente, não pôde compartilhar comigo esta realização, mas que sempre me recordarei de sua felicidade com o meu sucesso intelectual; e, certamente, se esta notícia puder ir além dos limites do concreto, chegará a seus ouvidos e ele ficará muito orgulhoso.*

*À minha mãe, Maria dos Reis – mulher batalhadora que, desde cedo, não mediu esforços para que pudéssemos estudar e tivéssemos um futuro melhor.*

*Às minhas irmãs, Teresinha, Maria Mirtes, Maria, Marinalva e Odenívia Naena, pelo sentido que conferem à minha vida.*

*Aos meus sobrinhos, Mariana, Cristiano, Luciano e Ayla Beatriz, por serem motivo de alegria.*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, Criador e Senhor da vida, por sua infinita bondade, e por ter-me concedido o direito de realizar este curso, diante das dificuldades e dos momentos de angústia pelos quais passei.

À Universidade Federal de Minas Gerais, pela iniciativa e oportunidade.

À Secretaria Estadual de Educação e Cultura – SEDUC e à Faculdade Maranhense São José dos Cocais, pela liberação em regime integral para que eu pudesse concretizar o Doutorado.

À Profa. Dra. Jânia Martins Ramos, pela orientação precisa, criteriosa e competente, pela paciência e atenção a mim dispensadas, e por ter-me ensinado caminhos que me fizeram evoluir no universo da pesquisa acadêmica, a quem atribuo os méritos pela realização desta Tese.

À Profa. Dra. Maria Auxiliadora Ferreira Lima, por me iniciar na formação em teorias linguísticas, pela orientação no Mestrado e por disponibilizar o banco de dados do *corpus* deste trabalho.

Às contribuições fundamentais dos professores Eduardo Tadeu Roque Amaral, na avaliação do Projeto, e Fábio Bonfim Duarte e Maria do Socorro Vieira Coelho, integrantes da banca de avaliação do Exame de Qualificação.

À Profa. Dra. Márcia Cançado, por sua disposição incondicional em servir em todos os instantes em que a solicitei e por me aceitar em seus cursos de Semântica.

Aos professores do Programa de Doutorado em Estudos Linguísticos, José Olímpio, Lorenzo Vitral, Sueli Coelho, Eduardo Amaral e Márcia Rumeu, pelos ensinamentos nesse percurso.

Aos demais professores da UFMG, por terem contribuído direta ou indiretamente para a realização deste trabalho. Desses, especialmente cito Thaís Cristóforo, por me aceitar em seu curso de Fonética e por suas valiosas contribuições.

A todos os funcionários do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PosLin) e da Biblioteca da Letras, pelo atendimento às solicitações feitas.

Aos meus informantes, pela gentileza de concederem uma nova entrevista anos depois da primeira.

Agradeço à gentileza dos funcionários dos diversos órgãos oficiais de Teresina (PI), que colaboraram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho, desses, menciono especialmente Carmem Lúcia Portela Santos, funcionária da SEDUC/PI.

Aos colegas do Doutorado, pela amizade e dificuldades compartilhadas. Em especial, Evilázia Martins.

A todos os meus familiares de forma geral, aos amigos do Piauí, e aos amigos que conquistei em Belo Horizonte, que torceram pelo meu sucesso.

Ao José Almeida, pelo apoio e estímulo às minhas atividades.

Agradeço ainda àqueles que, de algum modo, ajudaram na realização deste trabalho, principalmente Aline Borges, Bárbara Rocha, Darla Monteiro, Débora Oliveira, Elaine Chaves, Ester Entringer, Francisco Pitombeira, Gena Nascimento, Giovanna, Iara Rosa, Janice Batista, Lymarcos Pinheiro, Pedro Andrade, Raquel Rossini, Raphael Silva, Selmo, Telma Nascimento.

*Feliz do homem que encontrou a sabedoria,  
daquele que adquiriu a inteligência, porque [...] o  
fruto que se obtém é melhor que o fino ouro.*

*Provérbios, 3: 13-14.*



## RESUMO

Esta Tese tem como objetivo descrever e analisar, no Português falado por moradores de Teresina (PI), as realizações de dativos de 1ª, 2ª e 3ª pessoas, de modo a avaliar se as generalizações obtidas com base nos dativos de 3ª pessoa são adequadas para descrever e explicar os dativos de 1ª e 2ª pessoas no Português brasileiro. O presente estudo fundamenta-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação (LABOV [1972], 2008; 1994; 2001; 2010). A amostra analisada compõe-se de trinta e seis entrevistas, gravadas no período de 2000 a 2003, pertencentes ao Banco de Dados do Projeto *Aspectos Gramaticais do Português Falado por teresinenses* da Universidade Federal do Piauí (UFPI), organizado pelas professoras Maria Auxiliadora Ferreira Lima (UFPI) e Maria Anecy Calland Marques Serra (UFPI). A esse conjunto somamos dez novas entrevistas gravadas em 2015. O *corpus* global é estratificado por grupo social, sexo, escolaridade e idade. Analisamos as ocorrências das variáveis de dativo, tomando-se como variantes as formas pronominais clíticas e as formas pronominais plenas, contendo preposição+pronome tônico. Foram identificadas 307 ocorrências, sendo 169 de variante clítica e 138 de variante preposicionada. Constatamos uma significativa diferença entre as três pessoas gramaticais. A realização de clítico de 1ª pessoa obteve o percentual de 81% e peso relativo (.84); a de 2ª pessoa 80% de ocorrências e peso relativo (.88). A de 3ª pessoa tem menor percentual de ocorrência, 1% e peso relativo (.02). Os fatores condicionadores significativos foram pessoa verbal, tipo de verbo e grupo social. Os não significativos foram a realização do objeto direto, realização do sujeito, estrutura do DP objeto direto, preposição, sexo, escolaridade e idade. Nossos resultados mostram que as generalizações sobre a presença de clíticos dativos no Português brasileiro, construídas a partir da pesquisa de clíticos de 3ª pessoa, não se estendem aos clíticos de 1ª e 2ª pessoas, pois esses últimos são mais frequentes e se distinguem dos primeiros em relação à estrutura interna.

**Palavras-chaves:** Objeto indireto. Dativo. Variação linguística. Fala. Teresina.

## ABSTRACT

This Thesis aims at describing and analyzing, in Brazilian Portuguese spoken by Teresina (PI) inhabitants, the dative realizations in 1<sup>st</sup>, 2<sup>nd</sup> and 3<sup>rd</sup> persons, in order to evaluate whether the generalizations obtained based on the 3<sup>rd</sup> person datives are adequate to describe and explain the 1<sup>st</sup> and 2<sup>nd</sup> person datives in Brazilian Portuguese. The present study relies on the theoretical-methodological presuppositions of Variation Theory (LABOV [1972], 2008; 1994; 2001; 2010). The sample analyzed is comprised of 36 interviews, recorded from 2000 to 2003, which belong to the Database of *Aspectos Gramaticais do Português Falado por teresinenses* Project of the Federal University of Piauí (UFPI), organized by professors Maria Auxiliadora Ferreira Lima (UFPI) and Maria Anecy Calland Marques Serra (UFPI). Ten novel interviews recorded in 2015 were added to such set. The global corpus is stratified by social group, gender, level of education and age. We analyzed the occurrences of dative as sociolinguistic variable, considering as variants the clitic pronominal forms and the full pronominal forms, encompassing preposition+stressed pronoun. 307 occurrences were identified, 169 being of the cliticvariant and 138 being of prepositional variant. We noted significant difference between the three grammatical persons. The 1<sup>st</sup> person critical realization a percentage of 81% and relative weight (.84); the 2<sup>nd</sup> person one obtained 80% of occurrences and relative weight of (.88). The 3<sup>rd</sup> person one has the lowest occurrence percentage, 1%, and relative weight of (.02). The significant conditioning factors were verb person, verb type and social group. The non-significant ones were direct object realization, subject realization, direct object DP realization, preposition, gender, level of education and age. Our results show that the generalizations over the presence of dative clitics in Brazilian Portuguese, made based on the research on 3<sup>rd</sup> person clitics, do not extend to the 1<sup>st</sup> and 2<sup>nd</sup> person clitics, as the latter are more frequent and differ from the former with regard to their internal structure.

**Keywords:** Prepositional object. Dative. Linguistic variation. Speech. Teresina.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	– Distribuição de preposição “para”, introdutora de dativo, por décadas, conforme o tipo de verbo.....	39
Gráfico 2	– Modelo de gradação etária de (ch) na cidade do Panamá: valores observados e projetados a partir do re-estudo de Cedergren (1984).....	50
Gráfico 3	– Distribuição dos clíticos conforme a idade do falante.....	77
Gráfico 4	– Percentual de clíticos conforme a pessoa gramatical em dois períodos de tempo.....	80
Gráfico 5	– Distribuição clítica das variantes conforme o tipo de verbo.....	81
Gráfico 6	– Frequência de clíticos dativos por informante em dois períodos do tempo.....	84
Gráfico 7	– Percentual de futuros perifrásticos para 59 falantes do painel de Montreal em 1971, segundo a idade (somente dados afirmativos).....	85
Gráfico 8	– Percentual de futuros perifrásticos para 60 falantes do painel de Montreal em 1984, segundo a idade (somente dados afirmativos).....	85
Gráfico 9	– Percentual de clíticos dativos conforme a idade para 10 falantes do painel de Teresina em 2000-2003.....	85
Gráfico 10	– Percentual de clíticos dativos conforme a idade para 10 falantes do painel de Teresina em 2015.....	85
Gráfico 11	– Percentual de clíticos na modalidade oral por pessoa gramatical em cinco localidades.....	88

### LISTA DE MAPAS

Mapa 1	– Mapa do Piauí (Brasil) com a indicação da localização de Teresina.....	55
Mapa 2	– Percentuais de clíticos dativos por localidade analisada.....	90

### LISTA DE QUADROS

Quadro 1	– Dativos no Português falado brasileiro.....	42
Quadro 2	– Amostra de informantes de Teresina no período de 2000 a 2003.....	58
Quadro 3	– Amostra de informantes de Teresina no período de 2015 para estudo em painel.....	59
Quadro 4	– Dativos no Português falado brasileiro.....	87

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1	– Distribuição dos dados de acordo com a variante usada.....	37
Tabela 2	– Distribuição de dativos por pessoa gramatical na modalidade oral por área geográfica.....	42
Tabela 3	– Dativo no português escrito brasileiro.....	43
Tabela 4	– Distribuição geral das variantes pronominais no <i>corpus</i> .....	67
Tabela 5	– Distribuição das variantes conforme a realização do objeto direto.....	69
Tabela 6	– Distribuição das variantes conforme a realização do sujeito.....	69
Tabela 7	– Distribuição das variantes conforme a pessoa.....	70
Tabela 8	– Distribuição das variantes conforme o tipo de verbo.....	71
Tabela 9	– Distribuição das variantes conforme a estrutura do DP objeto direto.....	72
Tabela 10	– Distribuição das variantes conforme o tipo de preposição.....	73
Tabela 11	– Distribuição das variantes conforme o grupo social do informante.....	74
Tabela 12	– Distribuição das variantes conforme o sexo do informante.....	75
Tabela 13	– Distribuição das variantes conforme a escolaridade.....	75
Tabela 14	– Distribuição das variantes conforme a idade do informante.....	76
Tabela 15	– Distribuição das variantes conforme a faixa etária do informante.....	77
Tabela 16	– Distribuição das variantes com clítico no T1 e no T2.....	78
Tabela 17	– Distribuição clítica das variantes conforme a realização do objeto direto	78
Tabela 18	– Distribuição clítica das variantes com clítico conforme a realização do sujeito.....	79
Tabela 19	– Distribuição das variantes conforme a pessoa.....	79
Tabela 20	– Distribuição das variantes conforme o tipo de verbo.....	80
Tabela 21	– Distribuição das variantes conforme a estrutura do DP objeto diret.....	82
Tabela 22	– Distribuição das variantes conforme o tipo de preposição em dois momentos do tempo.....	82
Tabela 23	– Distribuição clítica das variantes conforme o sexo em dois momentos do tempo.....	83
Tabela 24	– Distribuição das variantes clíticas conforme o informante em dois períodos de tempo.....	84
Tabela 25	– Modalidade oral e área geográfica da variável dativo de 1 <sup>a</sup> , 2 <sup>a</sup> e 3 <sup>a</sup> pessoas.....	87

## LISTA DE ABREVIATURAS

AGR	→	<i>Agreement</i> - Concordância
ALiB	→	Atlas Linguístico do Brasil
DP	→	Determiner Phrase - Sintagma Determinante
EPu	→	Escola Pública
EPa	→	Escola Particular
IBGE	→	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IF	→	Informante Feminino
IM	→	Informante Masculino
NP	→	Nominal Phrase – Sintagma Nominal
OD	→	Objeto Direto
OI	→	Objeto Indireto
PB	→	Português Brasileiro
PE	→	Português Europeu
PI	→	Piauí
PORFATER	→	Português Falado por Estudantes Teresinenses
PP	→	Prepositional Phrase – Sintagma Preposicional
UFPI	→	Universidade Federal do Piauí
V	→	Verbo

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>2</b>	<b>O COMPLEMENTO DATIVO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: INVESTIGANDO A LITERATURA</b> .....	18
<b>2.1</b>	<b>Conceituação do termo dativo</b> .....	18
<b>2.2</b>	<b>A pesquisa variacionista sobre o Português brasileiro</b> .....	23
2.2.1	Português brasileiro falado.....	23
2.2.2	Português brasileiro escrito.....	34
<b>2.3</b>	<b>Contribuições e problemas sobre os dativos no PB</b> .....	40
<b>3</b>	<b>FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS</b> .....	46
<b>3.1</b>	<b>Pressupostos teóricos</b> .....	46
3.1.1	A teoria da variação e mudança linguística.....	46
3.1.2	Novos problemas da teoria da variação.....	48
3.1.2.1	<i>Estudo em painel</i> .....	48
3.1.2.2	<i>Noção de comunidade de prática</i> .....	51
<b>3.2</b>	<b>Procedimentos metodológicos</b> .....	53
3.2.1	A pesquisa sobre a fala teresinense.....	53
3.2.2	Delimitação e descrição da amostra.....	56
3.2.3	Formação do <i>corpus</i> .....	57
3.2.4	CrITÉrios para coleta de dados.....	59
3.2.5	A variável dependente.....	60
3.2.6	As variáveis independentes.....	60
3.2.6.1	<i>As variáveis independentes internas ou fatores internos</i> .....	60
3.2.6.1.1	<i>Realização do objeto direto</i> .....	61
3.2.6.1.2	<i>Realização do sujeito</i> .....	61
3.2.6.1.3	<i>Pessoa</i> .....	62
3.2.6.1.4	<i>Tipo de verbo</i> .....	62
3.2.6.1.5	<i>Estrutura do DP objeto direto</i> .....	64
3.2.6.1.6	<i>Tipo de preposição</i> .....	64
3.2.7	As variáveis independentes externas.....	65
3.2.7.1	<i>Grupo social</i> .....	65
3.2.7.2	<i>Sexo</i> .....	65
3.2.7.3	<i>Escolaridade</i> .....	65
3.2.7.4	<i>Idade</i> .....	66
<b>4</b>	<b>RESULTADOS DA ANÁLISE VARIACIONISTA</b> .....	67
<b>4.1</b>	<b>Análise quantitativa</b> .....	67
<b>4.2</b>	<b>Distribuição das variantes</b> .....	67
<b>4.3</b>	<b>Fatores internos</b> .....	68
4.3.1	Realização do objeto direto (realizado, não realizado ou nada disso).....	68
4.3.2	Realização do sujeito (expresso ou nulo).....	69
4.3.3	Pessoa (1 <sup>a</sup> , 2 <sup>a</sup> ou 3 <sup>a</sup> ).....	70
4.3.4	Tipos de verbo (transitivos, inergativo ou inacusativo).....	71
4.3.5	Estrutura do DP objeto direto (oracional, não oracional ou nada disso).....	72
4.3.6	Tipos de preposição (a, para, em ou de).....	72
<b>4.4</b>	<b>Fatores externos ou sociais</b> .....	74

4.4.1	Grupo social.....	74
4.4.2	Sexo.....	74
4.4.3	Escolaridade.....	75
4.4.4	Idade.....	76
<b>4.5</b>	<b>Estudo em painel.....</b>	<b>78</b>
4.5.1	A análise das variantes com clítico no estudo em painel.....	78
<b>5</b>	<b>ESTUDOS COMPARATIVOS.....</b>	<b>86</b>
<b>5.1</b>	<b>Dativos nos dialetos brasileiros.....</b>	<b>86</b>
<b>5.2</b>	<b>Retomada das hipóteses.....</b>	<b>91</b>
<b>6</b>	<b>CONCLUSÕES.....</b>	<b>94</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>97</b>
	<b>ANEXOS.....</b>	<b>105</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objeto de análise as construções dativas no Português brasileiro falado em Teresina (PI). Por construções dativas, identificamos os sintagmas nominais, não substituíveis por clíticos acusativos, realizados ou substituíveis por clíticos dativos, preposicionados ou não preposicionados, que compõem o predicado de orações. Os pressupostos teóricos e metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística são os da Teoria da Variação e da Mudança (LABOV [1972], 2008; 1994; 2001; 2010).

A variável analisada são as realizações de dativo. Duas variantes foram identificadas: clítico dativo (1) e pronome forte introduzido por preposição (2).

(1) Ela sempre *me* dá as fala maiores... (EPuIF4<sup>a</sup>S)

(2) Deus deu roupa *pra eles*... (EPuIM4<sup>a</sup>S)

Diferentemente de outros estudos variacionistas sobre dativos, não incluiremos, sob o escopo de nossa pesquisa, as ocorrências de dativo nulo (3) e sintagma nominal pleno introduzido por preposição (4). As justificativas para esse recorte serão apresentadas nos capítulos dois e três.

(3) Ele ele dá  $\Phi$  pra ela e ela joga na cara dele... (EPuIF4<sup>a</sup>S)

(4) Eu acho que o governo deveria dar mais incentivo *pra favelas*. (EPuIF4<sup>a</sup>S)

Analisamos o dialeto<sup>1</sup> falado em Teresina (PI). Nossa amostra compõe-se de 36 entrevistas gravadas no período de 2000 a 2003 pertencentes ao Banco de Dados do Projeto *Aspectos Gramaticais do Português Falado por Teresinenses* da Universidade Federal do Piauí (UFPI). A esse conjunto somamos dez novas entrevistas, gravadas no ano de 2015, para realizarmos um estudo em painel. Essa nova amostra denomina-se *Fala Teresinense: Recontato* (PESSOA, inédito).

Nossos objetivos nesta tese são fornecer respostas às seguintes questões:

(i) Como as duas variantes se distribuem em textos de modalidade oral de Teresina?

(ii) Quais os condicionamentos linguísticos e extralinguísticos da variável em análise?

(iii) Como situar a comunidade teresinense em relação a outras comunidades brasileiras, tomando-se como parâmetro a frequência de uso das variantes em análise?

---

<sup>1</sup> O termo “dialeto” será usado aqui no sentido de variedade [linguística]. Por variedade linguística entenda-se “qualquer variedade [que] é parte de um *continuum* no espaço geográfico e social, num tempo” (ROMAINE, 1994, p. 2, tradução minha).



As respostas a essas questões visam fornecer subsídios para a discussão de três hipóteses mais gerais sobre dativos no Português brasileiro:

- (i) Os clíticos dativos de 3ª pessoa manifestam uma tendência de desaparecimento (FREIRE, 2005).
- (ii) Não existem complementos propriamente dativos no Português brasileiro, o que há são complementos oblíquos decorrentes do caráter lexical da preposição ‘para’ (CALINDRO, 2016).
- (iii) Os clíticos “me”, “te” e “lhe” são traços de concordância que se realizam quando o item pronominal na função de objeto indireto é interpretado como participante do ato discursivo. Se o item pronominal nesta função não é interpretado como um participante do ato discursivo, nenhum clítico vai se realizar morfológicamente (MACHADO-ROCHA, 2016).

A hipótese (i) é, de fato, uma generalização, recorrente na literatura, sobre a frequência do clítico dativo de 3ª pessoa. O dialeto investigado por Freire (2005) foi o carioca, na modalidade escrita.

A hipótese (ii) é formulada por Calindro (2016, p.20), a partir de sua investigação sobre o dialeto paulistano, na modalidade escrita: “o Português brasileiro não possui Caso dativo morfológico, nem preposições funcionais capazes de fazer atribuição de Caso, essa relação entre os argumentos é introduzida através de um sintagma preposicional[...]”. Embora o objetivo de sua investigação seja “discutir uma proposta de mudança diacrônica na introdução dos argumentos indiretos nas sentenças ditransitivas do Português brasileiro” (p. 17), sua afirmação sobre a ausência de Caso morfológico no PB faz supor que os sintagmas preposicionais superem os clíticos no momento atual nos diferentes dialetos do PB e nas três pessoas gramaticais.

A hipótese (iii) é uma proposta formulada por Machado-Rocha (2016), ao buscar explicar por que razão em alguns dialetos brasileiros ocorrem construções de dativo com redobro, como “eu *te* falei para *você*”, somente se o clítico redobrado for de 1ª e 2ª pessoas. Se o clítico dativo for de 3ª pessoa, o redobro não ocorre. Sua pesquisa tomou como *corpus* a transcrição de conversas entre adolescentes de Belo Horizonte.

A partir dessas hipóteses faremos o elencamento dos fatores a serem testados na análise quantitativa. Desse modo, esperamos contribuir para o desenvolvimento de estudos na interface sintaxe-variação e ampliar nosso conhecimento sobre a complementação verbal.

A respeito do tema escolhido, é preciso ter em conta que, na descrição morfossintática dos sintagmas dativos, as noções de caso, papel temático e função gramatical têm sido utilizadas. Entretanto, se observa que o caso morfológico de dativo não se liga a uma única função gramatical nem a um único papel temático, nem sua ocorrência se restringe aos verbos ditransitivos.

Esta tese estrutura-se em seis partes, quais sejam: 1 Introdução. Capítulo 2, no qual apresentamos diferentes definições de objeto indireto e complemento dativo. A seguir, resenharemos trabalhos variacionistas acerca desse tema no Português do Brasil, nas modalidades oral e escrita.

No Capítulo 3, abordaremos os pressupostos teóricos que orientam o tratamento da questão neste trabalho, situando nossa pesquisa no quadro atual dos estudos variacionistas. Além disso, detalharemos os procedimentos metodológicos a serem adotados. Para tanto, faremos uma descrição da localização geográfica dos informantes que compõem nossa amostra, abordaremos a delimitação e descrição da amostra, trataremos da formação da amostra, apresentaremos os critérios para coleta dos dados, apontaremos a variável dependente e explicitaremos as variáveis independentes.

No Capítulo 4, será feita a análise variacionista e serão apresentados os resultados. Será feito um estudo com base no tempo aparente e um estudo em painel.

No Capítulo 5, serão comparados os percentuais de ocorrências da variante com clítico dativo em diferentes dialetos brasileiros. Os resultados serão apresentados em um mapa, no qual permite identificar áreas dialetais ainda não investigadas e inferir tendências a partir dos dialetos investigados. Serão também retomadas e discutidas as hipóteses enumeradas nesta Introdução.

Por último, serão apresentados as Conclusões do trabalho desenvolvido, as questões que ficaram em aberto, e novos temas que, supomos, poderão vir a ser objeto de pesquisa futura.

## 2 O COMPLEMENTO DATIVO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: INVESTIGANDO A LITERATURA

Este capítulo tem por objetivo apresentar uma revisão de estudos linguísticos do Português brasileiro falado e escrito – à luz da Sociolinguística Variacionista – acerca de construções de dativo de 1ª, de 2ª e de 3ª pessoas.

Três partes vão compor esse capítulo. Na primeira, conceituaremos dativo. Na segunda, apresentaremos uma síntese dos estudos variacionistas sobre o tema, que tiveram dialetos do Português brasileiro como objeto de análise. Na terceira, faremos um resumo das contribuições encontradas e dos problemas deixados em aberto sobre os dativos no PB.

### 2.1 Conceituação do termo dativo

As construções de dativo têm sido identificadas através de critérios morfossintáticos e semânticos. As gramáticas latinas definem dativo como caso principalmente de “atribuição, indicando a pessoa ou coisa a quem um objeto é destinado, e, daí, no interesse de quem se faz alguma coisa” (FARIA 1958, p. 61). Sintaticamente, desempenha a função do objeto ou complemento indireto da oração. Eram nove os tipos de dativos, sendo complementos não só de verbos, mas também de substantivos e adjetivos.<sup>2</sup>Essa última informação é importante porque, em nossos dados, encontramos dativos em estrutura como (5a), em que o sintagma preposicional pode ser substituído por um clítico dativo, mas não por um clítico acusativo.

- (5) a. Isso é (...) importante *para mim* (EPaIF4<sup>a</sup>S)  
 b. Isso *me* é importante

As gramáticas de língua portuguesa se referem aos dativos como objeto indireto, definindo-o semanticamente, como aquele que exprime “o ser (pessoa ou coisa) em cujo proveito ou desproveito existe o estado ou se realiza a ação ou o fato, significados por um grande número de verbos” (BRANDÃO, 1963, p. 69).

<sup>2</sup> *Dativo de objeto indireto: Hirtiocenamdedi* (Cíc., Fam., 9,20,2) “dei uma ceia a Hirtio” (p. 349); *Dativo de contato ou aproximação: dextraeiungêredextram* (Verg., En., 1,408) “unir a minha destra à tua destra” (p. 350); *Dativo de interesse: non tibisedpatriaenatus* (Cíc., Mur., 83) “nascido não para ti, mas para a pátria” (p. 351-352); *Dativo de posse: nullum esse nobisseruom* (Plaut., Amph., 385) “não termos escravo algum” (p.352); *Dativo de referência: elephantopraefregistibracchium* (Plaut., M. Glor., 25) “quebraste um braço a um elefante” (p. 352); *Dativo ético: quid tibiuis, inquit, insâne?* (Cíc., De Or., 2,269) “que queres, insensato?” (p.352); *Dativo de agente ou de obrigação: mihi consilium captumiamdiu est* (Cíc., Fam., 5,19,2) “já tomei há muito uma resolução” (p. 353); *Dativo de destinação: dies conloquiodictus est* (Cés., B. Gal., 1,42,3) “foi marcado o dia para a entrevista” (p. 353); *Dativo de direção: it clamor caelo* (Verg., En., 5,451) “vai um clamor ao céu” (p. 354 ). (FARIA, 1958, p. 349-354).

Definições sintáticas também são formuladas: “objeto indireto [é] assim chamado o complemento do verbo transitivo indireto, pelo fato de vir unido ao verbo *indiretamente*, isto é, mediante preposição” (ALMEIDA, 2009, p. 428). Vejamos alguns exemplos que cita<sup>3</sup>:

- (6) Não obedeco *a ninguém*
- (7) Depende *do câmbio*
- (8) Acredito *nele*
- (9) Roubaram-*me* o chapéu

Veja-se que, dos exemplos citados, apenas um aceita cliticização.

- (6') Obedeco-lhe
- (7') \*Dependo-lhe
- (8') ?Acredito-lhe

Quanto a (9), Almeida (p.428) descreve o “me” como um caso de “pronomes oblíquos [...] empregados pelos possessivos, [e que] são objetos indiretos”. E acrescenta que “[o]utras vezes o oblíquo, em vez de corresponder a possessivo, corresponde ao dativo (*dativo de interesse*)”, como em:

- (6) Não *me* levem esse livro, porque não é meu (ALMEIDA, 2009, p. 428; dado numerado).

Veja-se que o termo “pronome oblíquo” é usado como sinônimo de pronome átono ou clítico.

Cunha & Cintra (2013, p. 158), embora adotem a mesma definição de outros autores, acrescentam que “[n]ão vem precedido de preposição o OBJETO INDIRETO representado pelos pronomes pessoais oblíquos *me, te, lhe, nos, vos, lhes*, e pelo reflexivo *se*”. Ressaltam ainda que “o pronome oblíquo *lhe (lhes)* é essencialmente OBJETO INDIRETO”. E fazem referência ao objeto indireto pleonástico:

[c]om a finalidade de realçá-lo, costuma-se repetir o OBJETO INDIRETO. Neste caso, uma das formas é obrigatoriamente um pronome pessoal átono. A outra pode ser um substantivo ou um pronome oblíquo tônico antecedido de preposição (CUNHA & CINTRA, 2013, p. 159).

A título de ilustração, citam os seguintes exemplos:<sup>4</sup>

<sup>3</sup>Almeida (2009, p. 428); dados numerados.

<sup>4</sup>Cunha & Cintra (2013, p. 159); dados numerados.

(7) *A mim* ensinou-me tudo.

(8) – Quem *lhe* disse *a você* que estavam no palheiro

(13) *Aos meus escritores*, não *lhes* dava importância nenhuma.

Comparando o objeto indireto ao adjunto adverbial, os autores afirmam que: “[e]nquanto a preposição que encabeça um ADJUNTO ADVERBIAL possui claro valor significativo, a que introduz um OBJETO INDIRETO apresenta acentuado esvaziamento de sentido [...] [seriam] simples elos sintáticos”:<sup>5</sup>

(14) Cantavam *para os amigos* (OI)

(15) Não duvides *de mim* (OI)

(16) Viajou *para São Paulo* (AA)

(17) Não saias *de casa* (AA)

Nesse panorama, conforme observa Rocha Lima (2013, p. 306 e 307), objeto indireto:

Representa o ser animado a que se dirige ou destina a ação ou estado que o processo verbal expressa, pode figurar em qualquer tipo de predicado (verbal, nominal, verbo nominal), perfilando-se, até, ao lado de verbos intransitivos e de verbos na voz passiva. Situa-se, portanto, menos como um complemento de *verbo* (de cujo regime, na maioria das vezes, independe) do que como um complemento da oração -, da qual é, aliás, facilmente dispensável em muitas situações.

Quanto ao aspecto morfológico, o objeto indireto “caracteriza-se por vir encabeçado pela preposição *a* (às vezes, *para*) e corresponder, na terceira pessoa, às formas pronominais átonas *lhe*, *lhes*” (ROCHA LIMA, 2013, p. 307). Quanto ao aspecto sintático, o autor ressalta que o objeto indireto “desaceita – salvo exceções raríssimas – passagem para a função de sujeito na voz passiva. E, por implicar o traço + PESSOA, não *lhe* é possível, evidentemente, apresentar-se sob a forma de oração subordinada” (Ibid., p. 307).

Rocha Lima (2013, p. 310) afirma que “verbos como *gostar de*, *depender de*, *precisar de*, *carecer de*, *lembrar-se de*, *fugir de*, *consentir em*, *assistir a* (uma festa), *proceder a* etc., não têm objeto indireto”. Logo, tal como Bechara (2009), o autor assevera que o complemento deles “se filia ora no ablativo, ora no genitivo, e se denomina complemento relativo” (ROCHA LIMA, 2013, p. 310).

<sup>5</sup> Cunha & Cintra (2013, p. 159); dados numerados.

O complemento relativo é “o complemento que, ligado ao verbo por uma preposição denominada “a”, “com”, “de”, “em” etc., integra, com o valor de objeto indireto, a predicação de um verbo de significação relativa” (ROCHA LIMA, 2013, p. 311).

Dessa forma, de acordo com este autor, o complemento relativo difere-se do objeto indireto pelas seguintes circunstâncias:

- a) Não representa a pessoa ou coisa a que se destina a ação, ou em cujo proveito ou prejuízo ela se realiza. Antes denota, como o objeto direto, o ser sobre o qual recai a ação.
- b) Não corresponde, na 3ª pessoa, às formas pronominais átonas *lhe, lhes*, mas às formas tônicas *ele, ela, eles, elas*, precedidas de preposição, conforme abaixo<sup>6</sup>:

(18) assistir a um baile – assistir a ele

(19) depender de despacho – depender dele

(20) precisar de conselhos – precisar deles

(21) anuir a uma proposta – anuir a ela

(22) gostar de uvas – gostar – delas

(23) reparar nos outros – reparar neles.

Por fim, o autor introduz ao estudo do complemento verbal o complemento circunstancial. O complemento circunstancial “é um complemento de natureza adverbial – tão indispensável à construção do verbo quanto, em outros casos, os demais complementos verbais” (ROCHA LIMA, 2013, p. 311). Sobre este complemento, Rocha Lima (2013, p. 311-312) assevera que se compararmos frases do tipo: *Irei a Roma e Jantarei em Roma*, perceberemos “que, na segunda, o liame entre a preposição e o substantivo se nos mostra muito mais íntimo do que na primeira, onde, pelo contrário, a preposição como que forma bloco com o verbo.” Dessa forma, o autor ressalta que temos dois sintagmas: *Irei a/Roma e Jantarei/em Roma*. Logo, “por seu valor de verbo de direção, ir, exige, por assim dizer, a preposição “a” para ligá-lo ao termo locativo”. Além disso, Rocha Lima (2013, p. 312) destaca que “este complemento pode construir-se, também, sem preposição: *A guerra durou cem anos*”.

Para os nossos objetivos, a distinção entre objeto indireto e os complementos relativo e circunstancial é relevante, porque apenas o primeiro é substituível por clítico, por definição. E a cliticização é um fenômeno central em nossa discussão.

---

<sup>6</sup> Rocha Lima (2013, p. 311); dados numerados.

Por fim, sobre os chamados “complementos dativos”, é importante acrescentar as considerações de Brito (2009, p. 149-150) sobre dativos argumentais e dativos não argumentais. A autora mostra, utilizando três critérios, que é possível distinguir objetos indiretos verdadeiros e objetos indiretos não argumentais.

O primeiro critério [...] diz respeito ao significado associado a cada verbo; assim, enquanto com verbos do tipo *dar*, *entregar*, mesmo quando não têm argumento OI expresso, é necessário interpretá-lo, com verbos como *colocar*, *preparar*, *construir*, essa interpretação não é necessária, embora seja em certos casos possível, mostrando que com este segundo grupo tais constituintes não são argumentos verdadeiros dos predicados verbais.

Um segundo critério é o teste da pergunta com *fazer* e o constituinte preposicional em causa: um argumento verdadeiro não participa facilmente numa pergunta com *fazer* e a resposta com o V e o argumento interno não é adequada:

(24) \* O que é que o João fez ao Pedro?<sup>7</sup>

— Ofereceu um CD. [...] (BRITO, 2009, p. 149, exemplo41).

Com verbos como *colocar*, *preparar*, *construir*, este mesmo teste funciona em sentido contrário, o que mostra que não estamos perante verdadeiros argumentos:

(25) O que é que o pai fez à filha?

—/ Construiu uma casa. [...] (BRITO, 2009, p. 149, ex.43).

Um terceiro critério é dado pelas nominalizações: se a nominalização é um processo sintático, como é definido pela Morfologia Distribuída, prevê-se que só os argumentos OI verdadeiros, dependentes da raiz verbal, sejam adequados (...).

(26) A dádiva da casa à filha [...] (BRITO, 2009, p. 150, ex.47).

(27) ?A construção da casa à filha deu algum burburinho na família(BRITO, 2009, p. 150, ex.52).

Brito (2009) conclui afirmando que:

[s]ão verdadeiros argumentos os OI com verbos de transferência física e mental, como *dar*, *oferecer*, *doar*, *mandar*, *enviar*, *comunicar*, *dizer*, *recomendar*, *entregar*, *prometer*, *vender*, *comprar*, *etc.*;tais OI recebem tipicamente a interpretação de beneficiário, meta, origem.(...)Não são verdadeiros argumentos os OI com verbos como *pôr*, *colocar*, *construir*, *preparar*, *cortar*, ou com *dar*, *fazer* como Vs leves.(...) De qualquer modo, ambos se comportam do mesmo modo relativamente à atribuição de caso dativo (BRITO, 2009, p. 150).

<sup>7</sup> Brito (2009, p. 149-150); dados renumerados.

## 2.2 A pesquisa variacionista sobre o Português brasileiro

Como se sabe, a teoria da variação não define como tarefa sua a elaboração de propostas teóricas, quer de natureza fonológica, quer de natureza sintática. Para efeito de descrição das variantes, lança mão de modelos teóricos independentes. Tendo isso em conta, vejamos o modo pelo qual trabalhos variacionistas sobre dativo no Português brasileiro descrevem a variável dependente e suas variantes.

### 2.2.1 Português brasileiro falado

Estudos sobre dativos a respeito de diferentes regiões brasileiras estão disponíveis na literatura, mas nenhum tem como objeto a fala teresinense, conforme veremos a seguir.

Para Berlinck (1997, p. 1), “o complemento “objeto indireto” (OI) ou complemento dativo apresenta três possibilidades de realização no Português brasileiro”, a saber: sintagma preposicionado, pronomes clíticos dativos e categoria vazia. Nessa perspectiva, Berlinck (1997) investigou as condições de tais possibilidades em uma amostra de entrevistas informais com dados do *corpus* “A Fala dos Universitários de Curitiba” (composta por vinte horas de gravação) e dados do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL) /Rio de Janeiro. Em sua análise compara os casos em que o complemento dativo tem um valor anafórico.

Para a categoria vazia, a autora ressalta que há duas possibilidades de interpretação do complemento: ou ele se encontra numa relação de correferência com um elemento já citado antes (valor anafórico), ou ele não se refere a uma entidade única e específica, possibilitando uma interpretação arbitrária de seu referente. Berlinck (1997) contemplou em sua análise essas duas possibilidades.

Quanto às variáveis linguísticas, foram analisados os seguintes grupos de fatores: pessoa gramatical do complemento (1ª, 2ª e 3ª), papel temático do complemento (meta, beneficiário, meta + beneficiário e experienciador), tempo verbal expresso na frase (presente do indicativo, pretérito perfeito do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo e futuro do presente), aspecto verbal (durativo, iterativo, indeterminado, habitual, pontual e não-realizado) e a distância (antecedente e complemento). Entretanto, Berlinck (1997, p. 3) exemplifica apenas o fator aspecto verbal:

(28) a. Bom, *vocês tão me devendo*, porque vocês não tiram nota e *vocês tão me devendo também*, porque vão ser uns tapado quando crescer. (Exemplo14: p. 440)

-- durativo --



b. *O Luís faz um ano que liga pra mim e eu não ligo pra ele.* (Ex:19: p.549)

-- iterativo –

c. Por exemplo, *me interessa muito coisas de estética, sabe?* (Ex: 22: p. 659)

-- indeterminado –

d. A psicóloga é bem isso. Ela deixa que você/ Ela se emociona, *ela te dá apoio*,mas ela deixa que você sinta a dor, que você sofra com aquilo, entendeu? (Ex: 6: p. 63)

-- habitual –

e. Aí começou a me contar da vida dela. De repente ela me chama na sala dela e *me mostra a fotografia de dois meninos.* (Ex: 3: p. 666)

-- pontual –

f. *Eu vou emprestar uma fita pra ela* depois pra gravar o resto. (Ex: 17: p. 704)

-- não-realização de aspecto –.

Os resultados obtidos foram: para clítico dativo 26% (126/484) das ocorrências, preposição + pronome tônico 17% (83/484) e nulo anafórico 57% (275 casos em 484). Berlinck afirma que tais resultados, gerais, são relativizados quando cada um dos tipos de complemento é considerado conforme a pessoa gramatical que expressa. Dessa forma, os índices apresentados são mais complexos. Os resultados foram estes: para o pronome clítico de 1ª pessoa 38% (88/229), de 2ª pessoa 61% (37/61) e de 3ª pessoa 0,5% (1/194); para o pronome tônico de 1ª pessoa 8% (17/229), de 2ª pessoa 18% (11/61) e de 3ª pessoa 28.5% (55/194); para a categoria vazia de 1ª pessoa 54% (124/229), de 2ª pessoa 21% (13/61) e de 3ª pessoa 71% (275/484).

Conforme a autora, esses resultados indicam que estaria havendo mudança em favor do nulo anafórico, pois ele não só constitui a forma mais frequente, mas também permite associação que estabelece com o papel temático [meta] (seja ela anafórica ou de interpretação arbitrária), com os tempos presente, pretérito imperfeito e pretérito perfeito do indicativo e com os valores aspectuais pontual, habitual e iterativo.

Do conjunto de fatores analisados, a autora avalia que os fatores distância, tempo e aspecto verbal merecem ser investigados com maior profundidade, porque a variação da expressão do complemento não se resolve completamente no âmbito da estrutura argumental do verbo.

Fagundes (1997) examinou uma amostra de fala composta por 72 entrevistas referentes a três capitais do Sul do Brasil, Florianópolis (SC), Curitiba (PR) e Porto Alegre (RGS), sobre

as ocorrências de objeto indireto,<sup>8</sup> especificamente, ausência de preenchimento, pronomes lexicais e clíticos, em função de fatores linguísticos (traço +- animado do referente) e sociais (localidade, sexo, faixa etária e nível de escolaridade).

Segundo Fagundes (1997, p.69), o *corpus* foi constituído da seguinte forma: “1.278 ocorrências, sendo que 978 dizem respeito a ocorrências de *clíticos, pronomes lexicais e ausência de preenchimento OD*”. As 300 ocorrências restantes dizem respeito aos *pronomes lexicais* (255 = 85%) e à *ausência de preenchimento* (45 = 15%) do OI (não houve registro de ocorrência para *clítico OI* que pudesse ser considerada).

O autor ressalta que o uso de objeto indireto nulo é condicionado pelo traço [+animado]. No entanto, o traço [-animado] mostrou tendência quase categórica à aplicação da regra do objeto nulo [.90], enquanto o traço [+animado] do referente do objeto indireto tem peso relativo bem próximo do ponto neutro e com leve tendência à inibição da regra [.52].

O autor argumenta que especificidades de cada tipo de objeto podem interferir nos resultados desse grupo de fatores. Assim, o objeto indireto requer uma análise mais refinada por poder se articular com preposição. Quanto ao uso do pronome lexical, Fagundes (1997) verificou que sua ocorrência é altamente favorecida pelo traço [+animado] para o objeto indireto e que tal pronome é a forma predileta dos falantes mais jovens e com nível escolar de segundo grau. Entretanto, os falantes com nível de escolaridade ginásial têm predileção pela ausência de preenchimento. Entretanto, no que se refere ao uso dos clíticos, o autor constatou que se encontram em desaparecimento no português falado na região Sul do Brasil, sendo que as raras ocorrências do objeto indireto encontram explicação no uso de frases feitas. Fagundes (1997, p. 57) cita o exemplo de número 39 com ocorrências de frases feitas: “... ela foi, foi indo, foi indo, ficou enorme ao ponto de a gente olhar Ø, pensar que a barriga ia estourar e dá-*lhe* antibiótico, dá-*lhe* antibiótico, dá-*lhe* antibiótico pra ... (23 FLP M B SEG SLIN: 500)”. O autor ressalta que “as três ocorrências de (39) têm em comum o fato de o verbo *dar* exigir como preposição *a* ou *para*, quando substituímos a forma sintética pela forma analítica”.

Os resultados desta pesquisa corroboram com os de outros estudos na medida em que levam ao reconhecimento de uma tendência de desaparecimento dos clíticos de terceira pessoa no português falado no Brasil.

Freire (2000, p 6)<sup>9</sup> ressalta em nota que:

<sup>8</sup> Tal como Fagundes (1997), Freire (2000 e 2005), Dalto (2002) e Silva (2016), que serão resenhados a seguir, analisaram o objeto direto também, mas não incluiremos essa análise aqui porque o foco desta pesquisa é apenas o objeto indireto.

<sup>9</sup> Assim como Freire (2000), Gomes (2001), Dantas (2007), Freire (2005) e Cruz (2007) que serão resenhados a seguir comparam os dados do PB com os do PE, mas não incluiremos esta comparação aqui porque o foco deste

[d]e um modo geral, as gramáticas de cunho normativo reúnem sob o mesmo rótulo de *objeto indireto* complementos regidos por preposição de valores semânticos distintos (beneficiário, locativo, temporal, relativo) e de comportamento morfossintático diferente (com ou sem a possibilidade de substituição por um clítico correspondente), isto é, argumento *versus* adjunto. Em concordância com a distinção proposta por [Câmara Junior] (1997,180), entre o objeto indireto *stricto sensu* e o *lato sensu*, a presente pesquisa só tratará do primeiro, visto que admite ser substituído pelo clítico dativo correspondente: nos dados aqui analisados, o clítico *lhe*.

Além disso, o autor afirma em nota que:

[s]egundo a tradição da gramática latina, o dativo beneficiário é o argumento interno do verbo que representa a entidade em cujo benefício ou prejuízo se realiza a ação verbal, ocorrendo quase sempre em estruturas que exigem dois argumentos internos, mas podendo aparecer também em estruturas que pedem apenas um único argumento interno dativo (FREIRE, 2000, p. 38).

Em sua Dissertação, Freire analisou uma amostra do português culto falado. A amostra foi cedida pelo Projeto Norma Urbana Culta (NURC) – RJ, em 1992, constituindo-se da fala de 12 informantes com nível superior.

Como variável dependente foi definida a realização do objeto indireto (dativo) anafórico de terceira pessoa: clítico dativo, pronome lexical, SN anafórico e dativo nulo. Como variável independente foram definidos os seguintes fatores: distância do antecedente (oração imediatamente anterior e contexto precedente), papel temático (dativo beneficiário de verbos com acusativo, dativo beneficiário de verbos sem acusativo, dativo alvo, dativo posse e dativo de interesse), ordem do clítico (próclise, próclise sem atrator, próclise ao infinitivo regido por preposição, ênclise e ênclise com atrator), tipo de preposição (a/para), referência (específica/genérica) e traço semântico ([+humano] e [-humano]).

Os resultados foram estes: clítico 0% (Ø), pronome lexical regido por preposição 57% (8), SN anafórico 7% (1) e dativo nulo 36% (5), reunindo um total de quatorze ocorrências. Conforme o exposto, esses resultados sinalizam que na função dativa há uma total ausência do clítico *lhe* em referência à terceira pessoa no português falado brasileiro. Freire (2000) atribui esse resultado ao enfraquecimento da concordância no português do Brasil. Esse enfraquecimento manifesta-se, do ponto de vista morfológico, pela ausência da 2ª pessoa; e, do ponto de vista semântico, pela possibilidade de interpretar a 3ª pessoa do singular como indeterminada. Os clíticos são, eles mesmos, elementos de concordância.

---

trabalho é apenas o Português brasileiro. Cabe ressaltar que Gomes (2001) comparou também com o Português de Moçambique.

O autor define o dativo nulo como uma estratégia de substituição do clítico. O elemento retomado pelo dativo nulo é de preferência um antecedente distante, situado no contexto precedente à última oração, realizado como pronome lexical ou por outro dativo nulo. Esse antecedente, se for [+ humano], realiza-se como pronome lexical (62%), se contiver o traço [- humano], o dativo nulo é favorecido (100%).

Segundo Silveira (2000, p. 190-191), os clíticos dativos são “aqueles que desempenham a função de objeto indireto nas orações”. A autora analisou objetos indiretos de 1ª, 2ª e 3ª pessoas na forma de clítico e na forma de pronome tônico em doze entrevistas, coletadas do Projeto Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil (VARSUL), referentes à cidade de Florianópolis (SC). As variáveis linguísticas testadas foram pessoa do discurso, transitividade do verbo, realização ou não do objeto direto, papel do objeto indireto, forma verbal, tempo verbal e ordem, e as variáveis extralinguísticas foram sexo, escolaridade e idade.

Os resultados obtidos foram estes: para clítico dativo 27% (49/180) das ocorrências e para pronome tônico 73% (131/180). Tal resultado é atribuído ao empobrecimento do sistema de clíticos dessa língua. Em nota, Silveira (2000, p. 205), sob a ótica de Silveira (1997), postula que:

[N]o PB, o clítico cede lugar para outras formas porque a cliticização é um processo derivacional bastante custoso. O clítico, por apresentar um estatuto misto, de sintagma e de núcleo (conforme Sportiche 1992), se submete a movimentos adicionais na estrutura da oração, o que torna a derivação mais custosa, o que não acontece, por exemplo, com a forma tônica. Esta não tem estatuto nuclear, e, por isso, realiza menos movimentos do que o clítico.

Do conjunto de fatores testados pela autora, somente a pessoa do objeto indireto e a realização ou não do objeto direto mostraram-se estatisticamente significativos em relação ao fenômeno investigado. Segundo Silveira (2000), talvez isso se dê ao número reduzido de dados analisados: 180. Os resultados para a realização do objeto indireto na forma de clítico em função da variável pessoa do discurso apontam para uma polarização no comportamento da 1ª (29/68 = 43% / .80) e da 2ª (17/24 = 71% / .95) pessoas versus a 3ª pessoa (1/56 = 2% / .09). Silveira argumenta que a 1ª pessoa (P1) favorece o uso do clítico porque identifica o centro dêitico do ato comunicativo, enquanto a terceira pessoa (P3) desfavorece. No que concerne à 2ª pessoa, essa tende a ser mais cliticizada (.95) do que a 1ª pessoa do singular (.80) e do plural (2/32 = 6% / .27). A autora verificou que, quando o objeto direto aparece expresso na oração, o dativo tende a se cliticizar mais (peso relativo = .61) do que quando o objeto direto aparece apagado (.38). Tais resultados confirmam assim suas hipóteses em relação a esse grupo de fatores: “quando os falantes expressam os dois objetos exigidos pelo verbo, eles preferem colocar um

objeto antes e o outro depois do verbo, sendo que o anteposto se realiza na forma de clítico” (SILVEIRA, 2000, p. 195).

Portanto, a autora ressalta que, apesar de os dados revelarem a pouca ocorrência dos clíticos, não se pode negar que os clíticos ainda resistem, embora seja bastante evidente que sua sobrevivência se vê ameaçada. Além disso, destaca ainda que, de maneira geral, os clíticos são substituídos, com muita frequência, por outras formas; tais substituições integram o conjunto de modificações que vem sofrendo o sistema pronominal do português.

Gomes (2001) define como objeto de pesquisa os reflexos da redução do paradigma pronominal no Português brasileiro nas estratégias de expressão de dativo anafórico de verbos bitransitivos. A amostra analisada foi cedida pela amostra Censo (RJ), em 1980-1982, constituindo-se da fala de informantes com escolarização fundamental e média. As variantes selecionadas foram clítico, NP, PP e nulo. Já como variável independente foram definidos os seguintes fatores: pessoa gramatical (1ª, 2ª e 3ª), ordem dos complementos do verbo (V-OD-OI e V-OI-OD) e preposição (a, para e preposição nula).

O total de 153 ocorrências distribuiu-se do seguinte modo: clítico 54/153 (35%), PP 62/153 (40%), NP 10/153 (7%) e objeto nulo 27/153 (18%). Esses resultados revelam que o uso de sintagmas preposicionados supera o uso de clíticos e que os sintagmas nominais sem preposição são a estratégia menos empregada.

Quanto ao conjunto de fatores examinados e testados pela autora, os resultados encontrados para a realização do dativo em função da variável pessoa do discurso foram os seguintes: 1ª pessoa do singular ocorreu na forma clítica 44/64 (68%), na forma PP 7/64 (10%), na forma NP / (0%) e na forma nula 5/64 (10%); 1ª pessoa do plural: clítico /, PP 4/64 (6%), NP / e nulo 4/64 (6%); 2ª pessoa: clítico 10/19 (52%), PP 2/19 (12%), NP / (0%) e nulo 7/19 (36%); 3ª pessoa: clítico / (%), PP 49/70 (70%), NP 10/70 (14%) e nulo 11/70 (15%). De acordo com esses dados, a autora ressalta que há frequências altas de clíticos apenas para a 1ª pessoa do singular e a 2ª pessoa. Não existe ocorrência de clítico de 1ª pessoa do plural e de 3ª pessoa. Nesses casos, a ocorrência de PP é a variante mais frequente e há ocorrência de dativos NP, embora com frequência baixa. Conforme Gomes (2001), o Português do Brasil substitui os clíticos de 1ª pessoa do plural e de 3ª pessoa pelas outras estratégias, mais especificamente pelo sintagma preposicionado.

No que diz respeito ao fator ordem dos complementos do verbo, os resultados encontrados foram estes: para V-OD-OI 36/42 (93%) e para V-OI-OD 6/42 (7%). Para Gomes (2001), o Português do Brasil apresenta a possibilidade de variação na ordem dos complementos, embora tal variação seja incipiente.

Quanto ao fator preposição, foram constatados os seguintes resultados: 30/87 (34%) para a preposição *a*; 44/87 (50%) para a preposição *para*; e 13/87 (16%) para *preposição nula*. Logo, a preposição *para* é mais frequente e a *preposição nula* a menos frequente.

Em sua conclusão, Gomes (2001, p. 118) enfatiza que “[n]o Português brasileiro, o uso frequente de clítico restringe-se à 1ª pessoa do singular, não utiliza mais o clítico dativo como referencia à 3ª pessoa na língua falada e pode ainda ter a preposição do objeto indireto nula”.

Além disso, afirma que “[o] uso mais frequente da estratégia do sintagma preposicionado pode estar permitindo outras possibilidades de realização do objeto indireto tanto no que diz respeito à preposição que o introduz como em relação à ordem dos complementos dentro do sintagma verbal” (GOMES, 2001, p. 119).

Dalto (2002) comenta que as definições de objeto indireto fornecidas pelas gramáticas são essencialmente as mesmas, o que muda é apenas a ‘roupagem’ com que o problema é exposto.

Em sua pesquisa, Dalto define como objeto de análise o estudo do funcionamento dos pronomes-objeto de 1ª e de 2ª pessoas em 72 entrevistas tendo em média 45 minutos de gravação de conversas em estilo semidistenso (24 por cidade) coletadas do banco de dados do Projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana da Região Sul do Brasil). Os entrevistados são moradores das cidades de Florianópolis (SC), Curitiba (PR) e Porto Alegre (RS).

Os fatores linguísticos analisados nessa pesquisa foram os seguintes: *pessoa*: 1ª e 2ª; *função do complemento* (objeto direto e objeto indireto); *forma de realização do objeto* (preenchido e não-preenchido); *forma de representação do objeto* (pronome sujeito, pronome objeto e objeto nulo); *tempo e modo verbais*; *tipo de verbo* (discendi, suporte e outros); *tipo de interlocução* (discurso para o Entrevistador, discurso para o Interveniente, discurso Relatado de Terceiros e discurso Relatado do Falante) e *gênero de discurso* (narrativa, argumentação, receitas e explicações). Já os grupos de fatores sociais considerados foram *sexo*, *idade*, *escolaridade* e *localidade de origem*.

Na função de objeto indireto, as formas encontradas foram estas: clíticas (343/34%), pronomes lexicais (263/26%) e nulas (402/40%). Conforme Dalto (2002), o percentual de objetos indiretos preenchidos é de 60% em relação aos nulos. Os fatores condicionadores são o traço [+ animado], o qual está presente categoricamente nas ocorrências de primeira pessoa. Dalto avalia que os informantes dos três dialetos têm tendência de reconhecer no discurso do “outro”, e de atribuir a esse, o uso do objeto nulo. E afirma que esses resultados sugerem caminhos para novas pesquisas, como o refinamento da análise do objeto indireto e do grupo de fatores *escolaridade* por serem considerados importantes para o fenômeno do objeto nulo.

Dantas (2007, p. 16) destaca que “[a] ideia de Bechara (2003, p. 419) de que os estudiosos do assunto ainda não têm uma definição precisa do que seja objeto indireto é confirmada pelas contradições existentes entre os próprios gramáticos brasileiros a respeito de tal termo”. Para Dantas (2007, p. 34), “[o] certo é que [...] um objeto indireto sempre pode ser substituído pelo clítico *lhe*”. Além disso, a autora enfatiza que para estudar o complemento dativo em suas diversas maneiras de representação bebeu em várias fontes, inclusive na daqueles que representam a normatização, como elemento comparativo. Em sua Dissertação, a autora investigou o uso dos complementos dativos de 3ª pessoa em verbos bitransitivos de transferência material e transferência verbal. A amostra analisada constituiu-se de inquéritos respondidos por trinta e nove pessoas naturais de Fortaleza (CE). Os inquéritos pertencem ao *corpus* Português Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT).<sup>10</sup>

A variável dependente compõe-se de quatro variantes: objeto indireto lexical, nulo, anafórico tônico preposicionado e clítico. Foram testadas somente variáveis intralinguísticas, tendo em vista que a pesquisa não estava direcionada para aspectos sociais, porque, no Português brasileiro de Fortaleza, todos os falantes possuem o mesmo nível de escolaridade, e pertencem à mesma comunidade regional. Os fatores testados foram estes: papel temático dos complementos (meta/recipiente); papel temático dos complementos (origem/fonte); uso da preposição “a”, “para” ou “de”; sem uso de preposição; 3ª pessoa gramatical; 2ª pessoa gramatical; próclise ao verbo infinitivo; ênclise ao verbo finito; próclise ao verbo principal; ênclise ao verbo principal; próclise ao verbo auxiliar; ênclise ao verbo auxiliar; o tipo de oração (sentença raiz, primeira coordenada, oração principal, segunda coordenada e oração subordinada); tipo semântico do verbo (movimento material ou movimento psicológico).<sup>11</sup>

Foram analisadas ocorrências de dativos com verbos de transferência material e verbal, por tipo de dativo. Esta autora constatou que em todos os dativos por tipo de verbo a forma mais usada foi o *complemento nulo* com 1204 ocorrências, dos quais 611 ocorreram com verbos de transferência material, com um percentual de 38,37% e 593 com verbos de transferência verbal, com percentual de 37,24%, totalizando um percentual de 75,62% das realizações. Já para os complementos indiretos realizados fonologicamente, Dantas encontrou 227 objetos indiretos representados por *sintagmas nominais preposicionais*, sendo 167 (10,48%) com

<sup>10</sup> Esse *corpus* é constituído por 62 inquéritos realizados entre 1993 e 1994, sendo 13 diálogos informais, 30 inquéritos com explanação de temas formais, com a participação de dois documentadores, e 19 inquéritos com elocuições formais e resulta de uma pesquisa realizada na Universidade Federal do Ceará, sob orientação do professor José Lemos Monteiro, com auxílio das bolsistas do CNPq Aluísia Alves de Araújo e Kátia Oliveira.

<sup>11</sup> Vale ressaltar que Dantas (2007) incluiu em sua pesquisa uma discussão referente à análise formal (gerativista) dos dados, mas não trataremos dessa discussão aqui por não ser foco desta tese.

verbos de transferência material e 60 (3,68%) com verbos de transferência verbal. Quanto aos pronomes tônicos anafóricos preposicionados, perfizeram um total de 118 ocorrências, sendo 63 (3,95%) realizações com verbos de transferência material e 55 (3,45%) com verbos de transferência verbal. Por fim, as realizações clíticas, as quais foram as menos significativas: 15 ocorrências com verbos de transferência material (0,94%) e 28 com verbos de transferência verbal (1,75%).

Cabe ressaltar que desse total de clíticos, (15 verbos de transferência material + 28 verbos de transferência verbal = 43), há 6 acusativos e 34 de segunda pessoa (6 + 34 = 40). Assim, há apenas três clíticos dativos. As ocorrências são: (1) o próprio público *lhe* daria status; (2) assim *lhes* dá um desvio na boca e (3) o que *lhe* dá o direito, possibilita, permite a você. Desses três clíticos apenas um é dativo propriamente dito. A sentença (2) é dativo de posse porque a paráfrase com preposição é um adjunto adnominal (Assim *lhes* dá um desvio na boca/Assim dá um desvio na boca *deles*) e a (3) é dativo de 2ª pessoa porque a paráfrase com preposição resulta num sintagma do tipo *a você* (O que *lhe* dá direito, possibilita, permite a você/O que dá direito *a você*, possibilita, permite a você/\*O que dá direito *a ele*, possibilita, permite a você). Logo, considerando os três, o percentual de clíticos é de 2,54% (e não 2,69%); e, se fizermos a correlação das ocorrências, o percentual vai para 0,84%.

A autora observou que os falantes do Português Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT) utilizam o pronome *ele* na função de objeto direto. Quanto à ordem em relação ao verbo, 100% das realizações de colocação pronominal são de próclise, sendo 68,97% em relação ao verbo principal e 31,03% em relação ao verbo auxiliar.

A realização de dativos introduzidos pela preposição *para* apresentou realização considerável: 45,66% das 173 realizações, enquanto a preposição *a* apresentou percentual de 41,61%.

Conforme Dantas (2007), no Português brasileiro foram encontrados 9,82% de dativos introduzidos sem auxílio de preposição, isto é, construções de objeto duplo.

Portanto, embora as sentenças do *corpus* selecionadas do Português Culto de Fortaleza (PORCUFORT) abrangessem todas as formas de realização do dativo (dativos nulos, dativos realizados com os clíticos *lhe(s)*, dativos realizados com sintagmas nominais e com anafóricos preposicionados introduzidos pelas preposições *a* e *para* e por sintagmas nominais introduzidos sem auxílio de preposição), neste trabalho Dantas não mencionou os dativos clíticos de 1ª e de 2ª pessoas restringindo-se ao *lhe*.

Nascimento (2007, p. 21), na observação de Bruyn; Muysken; Verrips, (1999, p. 329), considera dativas:



[A]s construções com verbos que denotam transferência, material ou não, e atos comunicativos (verbos de elocução) e que, semanticamente, são completados com três argumentos: um emissor (ou transmissor), um objeto (ou mensagem) transferido e um destinatário (ou receptor) da ação expressa pelo verbo.

Tais “argumentos semânticos são expressos na sintaxe, respectivamente, pelo que tradicionalmente se conhece como sujeito, objeto direto (OD) e objeto indireto (OI)” (NASCIMENTO, 2007, p. 22). Em sua Dissertação, o autor examinou a regularidade subjacente à variação no uso de formas introdutoras de complementos dativos de verbos bitransitivos em amostras de fala de quatro comunidades rurais de Goiás: Almeidas, Pombal, Traíras e Acaba Vida/Faz Tudo. Assim, essa pesquisa tem como foco, mais especificamente, o uso variável das preposições *a* e *para*, além da ausência da preposição, representada por  $\emptyset$ , para a introdução de complementos dativos.

Para tal fim, foram testadas variáveis linguísticas e extralinguísticas, a saber: informante; comunidade de fala; adjacência do objeto indireto (OI) em relação ao verbo (V); presença de objeto direto (OD) no sintagma verbal (SV); característica semântica do OI; característica morfológica de OI e de OD; *status* informacional de OI e de OD; coincidência fonética entre vogal final do verbo e preposição; relação semântica entre V e objetos; pessoa do discurso de OI; sexo e faixa etária.

Para efeito de quantificação, foram consideradas somente as construções com verbos que têm três argumentos e que semanticamente indicam transferência material e atos comunicativos.

Os resultados indicam que está havendo mudança em progresso nas amostras analisadas, na direção ao uso categórico da preposição *para* (237/74%), seguida pelo uso de clíticos dativos de primeira e segundas pessoas (50/15% do total). Com base na análise, em tempo aparente, foi possível verificar que as formas *a* (6/2%) e  $\emptyset$  (28/9%) tendem a desaparecer na fala de tais comunidades, confirmando uma generalização já presente em Gomes (1996) e em Oliveira (2005) da preposição *para* ser categórica.

Foram significativos os fatores *adjacência do objeto indireto em relação ao verbo* e *constituição morfológica do objeto direto* na ocorrência da forma  $\emptyset$ . Conforme Nascimento (2007), tal forma foi favorecida pelos ambientes linguísticos mais prototípicos de construções dativas. O autor assevera que, “através de princípios como a prototipicidade, a iconicidade e a economia das formas linguísticas, argumenta-se que o fenômeno variável tenha natureza funcional, uma vez que a forma  $\emptyset$  é favorecida por contextos em que a preposição representa

uma informação previsível” (NASCIMENTO, 2007, p. 8). Além disso, Nascimento (2007) ressalta que:

[A] preferência pela preposição *para* é explicada por sua maior transparência semântica na expressão do dativo e por sua neutralidade em relação às formas *a*, restrita a contextos mais abstratos, e  $\emptyset$ , socialmente estigmatizada e mais recorrente na fala de indivíduos não escolarizados (NASCIMENTO, 2007, p. 8).

Por fim, o autor conclui que

[A] variação observada nas comunidades rurais goianas segue a mesma tendência estrutural geral do Português do Brasil, que indica uma mudança em direção ao uso exclusivo de *para* na expressão do dativo, preposição esta mais clara quanto ao seu conteúdo semântico e já disponível no sistema português desde fases arcaicas da língua. A forma  $\emptyset$ , também mais transparente para contextos dativos e já presente em fases pretéritas do português, ainda permanece em algumas variedades do Português brasileiro menos influenciadas pela escolarização (NASCIMENTO, 2007, p. 156-157).

Silva (2016, p. 65) afirma que “[n]a tradição do latim, as categorias gramaticais eram divididas em casos, e, neste contexto [...] o objeto indireto era correspondente ao *dativo*, para indicar o beneficiário ou destinatário da ação”. Assim, “[n]o período de transição do Latim ao Português, o sistema de ‘casos’ latinos sofreu mutação para uma sintaxe de ‘ordem’, no português’. Em virtude disso, “o português teve que recorrer às preposições a fim de demarcar seu objeto indireto nas sentenças, visto que os valores dos casos latinos não existiam mais”. Dessa forma, “todo complemento verbal regido de preposição, independente de indicar o ser a que se destina a ação ou em cujo proveito ou prejuízo se realiza, deve ser incluído na categoria de objeto indireto” (SILVA, 2016, p. 65).

Em sua Dissertação, a autora analisou uma amostra de fala de Feira de Santana (BA), sobre as ocorrências do complemento acusativo e dativo, de 2ª pessoa do singular, focalizando as formas dativas de clítico (*te* e *lhe*), sintagma preposicional (*para você*) e objeto nulo. O objeto de estudo foi explorado em dois esquemas de análise: o uso variável dos clíticos *te* e *lhe* para referenciar o interlocutor e o uso variável dos clíticos *te* e *lhe* como objeto direto de referência à 2ª pessoa do singular. Para a realização da análise foram utilizadas sessenta entrevistas, sendo 36 de fala espontânea e 24 diretamente dirigida aos informantes, em ambos os sexos, distribuídos em três faixas etárias, assim descritas: 25 a 35 anos (faixa I), 45 a 55 anos (faixa II) e a partir de 65 anos (faixa III). As entrevistas de fala espontânea fazem parte do banco de dados do Projeto de Pesquisa *A língua portuguesa falada no semiárido baiano (Fase III)*, composto por 72 amostras de fala espontânea.

Para a análise, Silva (2016) levou em consideração as variáveis linguísticas (tempo e modos verbais) e as variáveis extralinguísticas (faixa etária e escolaridade).

Os clíticos dativos somam 205 ocorrências, sendo sua distribuição bem equilibrada: *lhe*, com 15,8% (92/205) e *te*, com 14,9% (91/205). A forma preposicionada *para você* atinge 3,2% (20/205) e objeto nulo 0,8% (2/205). Segundo a autora, a escolaridade dos informantes confirma a hipótese de que os falantes com menor escolaridade fazem mais uso do clítico se referindo à 2ª pessoa. São também os falantes a partir de 65 anos (faixa III) os que mais fizeram uso do clítico *lhe* para referenciar o interlocutor. A alternância para a forma canônica do clítico *lhe* em sua função sintática de dativo, a autora ressalta que é determinada pela presença do futuro perifrástico.

### 2.2.2. Português brasileiro escrito

Nascimento (1999) analisou uma amostra de língua escrita composta por 82 cartas pessoais de informantes adolescentes e adultos nascidos em Maceió (AL), mais exatamente, alunos de 1º grau (7ª e 8ª séries) e de segundo grau (1º ano) pertencentes a uma escola da rede particular de ensino e com 12 a 20 anos de idade. A análise detém-se na comparação entre o *lhe* acusativo e o *lhe* dativo. Nascimento (2001, p. 366) cita exemplo do *lhe* acusativo e do *lhe* dativo, respectivamente, a saber: “(5) Eu *lhe* amo! (21 –NA / 2º grau); (6) A segunda foi para lembrar-*lhe* de nossa noite... (27-DBF / 2º grau)”.

Nas 82 cartas analisadas, foram encontradas 84 ocorrências de *lhe*, sendo 61 (72.6%) de dativos e 23 (27.3%) de acusativos. Entretanto, em 28 cartas foram encontrados enunciados contendo o fenômeno linguístico em estudo.

As variáveis linguísticas independentes testadas foram colocação do pronome *lhe* em relação ao verbo, tipo de verbo e forma verbal em que o pronome *lhe* ocorre. Já as variáveis extralinguísticas independentes foram sexo, faixa etária e escolaridade. Entretanto, a autora optou por citar, nesse trabalho, apenas a variável linguística colocação do pronome *lhe* em relação ao verbo e a variável extralinguística sexo, por considerá-las mais relevantes no momento. Ambas foram consideradas significativas, tendo sido favorecidas a posição pré-verbal, com valores probabilísticos .52 no 1º grau, e .60 no 2º grau e o sexo, com índice probabilístico .54 no 1º grau feminino, e .63 no 2º grau masculino. Nascimento (1999, p. 366) ressalta que a posição pré-verbal foi favorecida “porque a colocação do pronome *lhe* no enunciado ocorre sem obedecer a regras gramaticais”. Quanto ao sexo, isso se explica por “atualmente haver uma maior aproximação entre a linguagem de homens e mulheres”, isto é,

ambos “compartilham trabalho e lazer, fazendo com que a divisão de tarefas se torne menos rígida” (NASCIMENTO, 1999, p. 367).

Nascimento (1999) concluiu que o pronome “*lhe* usado como acusativo e como dativo está em evidência e ocorre em cartas informais de jovens e adultos escolarizados de 1º e 2º graus”.

Além disso, Nascimento (1999, p. 367) observou que “o progressivo desaparecimento dos clíticos de terceira pessoa no português do Brasil tem contribuído para que a forma *lhe* passe a ocupar a função de objeto direto”.

Freire (2005, p. 14) afirma que, segundo a tradição greco-latina, dativo “é o complemento que representa o ser a que se destina a ação verbal ou em cujo proveito ou prejuízo é realizada”. Em sua Tese, o autor examinou a realização do complemento dativo anafórico de 3ª pessoa na língua escrita, a partir de textos de jornais e de histórias em quadrinhos de gibis, comercializadas no Rio de Janeiro entre os anos de 1995 e 2004. Esses gêneros textuais foram colhidos aleatoriamente a partir dos seguintes veículos: *Jornal do Brasil*, *O Globo*, gibis da *Turma da Mônica* e gibis da *Disney*.

Os dados de escrita da amostra foram organizados num contínuo, seguindo a metodologia proposta por Bortoni-Ricardo (2004), segundo a qual o fenômeno da variação linguística deve ser compreendido a partir do contínuo de urbanização, do contínuo de oralidade-letramento e do contínuo de monitoração estilística. Entretanto, como a amostra em estudo não contempla os *contínuos urbanização*, por não estarem envolvidas variedades urbana *versus* rural, e *monitoração estilística*, por não ser possível determinar com exatidão o grau de planejamento/espontaneidade dos textos colhidos, Freire (2005) optou por distribuir os dados da amostra no contínuo *oralidade-letramento*.

Como variável dependente foi considerado *o tipo de realização do dativo anafórico*: clítico [26% (41/155)], SP constituído por pronome lexical ou por NP anafórico [42% (65/155)] e dativo nulo [32% (49/155)]. Para a identificação das variantes alternativas ao clítico *lhe*, Freire (2005) usou como critério a possibilidade de substituí-las por esse mesmo elemento. Ademais, o autor fez a opção de só investigar o dativo argumental, porquanto se tornaria discutível e arbitrário determinar a ocorrência de uma categoria vazia em lugar do clítico no dativo não argumental, por este não fazer parte da grade temática do verbo. As variáveis independentes testadas foram *continuum de oralidade-letramento* ([+ oralidade/ - letramento]; [+oralidade/ \_ letramento]; [- oralidade/ + letramento]), *tipo de verbo* (bitransitivos (*dandi*, *dicendi* e *rogandi*) e transitivos indiretos), *ordem do clítico*, *tipo de preposição introdutora do SP anafórico* (a, para, etc.) e traço semântico (animacidade do referente).

Os resultados constatados foram estes: o clítico dativo exibe uma trajetória ascendente, com baixa produtividade no extremo de [+ oralidade], ligeiro crescimento no nível intermediário e forte alta no extremo oposto, ou seja, [+ letramento]; além disso, os verbos bitransitivos *dandi* foram identificados como os contextos mais apropriados à manutenção de tal uso. Por fim, o autor observou o fenômeno do enfraquecimento da concordância na variedade brasileira, porquanto os clíticos de 3ª pessoa (interpretados como elementos de concordância), praticamente ausentes na fala, são recuperados na escrita com muitas restrições estruturais, tais como a estrutura sintática e o traço semântico do referente.

Cruz (2007) ressalta que existe discordância entre os estudiosos da língua portuguesa em relação ao estatuto da categoria objeto indireto. Para Cruz (2007, p. 26), “há análises que caracterizam o objeto indireto como um argumento previsto na grade argumental de verbos de dois e três lugares” e outras que “situam tal categoria entre o complemento verbal e o adjunto ou afirmam que ela não se comporta como uma função exigida pelo verbo”. Dessa forma, tais divergências “apontam e justificam a necessidade de se investigar o comportamento do objeto indireto nos mais diversos contextos da fala e da escrita” (CRUZ, 2007, p. 26). Em sua Dissertação, o autor analisou as realizações do argumento dativo de terceira pessoa em um *corpus* de língua escrita formal traduzido do romance *Cem anos de solidão* de Gabriel Garcia Marques.

A análise detém-se ao comportamento de três variantes do dativo – o clítico *lhe/lhes*, os PPs *a/para ele(s)/ela(s)* e o pronome nulo – nos contextos de predicados ditransitivos, inacusativos, causativos, incoativos e inergativos. Em tais contextos, o argumento recebe as seguintes interpretações: *recipiente, fonte, possuidor, afetado, beneficiário*.

Para a análise, o autor selecionou os seguintes grupos de fatores: *tipo de verbo* (os que aparecem na grade argumental de verbos *transitivos, inacusativos, causativos e incoativos*), *papel temático do argumento dativo* (recipiente, beneficiário, possuidor, fonte, experienciador, afetado e ético), *traço semântico* (+ animado, - animado), *colocação do clítico* (próclise a um verbo finito, ênclise a um verbo finito, próclise ao auxiliar, ênclise ao auxiliar, próclise ao verbo principal: infinitivo, gerúndio ou particípio, ênclise ao principal: infinitivo ou gerúndio e mesóclise) e *tipo de sentença* (sentença raiz, subordinada e coordenada).

Quanto ao fator tipo de verbo, Cruz (2007) adotou a tipologia verbal proposta por Torres-Morais & Berlinck (2006), por alcançar mais amplamente os casos de argumentos dativos selecionados nas amostras do Português do Brasil e do Português europeu, a saber: *verbos transitivos de atividade direcional* (transferência material, verbal e os verbos de movimento físico e abstrato), *verbo transitivo de criação*, *verbo transitivo de atividade não-*

*direcional, verbo transitivo estativo, inacusativo psicológico, inacusativo existencial, inacusativos (outros), causativo, incoativo e inergativo.*

A distribuição do total de dados nas três variantes analisadas por Cruz (2007) pode ser observada na Tabela 1.

Tabela 1 - Distribuição dos dados de acordo com a variedade usada

Variedade	Clítico	Pronome Lexical	Pronome Nulo
Português brasileiro	575/829 (69%)	78/829 (9%)	176/829 (21%)

Fonte: Adaptação de Cruz (2007, p. 75). Tabela 8.

Conforme a Tabela 1, os resultados obtidos mostram que o dativo clítico foi o mais empregado, com 69% das ocorrências, seguido do dativo nulo com 21% das ocorrências; e, por fim, do dativo preposicionado com apenas 9% das ocorrências.

O autor assevera que, em cinco contextos da tipologia verbal, o emprego *do lhe* atingiu índice igual ou superior a 75%, chegando a 94% nos casos de verbos transitivos de atividade não-direcional. Já em outros três contextos verbais, a frequência ficou entre 60% e 68%.

Quanto às ocorrências dos PPs, Cruz (2007) ressalta que elas se concentraram nos contextos dos verbos transitivos de atividade direcional e dos verbos transitivos de criação.

No que diz respeito ao pronome nulo, o autor afirma que não se verificou um largo uso dessa estratégia, sendo que o índice de emprego chegou a 21% e as ocorrências foram distribuídas em todos os contextos da tipologia verbal.

O autor também observou que, no Português brasileiro, há uma competição entre as preposições *a* e *para* na introdução do argumento dativo, pois dos 78 PPs encontrados, 24 (31%) foram construídos com a preposição *para* e 54 (69%) com a preposição *a*. No entanto, 70% das ocorrências da preposição *a* estavam relacionados a verbos *discendi*.

Outro aspecto constatado pelo autor foi a colocação dos clíticos na sentença. Nos contextos de verbos finitos, a próclise atingiu um percentual mais produtivo, 62% das ocorrências.

Além disso, Cruz (2007) constatou que as diferenças relativas ao emprego do clítico *lhe* com valor possessivo apresenta frequência moderada, 35%, pois a ideia de posse nessa variedade é bem representada pelos pronomes possessivos *seu(s)*, *sua(s)*.

Por fim, o autor menciona que os resultados quantitativos mostram que o Português brasileiro apresenta diferenças quanto à expressão do argumento dativo na língua escrita formal.

Todavia, esse autor não aborda em sua dissertação os clíticos de 1ª e de 2ª pessoas e a variante preposicionada não inclui SNs plenos.

Oliveira (2014, p. vi) chama de dativo “o argumento interno dos verbos de dois ou três lugares com papel semântico de alvo ou fonte e substituível por *lhe*”. Em sua Dissertação, investigou a realização do complemento dativo, de 2ª pessoa do singular, nas formas de clítico (*te* e *lhe*), sintagma preposicional (*a ti*, *para ti*, *a você* e *para você*) e objeto nulo (*sem realização fonética*) em 318 cartas particulares escritas por cariocas e fluminenses no período de um século (1880-1980). Para a análise o autor levou em consideração as variáveis linguísticas (a forma pronominal utilizada na posição de sujeito, o tipo de verbo quanto à estrutura argumental, as categorias distintivas quanto ao valor semântico do verbo e a forma do objeto direto) e as variáveis extralinguísticas (o período de tempo, o subgênero de carta particular, a seção da carta e a amostra do *corpus* na qual o dativo ocorreu).

Os resultados obtidos foram os seguintes: para os clíticos dativos *te* 57,2% (464/811) da amostra e *lhe* 11,3% (92/811), objeto nulo 22,3% (181/811) e sintagmas preposicionais (preposição + pronome) *a ti* 2,7% (22/811), *para ti* 0,4% (3/811), *a você* 2,6% (21/811) e *para você* 3,4% (28/811).

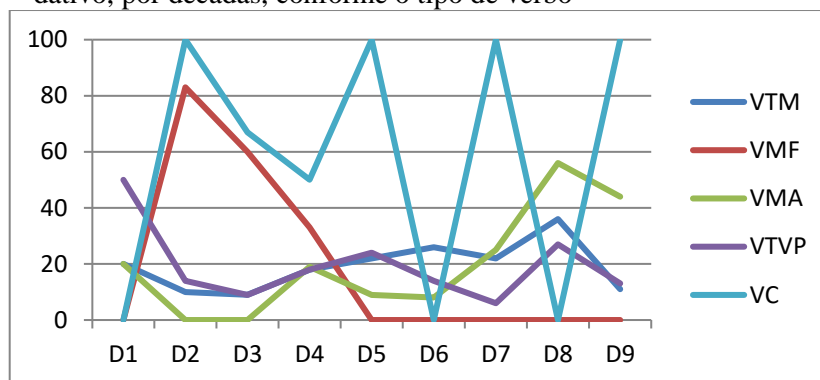
No âmbito geral, segundo o autor, os resultados revelam que o clítico *te* é a variante dativa mais recorrente independente do tratamento na posição de sujeito (*você* ou *tu*); o clítico *lhe* confere caráter de formalidade, marcando baixo grau de intimidade entre os interlocutores; as formas preposicionadas revelam baixa frequência de uso, ocorrendo a substituição das formas *a ti* e *para ti* por *a você* e *para você* ao longo do tempo; os subgêneros de carta particular, o núcleo social dos missivistas e o grau de domínio sobre os modelos de escrita são fatores que condicionam o uso das variantes em análise.

Calindro (2016) analisa construções de dativo de 3ª pessoa num *corpus* diacrônico, do período de 1921 a 2000, de linguagem jornalística: a primeira página do jornal Folha de S. Paulo. O *corpus* compõe-se de 235.587 palavras. As variantes foram o clítico “*lhe*”, e outras realizações de objeto indireto. No rol das “outras realizações”, foi feita nova análise, tomando-se como variantes as preposições “*a*” e “*para*”, quando introdutoras de objeto indireto. A ferramenta eletrônica utilizada foi o eDictor, para busca e etiquetagem morfológica dos dados. O fator interno testado foi o tipo semântico do verbo (transferência material (VTM), transferência verbal e perceptual (VMVP), movimento físico (VMF), movimento abstrato (VMA) e de criação (VC)).

Os resultados são apresentados em percentuais. No conjunto de 598 dados, houve seis ocorrências de clíticos, onze ocorrências de preposição seguida de pronome e 581 de sintagmas

nominais plenos. Dos 592 dados não clíticos, 20% apresentam preposição “para” e 80% preposição “a”. A divisão dos dados em nove décadas mostrou os seguintes perfis, em relação ao percentual de ocorrências de preposição “para”.

Gráfico 1 - Distribuição de preposição “para”, introdutora de dativo, por décadas, conforme o tipo de verbo



Fonte: Adaptação dos Gráficos (4 a 8) de Calindro (2016, p. 99-105).

Retomando Torres de Moraes e Berlinck (2015), Calindro argumenta que “a” se associa ao indireto [+/-animado] e “para” ao objeto indireto locativo, e faz nova análise quantitativa, agrupando, de um lado, os argumentos [+/- animado] e os locativos por outro.

Seus novos resultados mostram que:

[D]esde a década de 1920, há exemplos de argumentos indiretos introduzidos por *para*, sendo que, este [argumentos +/- animado com verbos de movimento abstrato] é um dos contextos em que [para] tem representação relevante nos dados, chegando a superar o uso de *a* na década de 90 (CALINDRO, 2016, p.118).

Os percentuais de “para” nas três últimas décadas são, respectivamente, 25%, 33%, e 44% (p.118, depreendido do gráfico 13). Calindro conclui que, para os falantes brasileiros, as preposições “a” e “para” passaram a se equivaler, no que diz respeito às suas propriedades intrínsecas, por isso haveria variação entre as duas preposições com verbos de transferência verbal e perceptual nas duas últimas décadas; e, no que diz respeito aos objetos verbos de criação, “a preposição *a* é categoricamente substituída por *para* nas décadas mais recentes do século XX” (CALINDRO, 2016, p.120). A respeito dos complementos locativos, a autora ressalta que esses sempre apresentaram variação entre as preposições nos dados históricos.

Calindro sustenta que “com a perda das marcas morfológicas de dativo, representada pela preposição funcional “a” e pelo clítico “lhe” – O PB está fazendo um movimento tipológico (...) se aproximando das línguas nas quais as preposições são todas lexicais e não há marca morfológica de caso” (p. 122).



Calindro (2016, p. 175) assume que “o PB possui apenas construções ditransitivas preposicionadas” e que “a” e “para” são o núcleo de uma projeção sintática pP, isto é, um sintagma preposicional estendido, que contém em seu sujeito um objeto direto e, em seu complemento, um sintagma que é o objeto indireto, conforme propõe Wood e Marantz (2015). Afirmam que o objeto indireto no PB é sempre um complemento oblíquo, isto é, um complemento “introduzido por preposição transitiva” (CALINDRO, 2016, p.18 e p.54), “que não pode ser [cliticizado]” (p.151, nota 54, seguindo Duarte (2003, p. 296).

### **2.3 Contribuições e problemas sobre os dativos no PB**

Após a leitura dos estudos variacionistas sobre dativo no Português brasileiro, fica claro que o que mais tem chamado a atenção dos pesquisadores é o fato de os clíticos de 3ª pessoa estarem quase completamente ausentes. Freire (2000, p. 96) atribui a baixa frequência de clítico de 3ª pessoa ao enfraquecimento da concordância no português do Brasil, acompanhando Galves (1993; 2001), e conclui que “os clíticos de 3ª pessoa, por serem interpretados como elementos de concordância, já não fazem parte do sistema linguístico do Brasil”.

A questão principal que queremos discutir é a seguinte: as generalizações sobre dativos (ou sua ausência) no Português brasileiro, resultantes das análises de dativos de 3ª pessoa, se aplicam aos dativos de 1ª e 2ª pessoas? Será que, de fato, não mais existem complementos dativos no Português brasileiro, mas apenas complementos oblíquos, conforme argumenta Calindro (2016)?

Os resultados obtidos até o momento mostram que há variação nas realizações de clíticos de 1ª e 2ª de pessoas (BERLINCK, 1997; SILVEIRA, 2000). As comparações entre dialetos mostram o uso do “lhe” acusativo (FREIRE, 2005). Tem sido verificada estratificação por sexo e idade no Português brasileiro (DALTO, 2002). Há variação entre preposições que introduzem os dativos (NASCIMENTO, 2007). Logo, a variação entre as realizações de 1ª pessoa (clítica ou pronominal) e também de 2ª pessoa é um fenômeno “que não se mostra ausente” no Português brasileiro. E, como tal, deve ser investigado nos diferentes dialetos.

Os diferentes autores usam terminologia assistemática, termos distintos para se referirem ao mesmo fenômeno e mesmo nome para fenômenos distintos. Veja-se que os termos para indicar o dativo ausente junto a verbo de transferência material ou verbal aparecem os termos categoria vazia (BERLINCK, 1997, p. 1; FREIRE, 2000, p. 82 e 95); ausência de preenchimento/objeto indireto nulo (FAGUNDES, 1997, p. 86; GOMES, 2001, p. 106; 111;

SILVEIRA, 2000, p. 190); pronome nulo (DALTO, 2002, p. 114), complementos nulos (DANTAS, 2007, p. 141-142); variante Ø (NASCIMENTO, 2007, p. 117).

Para fazer referência à realização de dativo como pronome pessoal, aparecem os termos sintagma preposicionado com pronome tônico (BERLINCK, 1997, p. 1); sintagma preposicionado com a forma pronominal tônica (GOMES, 2001, p. 106 e 111); forma tônica e forma lexical (DALTO, 2002, p. 114); pronomes tônicos anafóricos (DANTAS, 2007, p. 141-142).

Alguns trabalhos focalizam a 1ª, a 2ª e a 3ª pessoas; outro só a 1ª e a 2ª pessoas, outro só a 2ª pessoa e outros só a 3ª pessoa; mais de 50% dos trabalhos analisados têm como objeto de estudo a 3ª pessoa. Há trabalhos com os resultados apresentados em percentuais, outros em peso relativo, outros sem informar o resultado numérico, apresentando apenas os gráficos.

Onze<sup>12</sup> dos catorze trabalhos analisados consideram como variante o dativo nulo (exceto Nascimento (1999), Silveira (2000) e Calindro (2016)). Entretanto, falta uma definição formal do que seja a “categoria” dativo nulo.<sup>13</sup>

Conforme assinala Cyrino (2000), acompanhando Dillinger et al. (1996), “objetos indiretos nulos poderiam ter o estatuto de adjunto ou não” (p. 51). O fato de objetos indiretos nulos serem favorecidos em elocuições formais afasta-os dos objetos diretos nulos e “parece sugerir que o objeto direto nulo tem um caráter mais anafórico que o objeto indireto nulo, o que também reforça a ideia de “adjunto” para certos objetos indiretos” (p. 52).

Cyrino (1998) se manifesta diferentemente, ao argumentar que, dependendo do verbo, o objeto indireto pode ser fonologicamente nulo, isto é, quando for, de fato, um complemento e não um adjunto.<sup>14</sup> Esse conjunto de flutuações e assistemáticas decorre certamente do caráter múltiplo do fenômeno em estudo. Possivelmente, sob o rótulo de dativo inclua-se um conjunto de construções. Conforme Brito (2009, p. 141-142):

[A]s construções de Objeto Indireto (OI) ou dativas, designações que utilizarei (...) de modo bastante abrangente e propositadamente impreciso, têm dado origem a importantes análises nos estudos sobre o Português. Qualquer dos autores que estudaram este tema (Duarte, 1987; 2005; Xavier, 1989; Gonçalves, 1990; Vilela, 1992; Silva, 1999; Morais, 2006) se deram conta do carácter não homogêneo do OI, em particular da distinção entre o estatuto obrigatório e livre, se referiram ao facto de existirem dativos dependentes de verbos de três e de dois argumentos e de o OI poder ter diferentes interpretações, nomeadamente de beneficiário, meta, malefactivo, origem.

<sup>12</sup> São oito de língua falada e três de língua escrita.

<sup>13</sup> Razão pela qual essa “categoria” ficou excluída do levantamento de nossos dados.

<sup>14</sup> Para uma discussão mais atualizada do tema no Português brasileiro, ver Moretti (2010).

Na tentativa de sistematizar os resultados quantitativos, apresentaremos um Quadro e uma Tabela sobre a modalidade oral. No Quadro aparecem os recortes, em relação ao traço [pessoa], feitos pelos autores nos diferentes dialetos do Português brasileiro. O mesmo procedimento será adotado em relação à modalidade escrita.

Quadro 1 - Dativos no Português falado brasileiro

Pesquisas	Berlinck (1997)	Fagundes (1997)	Freire (2000)	Silveira (2000)	Gomes (2001)	Dalto (2002)	Dantas (2007)	Nascimento (2007)	Silva (2016)
Localidade	Curitiba	Florianópolis, Curitiba e Porto Alegre	Rio de Janeiro	Florianópolis	Rio de Janeiro	Florianópolis, Curitiba e Porto Alegre	Fortaleza	Almeidas, Pombal, Traíras e Acaba Vida/Faz Tudo	Feira de Santana
Instrução	Superior incompleto	Fundamental e médio	Superior	Fundamental (1ª a 4ª) e médio	Fundamental e médio	Fundamental e médio	Superior	Analfabe-to/semi-analfabe-to	Fundamental incompleto e superior
Corpus	Entrevistas informais (PEUL)	Entrevistas	Amostra de fala culta (NURC)	Entrevistas	Amostra de fala (Censo)	Entrevistas (VARSUL)	Entrevistas Palestras	Amostra de fala	Entrevistas
Quantidade	20 horas de gravação	72 (24 por cidade)	12 informantes	12 informantes	Não específica	72 (24 por cidade)	62 inquéritos do corpus Porcufort	(4 comunidades rurais de Goiás)	60 informantes
Pessoa do clítico	1ª, 2ª e 3ª	3ª	3ª	1ª, 2ª e 3ª	1ª, 2ª e 3ª	1ª e 2ª	3ª	1ª, 2ª e 3ª	2ª

Fonte: Elaboração da Autora.

Para a elaboração do Quadro 1, os parâmetros foram as pessoas gramaticais acompanhadas das demais referências: local da amostra, instrução dos informantes, tipo de corpus e horas de gravação.

Tabela 2 - Distribuição de dativos por pessoa gramatical na modalidade oral por área geográfica

Pesquisas	Berlinck (1997)	Fagundes (1997)	Freire (2000)	Silveira (2000)	Gomes (2001)	Dalto (2002)	Dantas (2007)	Nascimento (2007)	Silva (2016)
Localidade	Curitiba	Florianópolis, Curitiba e Porto Alegre	Rio de Janeiro	Florianópolis	Rio de Janeiro	Florianópolis, Curitiba e Porto Alegre	Fortaleza	Almeidas, Pombal, Traíras e Acaba Vida/Faz Tudo	Feira de Santana
Instrução	Superior incompleto	Fundamental e médio	Superior	Fundamental (1ª a 4ª) e médio	Fundamental e médio	Fundamental e médio	Superior	Analfabe-to/semi-analfabe-to	Fundamental incompleto e superior
1ª. pessoa	88/229 38%			31/100 35%	44/64 68%	363/606 60%			
2ª. pessoa	37/61 61%			17/24 71% / .95	10/19 52%	99//80% -F 139/87% - C 105/83%PO Total geral 83,3%			30,7% (182/205)
3ª. pessoa	0.5%	Insignificante p/ lhe	Ø = 0%	1/56 2% ; .09	/(0%)		2,69%/	Ø = 0%	

Fonte: Elaboração da Autora.

Para a elaboração da Tabela 2, tomamos os valores numéricos correspondentes às variantes clítico e pronome pleno, desprezando os nulos e os sintagmas plenos. Em decorrência, tivemos que recalcular os percentuais, de modo a obter um conjunto de resultados coerentes. Ao fazer o novo cálculo, pudemos verificar que o percentual de variantes com clítico e com pronome forte corresponde aos seguintes totais de amostras pesquisadas: 50,25% das amostras de 1ª pessoa, 59,6% das amostras de 2ª pessoa e 0,74% das amostras de 3ª pessoa. Vale ressaltar que os dados referentes a Nascimento (2007) não foram incluídos porque não foi possível desagregar os percentuais de 1ª e 2ª pessoas, a saber:  $50/321=15\%$ .

A maioria dos pesquisadores focaliza a 3ª pessoa: 7 quantificam a 3ª pessoa; 5 quantificam a 2ª pessoa e 4 quantificam a 1ª pessoa.

Vejamos, a seguir, na Tabela 3, a síntese dos estudos sobre dativos na modalidade escrita.

Tabela 3 - Dativos no português escrito brasileiro

<b>Autores</b>	<b>Nascimento (1999)</b>	<b>Freire (2005)</b>	<b>Cruz (2007)</b>	<b>Oliveira (2014)</b>	<b>Calindro (2016)</b>
<i>Corpus</i>	Cartas pessoais	Textos de jornais e de histórias em quadrinhos de gibis	Tradução de livro	Cartas particulares	Capas do jornal Folha de S. Paulo
Quantidade	82	Colhidos aleatoriamente, mas produzidos entre os anos 1995 e 2004.	448 páginas	318	223 páginas escritas entre 1920 e 2010
Local	Maceió (AL)	Rio de Janeiro (RJ)	Brasil (tese de SP)	Rio de Janeiro (cariocas e fluminenses)	São Paulo
Tipo de texto	1º grau (7ª e 8ª séries) e segundo grau (1º ano)	Textos sem compromisso com a língua escrita; textos que mantêm pontos de contato com a língua codificada pela tradição gramatical; textos com um maior compromisso com a língua escrita padrão.	Norma culta padrão da língua	Três níveis de letramento	Textos jornalísticos
Pessoa do clítico	3ª 43/61 70,49%	3ª 41/155 26,45%	3ª 575/829 69,36%	2ª <i>Te</i> 464/811 (57,2%) <i>Lhe</i> 92/811 (11,3%) Média 34,25%	3ª 6/598 1%

Fonte: Elaboração da Autora.

A Tabela 3 mostra que a maior parte dos estudos toma como objeto apenas a 3ª pessoa, tal como os de língua oral. A frequência média de clíticos dativos de 3ª pessoa é 41,825%. Essa média é superior àquela exibida pelas realizações clíticas de 3ª pessoa no Português brasileiro falado, conforme vimos na tabela anterior.

As conclusões em relação aos clíticos de 3ª pessoa são basicamente que:

O fenômeno do enfraquecimento da concordância na variedade brasileira atinge a configuração pronominal de terceira pessoa também na escrita, o que já vem ocorrendo na modalidade oral há bastante tempo, ou seja, não se pode negar a ampla infiltração das variantes alternativas aos clíticos nos textos produzidos pelas novas gerações de escritores (FREIRE, 2005, p.188-189).

A hipótese do enfraquecimento da concordância é também assumida por Nascimento (1999), para quem “o progressivo desaparecimento dos clíticos de terceira pessoa no português do Brasil tem contribuído para que a *formalhe* passe a ocupar a função de objeto direto” (NASCIMENTO, 1999, p. 367).

Ainda que os dados não mostrem que há desaparecimento de clíticos, as conclusões dos autores se mostram insensíveis aos resultados quantitativos. Veja-se, por exemplo, Cruz (2007), que narra assim seus resultados:

[n]a amostra do PB, a produtividade do clítico (...) mostrou-se **bastante significativa**, o que contrariou a expectativa inicial, segundo a qual o PB escrito formal apresentaria baixa frequência do clítico dativo em referência a terceira pessoa, em razão do seu escasso uso na fala corrente de brasileiros cultos. (...). Na amostra do PB, como se previa, constatou-se **a infiltração de estratégias de representação do dativo largamente empregadas na fala e em textos semiformais**. (...) a escrita formal do PB ainda exhibe, de forma robusta, os preceitos do padrão culto da língua, o qual **mantém sintonia com a gramática lusitana** (CRUZ, 2007, p. 111-113, grifo nosso).

Em relação à segunda pessoa, houve predominância do “te” sobre o “lhe”, o que é ressaltado por Oliveira (2014, p. 158) como “um fato curioso (..) foi sua “aparente imunidade” à estratégia utilizada na posição de sujeito”. Essa surpresa advém de uma generalização que tem sido corroborada por vários estudos, a de que a queda do “lhe” se deve à inserção do item “você” no sistema pronominal do Português brasileiro. É nesse contexto que a seguinte afirmação de Oliveira se insere:

[i]sso [predominância do *te* independente do pronome em posição de sujeito] significa dizer que, independentemente do subsistema de tratamento empregado nessa posição – exclusivamente *tu*, exclusivamente *você* ou mescla entre *tu* e *você* –, o clítico *te* ocorria e com produtividade relativamente alta em quase todas as amostras aparecidas, podendo combinar-se com o pronome *você* (OLIVEIRA, 2014, p. 158).

Ainda tomando a baixa frequência do clítico “*lhe*” eo favorecimento da preposição “*para*” em detrimento da preposição “*a*”, Calindro (2016, p.122) propõe, conforme vimos, que não haveria dativo no Português brasileiro: “com a perda das marcas morfológicas de dativo, representada pela preposição funcional *a* e pelo clítico dativo *lhe* – o PB está fazendo um movimento tipológico (...) se aproximando das línguas nas quais as preposições são todas lexicais e não há marca morfológica de caso”.

As propostas de enfraquecimento da concordância e a de perda morfológica de dativo no Português brasileiro serão tomadas como hipóteses nesta Tese e discutidas no capítulo 5.

Diferentemente da maioria das pesquisas resenhadas neste capítulo, o presente trabalho visa analisar as ocorrências de dativo das três pessoas gramaticais, e não apenas em uma delas. Outra diferença diz respeito ao dialeto escolhido como objeto de análise: o dialeto de Teresina (PI). Esse dialeto ainda não tinha sido objeto de investigação em relação aos dativos.

No Capítulo 3, a seguir, amparada pela sociolinguística laboviana, apresentaremos os fundamentos teóricos e metodológicos que norteiam esta pesquisa.

### 3 FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

A proposta desta pesquisa é analisar as ocorrências de dativo no português falado teresinense, focalizando as três pessoas gramaticais. Para tanto, faz-se necessário apresentar os pressupostos teóricos e metodológicos que norteiam a investigação do aspecto linguístico em estudo.

#### 3.1 Pressupostos teóricos

Nesta seção, explicitaremos os pressupostos teóricos que fornecerão suporte à pesquisa, quais sejam: a Teoria da Variação e Mudança Linguística e os novos problemas da Teoria da Variação: os estudos em painel e a noção de comunidade de prática. Em seguida, detalharemos a amostra a ser analisada, a variável dependente, e as variáveis independentes da análise cujos resultados serão apresentados no capítulo seguinte.

##### 3.1.1 A teoria da variação e mudança linguística

A Sociolinguística é uma das subáreas da Linguística, com metodologia própria, que estuda fatos da língua em seu contexto social, e que tem como preocupação dar conta da variação linguística que é própria do sistema linguístico (MONTEIRO, 2000; MOLLICA, 2007). Nessa perspectiva, conforme Alkmim (2003, p. 21), “linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável”.

Para Labov ([1972]; 2008, p. 13), a relação entre linguagem e sociedade está atrelada de tal forma que, na introdução do livro Padrões Sociolinguísticos (*Sociolinguistic Patterns*), ressalta que, por diversos anos, resistiu ao termo *Sociolinguística*, “já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem-sucedida que não é social”. Lavob ([1972]; 2008, p. 21) assevera ainda que “[...] não se pode entender o desenvolvimento da mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre”.

Dessa forma, através de Labov, a Sociolinguística passa, então, a ser conhecida como a área da Linguística que estuda a língua, inserida em seu contexto social, levando em consideração os fatores externos e também internos, de modo a capturar a sistematicidade da heterogeneidade linguística. Logo, cabe a essa área de estudo:

Investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos

linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático (MOLLICA, 2007, p. 11).

Nesse panorama, segundo Labov ([1972]; 2008), os fatores atuantes na variação tanto podem ser condicionados por variáveis internas (de natureza morfossintática, fonético-fonológica, lexical, semântica e discursiva), como por variáveis externas (escolaridade, gênero, idade, nível sócioeconômico). As variantes podem ocorrer em todos os níveis da gramática de uma língua.

Dessa forma, em Sociolinguística:

[u]ma variável é concebida como dependente no sentido de que o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores (ou variáveis independentes) de natureza social ou estrutural. Assim, as variáveis independentes ou grupos de fatores podem ser de natureza interna ou externa à língua e podem exercer pressão sobre os usos, aumentando ou diminuindo sua frequência de ocorrência (MOLLICA, 2007, p. 11).

Nessa perspectiva, entende-se que o pressuposto basilar da Teoria da Variação é que a heterogeneidade linguística é regida por regras variáveis, o que garante a sistematicidade da variação e a funcionalidade do sistema em que esta ocorre. Assim, na pesquisa Sociolinguística, variantes linguísticas são as diversas formas alternativas de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. Ao conjunto dessas variantes denomina-se variável. No Português brasileiro falado, um exemplo de fenômeno de variação pode ser achado na expressão do dativo, objeto de estudo desta tese.

Um fenômeno de variação linguística pode ser considerado como um caso de variação estável ou de mudança em progresso. A variação estável é concebida como a alternância das mesmas formas durante um certo período de tempo ou mesmo por meio de séculos. Já a mudança em progresso, segundo Labov (1994), é concebida quando se leva em consideração o fato de que uma variante mais inovadora<sup>15</sup> ocorra com maior frequência entre os jovens, decrescendo em relação à idade de outros informantes. Assim, conforme Weinreich, Labov e Herzog ([1968]; 2006, p. 126), “[n]em toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade”. Dessa forma, verifica-se que as mudanças em progresso estão ligadas a uma concepção variacionista da linguagem. Logo, a análise de dados da variação linguística em ‘tempo aparente’ pode indicar mudanças em progresso em ‘tempo real’ (BORGES, 2004).

---

<sup>15</sup> Há variante inovadora quando a forma mais recente substitui a forma mais conservadora do repertório linguístico da comunidade.



Nessa esteira, Labov (1975, p. 850) ressalta que “somente no momento em que nos sentimos verdadeiramente em casa, no cotidiano linguístico do presente, podemos pensar em nos sentirmos em casa no passado”. Assim, como observa Borges (2004), em qualquer época da história da língua a ser investigada é possível que se encontrem formas do passado mais remoto contracenando com formas inovadoras do futuro.

Portanto, do quadro teórico da Sociolinguística Variacionista serão desenvolvidas nesta pesquisa as seguintes etapas: fatores condicionantes e o programa de regras de variáveis. Para Weinreich, Labov e Herzog ([1968]; 2006), fatores condicionantes são os elementos, ou conjuntos de elementos, que motivam a mudança linguística em um certo rumo e não em outro. Já a análise da regra variável tem como objetivo definir “a natureza e a extensão de cada um [dos] efeitos condicionadores, permitindo “predizer” probabilisticamente a taxa aproximada de uso (...) dadas as informações sobre as características sociais da pessoa, da situação social e do contexto” (GUY, 1988, p. 28). Ainda conforme Guy (1988, p. 29), a análise de regra variável é necessariamente quantitativa, e qualquer generalização que se possa fazer não pode ser rebatida “por um contra-exemplo isolado, mas apenas por um teste estatístico realizado através de um conjunto de dados” por lidar com fenômenos variáveis e não-categóricos.

### 3.1.2 Novos problemas da Teoria da Variação

Duas questões na literatura recente têm ocupado a atenção dos estudiosos da Teoria da Variação Linguística. Os estudos em painel, que têm permitido refinar resultados, em tempo real, e consistem na comparação de dados dos mesmos informantes em dois períodos de tempo. Eles são especialmente importantes por razões empíricas e teóricas, porque possibilitam a checagem da validade do construto com base no tempo aparente (MEYERHOFF, 2006). Outra questão diz respeito à noção de comunidade de prática. Cada uma dessas questões será brevemente retomada a seguir com o propósito de configurar um cenário no qual nossa pesquisa se insere.

#### 3.1.2.1 Estudos em painel

Segundo Labov (1994), há dois modos de se observar a variação no tempo: a análise em tempo aparente e a análise em tempo real. A análise em tempo aparente demonstra padrões diferenciados de uso da língua distribuídos entre diferentes faixas etárias de uma comunidade, num dado momento. Assim, se a forma inovadora se fizer mais presente na fala do grupo de pessoas mais jovens poderá indicar uma mudança em direção à preferência por essa forma.

Entretanto, a distribuição, em grupos etários, talvez não forneça ao pesquisador dados suficientes para que ele possa decidir se o fenômeno está na língua como, de fato, mudança em progresso ou não.

Para decidir se há ou não mudança, o pesquisador pode realizar uma análise longitudinal. Nesse caso, a análise vai-se desenvolver em dois momentos no tempo real e, em cada um dos momentos, vai-se verificar a frequência de uso de cada uma das variantes de determinada variável. A partir dos resultados, inferências sobre mudança no indivíduo e na comunidade podem ser construídas. A essa modalidade de pesquisa Labov (1994) dá o nome de estudo em painel (*panel study*). Essa metodologia consiste em verificar o comportamento de formas variantes que se encontram em competição com a finalidade de observar se uma forma está sendo abandonada em favor de outra. Para tanto, se faz necessário o recontato dos mesmos informantes que participaram de uma pesquisa linguística tempos antes. O intervalo de tempo deve ser de “no mínimo, meia geração (doze anos) e, no máximo, duas gerações (cerca de cinquenta anos)” (LABOV, 1981, p. 177 apud PAIVA & DUARTE, 2003, p. 22).

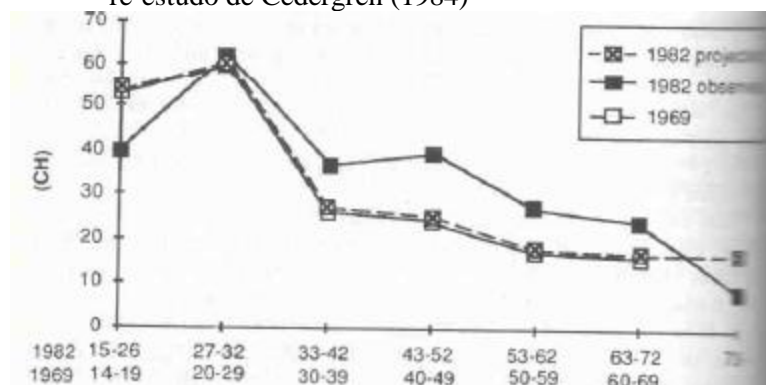
No intervalo de tempo entre a coleta das duas amostras, dificuldades podem surgir. Esse procedimento metodológico é dispendioso e toma tempo, e se não for bem planejado, a segunda amostra pode ser tão pequena que pode não ter significância estatística, embora ainda assim seja valiosa para a interpretação de observações peculiares à variável ou à amostra em análise (LABOV, 1994). Outras dificuldades são (i) definir que interstício de tempo entre as duas amostras é necessário “para que se viabilize a observação de possíveis mudanças”; e (ii) localizar os informantes após um longo espaço de tempo, quer porque tenha se mudado de residência, quer porque tenha falecido, quer porque não queira participar novamente da pesquisa (PAIVA & DUARTE, 2007, p. 186).

Feita a coleta de dados em dois diferentes momentos da vida de um mesmo conjunto de indivíduos, sob os mesmos critérios e métodos, e quantificadas as variantes, dois tipos de resultados podem ser obtidos: o comportamento do indivíduo se mantém estável ou pode mudar. No primeiro caso, a situação é de gradação etária; e, no segundo, a situação é de mudança na comunidade. Mas o estudo em painel sozinho não pode ser capaz de diferenciar entre esses processos, ou mesmo entre estabilidade ou mudança geracional (LABOV, 1994).

Para serem adequadamente interpretados, e poderem informar sobre padrões de mudança, os resultados de um estudo em painel devem ser contrapostos aos resultados de estudos sobre o comportamento linguístico da comunidade, um Estudo de Tendência. Para Labov (1994), esta é uma metodologia que consiste na coleta de amostras em tempo real em dilatados lapsos de tempo representativas da linguagem de uma comunidade.

Labov (1994) identifica como estável o comportamento representado no Gráfico 2.

Gráfico 2 - Modelo de gradação etária de (ch) na cidade do Panamá: valores observados e projetados a partir do re-estudo de Cedergren (1984)



Fonte: LABOV, 1994, p. 96, gráfico 4.8c.

No Gráfico 2, estão descritos, na linha pontilhada e na linha contínua, os percentuais das ocorrências de [ʃ] da variável (ch) no espanhol da cidade do Panamá, com base no tempo aparente em dois estudos realizados, respectivamente, em (1973) e em (1984) por Cedergren. Na linha tracejada encontra-se representada uma projeção. Supondo-se estabilidade, a linha tracejada projeta o comportamento do indivíduo que, tendo quinze anos em 1974, teria vinte e oito anos em 1982. Portanto, a linha tracejada é o comportamento previsto de um jovem de vinte e oito anos em 1969.

Comparados os três perfis, vê-se que há coincidência entre as linhas tracejadas (valor projetado) e a linha pontilhada (valor observado), o que leva a concluir que esses valores estão mais próximos de 1974 do que os valores projetados. Assim, o Gráfico 2 é o diagrama do modelo de gradação etária: cada grupo etário representa a mesma posição relativa no tempo aparente (LABOV, 1994). Além disso, o fato de haver um aumento de 10% a 15% entre as linhas pontilhada e contínua leva a concluir que possivelmente a gradação etária esteja envolvida no mecanismo da mudança no tempo aparente em certos tipos de mudanças linguísticas (LABOV, 1994).

Os padrões de mudança referidos são quatro:

- (i) Estabilidade: não ocorre variação no comportamento do indivíduo nem na comunidade;
- (ii) Gradação etária: ocorre variação no comportamento linguístico do indivíduo, porém a comunidade continua estável;

- (iii) Mudança geracional: o comportamento linguístico do indivíduo permanece estável, entretanto ocorre variação na comunidade;
- (iv) Mudança na comunidade: há variação tanto no indivíduo, quanto na comunidade.

Em nossa pesquisa, conforme veremos no capítulo 4, pudemos recontactar um subgrupo dos indivíduos da amostra inicial e buscamos fazer um estudo em painel.

### 3.1.2.2 *Noção de comunidade de prática*

Conforme Freitag (2015), o tratamento da dimensão estilística da variação, o futuro dos bancos de dados frente às novas tendências de análise e os aspectos éticos envolvidos na coleta de dados são desafios de base teórico-metodológica para a sociolinguística na atualidade. Nessa esteira, a variação linguística pode ser abordada tanto na perspectiva estilística quanto na perspectiva social. A 1ª “investiga como o falante adapta sua linguagem ao contexto imediato do ato de fala”. Já a 2ª “tem como objetivo identificar traços da língua que caracterizam subgrupos em uma sociedade heterogênea” (FREITAG, 2015, p. 30).

Dessa forma, Freitag (2015) assevera que, na tensão entre o social e o estilístico, Eckert (2012) divide os estudos sociolinguísticos em 1ª, em 2ª e em 3ª ondas, entendidas como tendências, e não em ordem sequencial. Os estudos de 1ª onda objetivam “identificar padrões regulares de distribuição de variantes linguísticas, a partir de coleta de dados rápida em comunidades de fala estratificadas com base em categorias sociodemográficas amplas” (FREITAG, 2015, p. 32). A título de exemplo, a autora cita o estudo da estratificação do Inglês em Nova Iorque, realizado na década de 1960 por Labov. Já os estudos de segunda onda “também tomam como amostra comunidades de fala e visam identificar padrões regulares de distribuição de variantes linguísticas em abordagem quantitativa” (FREITAG, 2015, p. 32).

Entretanto:

Diferem da outra abordagem por seguirem uma perspectiva de base mais etnográfica, com coletas de dados que requerem maior envolvimento com a comunidade e tomam categorias sociodemográficas mais abstratas, não identificáveis em uma coleta rápida, como o julgamento de pertencimento à comunidade, valores, atitudes etc. Exemplo é o estudo laboviano do inglês afroamericano em Nova Iorque (FREITAG, 2015, p. 32).

Quanto aos estudos de 3ª onda, a autora afirma que eles “continuam quantitativos, valendo-se da experiência metodológica das ondas anteriores”. Para Freitag (2015, p. 32), “a diferença está em inverter a ordem da pergunta: não mais buscar correlação entre o padrão

linguístico e as categorias sociais, mas identificar as categorias sociais que atuam no padrão linguístico”. Ainda conforme Freitag (2015, p. 33-34):

[é] uma proposta de retomada do significado social da variação, mudando o foco da estrutura para a prática linguística. Estudos dessa natureza tomam como unidade comunidades de práticas – grupo de indivíduos engajados em função de um propósito – ao invés de comunidades linguísticas, permitindo investigar o papel do indivíduo, em termos de hierarquia, inovação e adesão a variáveis linguísticas.

Assim, bancos de dados sociolinguísticos são considerados “a espinha dorsal da sociolinguística brasileira” e os “estudos de 3ª onda não os suplantam; ao contrário, são deles dependentes” (FREITAG, 2015). Além disso:

Os bancos de dados sociolinguísticos, tendo em vista a homogeneidade e comparabilidade, devem assumir os mesmos preceitos éticos no trato com os participantes da pesquisa, para garantir a confiabilidade das análises contrastivas (FREITAG, 2015, p. 41).

Nesse panorama, ao finalizar o texto, a autora destaca:

[a]s escolhas metodológicas da Sociolinguística Variacionista hoje rumam para uma incorporação dos aspectos qualitativos à sua tradicional metodologia quantitativa. Tal interface produz resultados mais complexos, com uma descrição mais ampla e integrada dos fenômenos linguísticos no contexto social e que refletem de modo mais realista a sociedade, permitindo avanços no detalhamento da relação entre variação linguística e a identidade, permeada pelo estilo.

Conforme vimos, estudos recentes situam-se na chamada 3ª onda cujo objetivo é “identificar as categorias sociais que atuam no padrão linguístico” (FREITAG, 2015, p. 32). Esta Tese, diferentemente, pode ser identificada como pertencente à 1ª onda, uma vez que tem por objetivo buscar correlação entre o padrão linguístico e as categorias sociais, mais exatamente, tem por objetivo identificar quais grupos sociais contribuíram para levar adiante processos de mudança já descritos em estudos formais.

Em outras palavras, esta Tese, ao focalizar a estrutura da língua, visa capturar as contribuições de falantes que, quer individualmente quer em grupo, levaram adiante processos complexos, agregando alterações a um sistema linguístico, sem interrupções em seu uso. Entendemos que cada uma das três ondas acima referidas representa opções metodológicas, que levam à priorização ora de questões que dizem respeito à identidade de grupos, ao julgamento de pertencimento à comunidade, a valores e atitudes, ora ao papel do indivíduo, em termos de hierarquia, inovação e adesão a variáveis linguísticas, ora à estrutura da língua reconhecida

como uma construção social no eixo do tempo. Por serem opções metodológicas, no movimento de cada “onda”, será redefinido o que é amostra, quais os procedimentos e quais as metas a serem alcançadas. E o mais importante é que os pesquisadores, ao escolherem qual dos três caminhos a trilhar, terão a certeza de que estarão contribuindo para melhor conhecer as múltiplas e complexas relações entre língua e sociedade.

### 3.2 Procedimentos metodológicos

Esta seção tem por objetivo apresentar a metodologia variacionista empregada para o estudo das realizações de dativos no português falado em Teresina (PI). Para tanto, exporemos a divisão de toda a ação realizada no método da pesquisa em seis subseções. Na primeira, faremos uma descrição da localização geográfica dos informantes que compõem nossa amostra. Na segunda, abordaremos a delimitação e descrição da amostra. Na terceira, trataremos da formação da amostra. Na quarta, apresentaremos os critérios para coleta dos dados. Na quinta, apontaremos a variável dependente. Por fim, na sexta, explicitaremos as variáveis independentes.

#### 3.2.1 A pesquisa sobre a fala teresinense

Teresina está situada na região Centro-Norte do Estado do Piauí e Meio Norte do Nordeste brasileiro, à margem direita do rio Parnaíba. Foi a primeira cidade do Brasil construída em traçado geométrico, com planta primitiva projetada por seu fundador, José Antônio Saraiva, então Presidente da Província do Piauí. O nome desta cidade é uma homenagem de José Antônio Saraiva à Dona Teresa Cristina Maria de Bourbon, Imperatriz do Brasil, mulher do Imperador D. Pedro II, cujo topônimo: “**Teres**, tirado de Teresa, e **ina** de Cristina, Teresina” (ROMÃO DA SILVA, 1994, p. 14). Conforme a literatura, tal denominação se justifica por a imperatriz ter intermediado com o imperador D. Pedro II a ideia de mudança da capital da Província do Piauí de Oeiras para Teresina. A sua instalação ocorreu oficialmente em 16 de agosto de 1852, quando Saraiva comunicou às autoridades imperiais que já se encontrava residindo na nova Capital.<sup>16</sup>

Teresina é a capital do Estado do Piauí e maior centro populacional desse Estado. Conta hoje com uma população em torno de 844.245 habitantes (IBGE – Estimativa – 2015), onde o número de mulheres é maior que o de homens. Sua taxa de urbanização cresceu em 25,4% de

---

<sup>16</sup> Ver Prefeitura Municipal de Teresina (1993); Romão da Silva (1994); Rodrigues (2012).

1950 a 1970, período em que se constatou uma enorme expansão demográfica, provocando assim uma “explosão urbana”, ocasionada principalmente pelo intenso fluxo migratório de outros municípios do Estado, inclusive de áreas rurais, bem como de outros Estados e regiões do Brasil. Tal fenômeno veio acompanhado de um intenso processo de periferização e espraiamento da cidade.<sup>17</sup>

Quanto ao desenvolvimento econômico, no setor primário, a atividade agrícola de subsistência da maneira tradicional, isto é, sem o uso da tecnologia, tem-se mostrado ineficiente. Porém, a atividade coletiva, apoiada pela Agricultura Familiar, pode viabilizar o sustento dos agricultores, porque terra há em abundância, em uma região onde a água não é ainda um fator escasso. Assim, o agronegócio com o uso de alta tecnologia tem boas possibilidades de crescimento, em razão de Teresina situar-se como maior mercado consumidor do Estado, ter centros de excelência em pesquisa agropecuária (EMBRAPA e UFPI) e também por ter o maior número e a maior diversidade de técnicos especialistas e os mais estruturados fornecedores de insumos e prestadores de serviços agropecuários.

Com relação ao setor secundário, em Teresina, a indústria de construção civil e a indústria de transformação (confeções, polo cerâmico, indústria de alimentos e bebidas, setor químico e de artefatos de metal etc.) são as atividades industriais que têm relevante participação econômica e na geração de emprego e renda. Por outro lado, no que remete ao setor terciário, a economia de Teresina tem como sustentação este setor, ou seja, comércio, serviço e administração pública, sendo que as atividades de prestação de serviço e o mercado varejista são tradicionalmente os mais relevantes setores da vida econômica, social e empregadora de mão de obra desta cidade.<sup>18</sup>

No que tange à educação, o sistema educacional de Teresina é constituído por uma rede de mais de mil escolas, entre Pré-Escolar, Primeiro Grau e Ensino Médio, por duas universidades públicas (UESPI e UFPI), dois Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFPI) e várias faculdades privadas. Pela avaliação do Índice de Desenvolvimento do Ensino Básico (IDEB), as escolas teresinenses destacam-se nos primeiros lugares entre as capitais do Nordeste. No Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), algumas escolas de Teresina foram classificadas, em anos consecutivos, como as melhores do Brasil. Cabe destacar que os centros educacionais de Teresina atendem também alunos de outros Estados e principalmente do interior do Piauí e do Maranhão, e que os cursos de Direito e de Medicina

---

<sup>17</sup> Prefeitura Municipal de Teresina (1993); Prefeitura Municipal de Teresina; Plano Municipal de Educação (2015); Teresina Agenda (2030); Rodrigues (2012); SEMPLAN (2012).

<sup>18</sup> Prefeitura Municipal de Teresina (1993); Teresina Agenda (2030).

da (UFPI) estão entre os melhores do Nordeste. Em relação ao percentual de alfabetização da população mais jovem de Teresina, em 2010, esta cidade possuía os seguintes percentuais de alfabetização: 75,9% da faixa etária de 5 a 9 anos; 97,6% na faixa etária de 10 a 14 anos; 98,1% na faixa etária de 15 a 19 anos; e 96,8% na faixa etária de 20 a 29 anos. Quanto ao total da população, Teresina tinha 90,2% de pessoas alfabetizadas. No entanto, neste mesmo ano, 85,5% da população de 6 a 17 anos do município estavam cursando o ensino básico regular com até dois anos de defasagem idade-série; e, dos jovens e adultos de 18 a 24 anos, 22,2% estavam cursando o ensino superior. Levando-se em consideração a população municipal de 25 anos ou mais de idade, também neste mesmo ano, 11,7% estavam na categoria fundamental incompleto e analfabeto; 28,5% possuíam Ensino Fundamental incompleto e eram alfabetizados; 16,1% possuíam Ensino Fundamental completo e Ensino Médio incompleto; 29,7% tinham o Ensino Médio completo e Ensino Superior incompleto, e 14,1% tinham ensino Superior Completo (Cf. PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESINA; PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2015; RODRIGUES, 2012; TERESINA AGENDA – 2030).

Em relação ao Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), Teresina ocupa 21º lugar dentre as capitais brasileiras. Entretanto, cresceu em termos absolutos a educação e saúde, ocupando as primeiras posições em relação às demais capitais nordestinas (Cf. TERESINA AGENDA – 2030). A localização desta cidade pode ser visualizada no mapa a seguir:

Mapa 1 - Mapa do Piauí (Brasil) com a indicação da localização de Teresina



Fonte: Portal do Estado do Piauí.<sup>19</sup>

<sup>19</sup> Disponível em: <http://www.postocastelo.com.br/mapas-estaduais.php>



### 3.2.2 Delimitação e descrição da amostra

O *corpus* utilizado nesta pesquisa foi composto de trechos de textos orais extraídos do Banco de Dados do Projeto *Aspectos Gramaticais do Português Falado por Estudantes Teresinenses* da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Esta amostra compõe-se de 96 entrevistas realizadas por estudantes de Letras da UFPI, no período de 2000 a 2003, e organizadas pelas professoras Maria Auxiliadora Ferreira Lima (UFPI) e Maria Anecy Calland Marques Serra (UFPI). Cada entrevista tem em média sessenta minutos, perfazendo um total de 96 horas de gravação. Os informantes são estudantes das séries terminais do Ensino Fundamental (menor e maior) e Médio de escolas públicas (estaduais e municipais) e privadas de Teresina (PI) e têm entre nove a vinte anos de idade.

As entrevistas para a composição do banco de dados do projeto foram gravadas em fita cassete e o *corpus* foi transcrito com ortografia usual. As normas de transcrição foram previamente definidas conforme Lima & Serra (2010, p. 9).<sup>20</sup>

Uma subparte desse *corpus* foi divulgada no formato de livro impresso em papel.<sup>21</sup> No momento atual, 100% das entrevistas encontram-se digitalizadas com utilização do equipamento Plus Deck 2C, no *Laboratório de Estudos em Variação Linguística*, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Minas Gerais.<sup>22</sup>

Essas entrevistas são constituídas de conversas efetuadas entre o entrevistador e o informante, versando sobre temas de interesse do informante. Um entre outros critérios para que, de fato, tais entrevistas integrem o acervo desse projeto é que a fala do informante se caracterize como espontânea, a qual diz respeito diretamente ao uso da língua no cotidiano, sem qualquer tipo de imposição institucional ou por força de alguma situação.

A esse *corpus* se agregaram dez novas entrevistas, de modo a obter material para estudo em painel. Foram recontactados, por esta autora, doze dos informantes da mostra acima em janeiro e fevereiro de 2015, e intitulou-se *corpus Fala Teresinense: Recontacto* (PESSOA, inédito). Todas as entrevistas estão transcritas, têm uma hora de duração e foram registrados a idade, o nível de escolaridade, a profissão e o sexo de cada informante.

A gravação digital foi realizada usando-se o Programa Audacity 2.0.6. A constituição dessas entrevistas, a temática e as normas de transcrição são as mesmas do *corpus Aspectos Gramaticais do Português Falado por Estudantes Teresinenses* da Universidade Federal do

<sup>20</sup> Ver também anexo 1, p. 106 desta Tese.

<sup>21</sup> Ver Lima & Serra (2010).

<sup>22</sup> A digitalização foi feita por mim, sob orientação da Profa. Dra. Jânia Martins Ramos (UFMG).

Piauí referido anteriormente (PESSOA, 2015). Essas transcrições foram realizadas por mim e a estudante de Letras da UFPI, Débora Silva Oliveira.

A realização dessas entrevistas ocorreu da seguinte forma: ao analisar as gravações da Amostra 1, pude perceber que havia descrições dos bairros onde alguns dos informantes residiam à época. Isso forneceu uma primeira pista. Nas gravações, antes do início das entrevistas, alguns dos informantes deixaram registrados os endereços, às vezes até com telefone e o nome da escola em que estudavam. De posse dessas informações, procedi à tarefa de localizar o maior número possível de informantes. Tentei contato por telefone com os informantes e com as antigas escolas. Depois recorri a alguns entrevistadores que eu já conhecia. Um deles, a quem agradeço,<sup>23</sup> sugeriu que fosse à procura pelo *Facebook*. Essa ferramenta permitiu encontrar dois dos informantes pesquisados na Amostra 1. A consulta via escolas teve mais sucesso<sup>24</sup> e os demais foram encontrados. À medida que ia localizando os informantes, marcava a nova entrevista num local de sua escolha.<sup>25</sup>

Nessa busca, pude verificar que alguns já se haviam mudado daquela localidade, um havia morrido e outros não quiseram ser reentrevistados.

Duas das doze entrevistas não foram agregadas ao *corpus*. Uma, após a gravação digital por meio do Programa Audacity 2.0.6., não foi salva adequadamente. Tendo solicitado nova sessão, o informante se negou a repetir a entrevista. Embora realizada com sucesso, outra entrevista também não pôde ser aproveitada porque a fala daquele informante, na Amostra 1, estava inaudível, o que impediria a comparação dos dados daquele indivíduo nos dois períodos de tempo pesquisados.

Conseguimos recompor duas células, mas a terceira ficou incompleta: cinco informantes que na primeira amostra pertenciam à faixa etária de nove a onze anos e quatro informantes que pertenciam à faixa etária de quatorze a dezesseis anos e apenas um informante pertencente à faixa etária de dezessete a vinte anos.

### 3.2.3 Formação do *corpus*

Para a formação do *corpus* deste trabalho, utilizamos 36 das entrevistas gravadas no período de 2000 a 2003. Os informantes são estudantes das séries finais do Ensino Fundamental

---

<sup>23</sup> Professor Ivo Sodré de Carvalho, do IFPI.

<sup>24</sup> Após ir à Secretária de Educação do Estado do Piauí (SEDUC) e solicitar o endereço e o telefone das escolas, fui atendida por diretores e funcionários, a quem agradeço pelo gentil tratamento recebido.

<sup>25</sup> Quatro entrevistas foram realizadas na Biblioteca Estadual Cromwell de Carvalho, situada na Praça do Fripisa, Centro de Teresina (PI), cinco na Universidade Federal do Piauí (UFPI) e três na Escola Municipal Santa Fé. Agradecemos a essas instituições.

(5ª e 9ª séries) e do Ensino Médio (3º ano). Essas entrevistas pertencem ao Banco de Dados do Projeto *Aspectos Gramaticais do Português Falado por Teresinenses* da Universidade Federal do Piauí (UFPI). De cada série, trabalhamos com amostras de fala de doze informantes, seis da escola pública, sendo três do sexo masculino, três do sexo feminino, e seis da escola particular, sendo três do sexo masculino e três do sexo feminino, constituindo um total de 36 horas de gravação, referentes a 36 informantes, sendo 18 da rede pública e 18 da rede particular. Dez novas entrevistas foram feitas, com dez dos informantes do Banco de Dados do Projeto *Aspectos Gramaticais do Português Falado por Teresinenses* da UFPI, no ano de 2015, para realizarmos estudo em painel. De cada sexo, utilizamos cinco entrevistas, perfazendo, assim, um total de 10 horas de gravação. Seguem os Quadros 2 e 3, com todos os informantes considerados nesta pesquisa.

Quadro 2 - Amostra de informantes de Teresina no período de 2000 a 2003

Informantes	Idade	Tipo de escola	Sexo	Escolaridade
01	9 a 11 anos	Pública	Feminino	5ª Série
02		Pública	Feminino	5ª Série
03		Pública	Feminino	5ª Série
04		Pública	Masculino	5ª Série
05		Pública	Masculino	5ª Série
06		Pública	Masculino	5ª Série
07		Privada	Feminino	5ª Série
08		Privada	Feminino	5ª Série
09		Privada	Feminino	5ª Série
10		Privada	Masculino	5ª Série
11		Privada	Masculino	5ª Série
12		Privada	Masculino	5ª Série
13	14 a 16 anos	Pública	Feminino	9ª Série
14		Pública	Feminino	9ª Série
15		Pública	Feminino	9ª Série
16		Pública	Masculino	9ª Série
17		Pública	Masculino	9ª Série
18		Pública	Masculino	9ª Série
19		Privada	Feminino	9ª Série
20		Privada	Feminino	9ª Série
21		Privada	Feminino	9ª Série
22		Privada	Masculino	9ª Série
23		Privada	Masculino	9ª Série
24		Privada	Masculino	9ª Série
25	17 a 20 anos	Pública	Feminino	3º Ano
26		Pública	Feminino	3º Ano
27		Pública	Feminino	3º Ano
28		Pública	Masculino	3º Ano
29		Pública	Masculino	3º Ano
30		Pública	Masculino	3º Ano
31		Privada	Feminino	3º Ano
32		Privada	Feminino	3º Ano
33		Privada	Feminino	3º Ano
34		Privada	Masculino	3º Ano
35		Privada	Masculino	3º Ano
36		Privada	Masculino	3º Ano

Fonte: Elaboração da Autora.

Quadro 3 - Amostra de informantes de Teresina no período de 2015 para estudo em painel

Informantes	Idade	Tipo de escola	Sexo	Escolaridade
01	19	Pública - UFPI	Feminino	Cursando Enfermagem
02	21	Pública - Estadual	Feminino	Ensino Médio
03	21	Privada - FSA	Feminino	Cursando Ciências Contábeis
04	22	Pública - UFPI	Masculino	Cursando Engenharia Elétrica
05	22	Pública - UESPI	Masculino	Cursando Ciências Contábeis
13	28	Pública - IFPI	Feminino	Formada em Secretaria do Executivo
19	26	Pública - UFPI	Feminino	Formada em Enfermagem
22	25	Privada - FAPI	Masculino	Cursou até o 5º período de Direito
24	26	Pública - UESPI	Masculino	Formado em Administração de Empresas
36	28	Pública - UFPI	Masculino	Formado em Artes Visuais

Fonte: Elaboração da Autora.

### 3.2.4 Critérios para coleta de dados

1º) Neste trabalho, consideramos dativos os sintagmas quer clíticos quer preposicionados que aceitam ser parafraeados por clítico. A título de ilustração, vejamos o exemplo abaixo:<sup>26</sup>

(29) *Ele deu um livro a mim.* => *Ele me deu um livro*

2º) *Uso de clítico de 3ª pessoa parafraeadado por lhe e rejeição de paráfrase por o.*

(30) *Ele me deixa aqui* → *Ele o deixa aqui. Então não é dativo, é acusativo.*

(31) *Ele me pediu um presente* → *\*Ele o pediu um presente. Então é dativo.*

(32) *Ele me viu* → *Ele lhe viu (?) Ele o viu. Então é acusativo e não um dativo.*

Ficaram excluídas do levantamento as ocorrências de objeto indireto formado por [preposição+expressão referencial], como em (33).

(33) *A mãe de Jacó...preparou o carneiro e deu pra Jacó.* (EPuIM4ªS)

A razão é que na primeira e na segunda pessoas, o objeto indireto é sempre um clítico ou um pronome forte. Por uma questão de coerência interna, adotamos o mesmo critério em relação à terceira, o que nos levou a não considerar as ocorrências de preposição+sintagma nominal pleno. Nosso recorte de dados coincide com o de Silveira (2000).

<sup>26</sup> Os exemplos 29 a 32 da seção 3.2.4 são nossos.

Foram também excluídas do levantamento as ocorrências do clítico “*lhe*” como objeto direto, tal como em:

(34) Eu sempre tive um relacionamento com meus pais...eu acho que...é a pessoa certa pra você conversar pois...quando você já nasce no mundo são as pessoas que podem *lhe*orientar... (EPaIM8<sup>a</sup>S)<sup>27</sup>

A razão é que nos interessa as formas dativas na função de objeto indireto.

### 3.2.5 A variável dependente

A adoção da teoria da variação como modelo teórico-metodológico exige que seja definida uma variável dependente e suas variantes. Neste estudo, nossa variável dependente será a realização cliticizável de dativo. As variantes são:

A - Realização clítica de dativo

(35) Ele *me* dá um monte de coisa (EPuIF4<sup>a</sup>S)

B - Realização preposicionada (preposição+pronome)

(36) Deus deu roupa *pra eles* (EPuIM4<sup>a</sup>S)

### 3.2.6 As variáveis independentes

Conforme Labov ([1972]; 2008), as variáveis independentes ou grupos de fatores podem ser de natureza interna ou externa à língua. A seleção de cada uma das variáveis decorre da formulação de uma hipótese sobre o comportamento do fenômeno linguístico em análise. Por isso, após cada variável independente será apresentada nossa expectativa em relação ao resultado esperado.

#### 3.2.6.1 As variáveis independentes internas ou fatores internos

##### 3.2.6.1.1 Realização do objeto direto

Serão consideradas, para a análise deste fator, as seguintes possibilidades: objeto direto realizado, objeto direto não realizado ou nada disso. O último subfator visa identificar

---

<sup>27</sup> Para Campos (2010, p. 103), o uso do *lhe* acusativo “talvez seja um indicio” de que o dialeto de Belém esteja caminhando “em direção a uma reestruturação, o que já ocorre em outras regiões, conforme aponta a literatura”.

realizações de dativos que ocorrem com verbos inacusativos e com verbos inergativos. A título de ilustração, vejamos, respectivamente, os exemplos a seguir:

(37) O jovem ele gosta de uma coisa que possa naquele momento...é lhe dar *aquela sensação de diversão* (EPaIM3°S)

(38) Ele ele dá  $\emptyset$  pra ela e ela joga na cara dele... (EPuIF4ªS)

(39) Ele *aparece*pra eles (EPuIM4ªS)

Nossa expectativa é que objetos nulos (não realizados) desfavoreçam a realização clítica, uma vez que, de acordo com Torres de Moraes e Salles (2010), o PB possui aplicativo baixo e essa categoria exige a presença de objeto realizado. Também Silveira (2000) sustenta que quando o objeto é não nulo, o clítico é favorecido.

### 3.2.6.1.2 Realização do sujeito

Para a realização deste fator, investigamos se o sujeito ocorria de forma expressa ou nula, como atestam os exemplos a seguir:

(40) a. Quando eu quero falar um negócio com ela ela tipo foge, ela fica conversando com outra eu disse amanhã *eu* te falo né aí eu sempre acabo falando com ela mesmo (EPaIF4ªS)

b. *Eu* tava falando pra ti que isso aí foi uma perca muito grande (EPuIM3ªS)

(41)  $\emptyset$  Játe falei (EPuIF3ªS)

Em (40), temos dativos com sujeito expresso clítico e não clítico e em (41), com sujeito nulo com clítico.

Conforme Duarte (1996), o Português brasileiro, na metade da década de 1930, deixou de ser uma língua eminentemente de sujeito nulo, passando a ser mais frequente o preenchimento de tal posição. Uma das causas do preenchimento da posição de sujeito seria a não realização do objeto direto, como clítico acusativo (TARALLO, 1983). Supondo-se que clíticos acusativos e clíticos dativos sejam da mesma natureza, nossa expectativa é que o não preenchimento de sujeito favoreça a variante clítica de dativo assim como favorecia a variante clítica acusativa.

### 3.2.6.1.3 Pessoa

Será observado o traço de pessoa, se 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup> ou 3<sup>a</sup>, exemplificado nas formas clíticas e não clíticas, respectivamente, abaixo:

- (42) a. Ela *medisse* várias coisas (EPuIF3<sup>a</sup>S)  
 b. Ela disse *pra mim* que o filho dela viajou (EPuIF3<sup>a</sup>S)

- (43) a. O patriotismo nosso vou *te* falar só é em copa do mundo (EPuIM3<sup>a</sup>S)  
 b. Eu tava falando *pra ti* que isso aí foi uma perca muito grande (EPuIM3<sup>a</sup>S)

- (44) a. O jovem ele gosta de uma coisa que possa naquele momento...*é lhe* dar aquela sensação de diversão (EPaIM3<sup>o</sup>S)  
 b. Ninguém dava valor *pra ele* (EPuIM8<sup>a</sup>S)

De acordo com a literatura linguística, o Português Falado do Brasil vem perdendo as formas clíticas de 3<sup>a</sup> pessoa, tanto de acusativo (DUARTE, 1986) quanto de dativo (FAGUNDES, 1997; FREIRE, 2000; GOMES, 2003). Conforme Machado-Rocha (2016), não há projeção clítica de dativo quando o traço é de 3<sup>a</sup> pessoa. Em consequência, espera-se que não ocorra clítico de 3<sup>a</sup> pessoa, mas apenas de 1<sup>a</sup> e de 2<sup>a</sup> e que ocorrências como (44a) não ultrapassem o percentual de 3%, sendo identificadas como residuais, tal como mostram os resultados citados na seção 2.2 desta tese.

### 3.2.6.1.4 Tipo de verbo

Os sociolinguistas que trabalham com variação de dativo geralmente optam por tipificar os verbos semanticamente (BERLINCK, 1997; DANTAS, 2007; et al.) ou semântica e sintaticamente (CRUZ, 2007; OLIVEIRA, 2014; et al.). Nesta Tese, optamos por classificar os verbos de acordo com a estrutura sintática em que ocorrem: transitivo, inergativo e inacusativo,<sup>28</sup> porque optamos por adotar critérios sintáticos, na medida do possível. A título de exemplo, vejamos:

- a) Transitivos:

(45) Eu dou *uma força* pra ela na escola (EPaIM3<sup>a</sup>S )

- b) Inergativo:

---

<sup>28</sup> Esclarecemos que ficaram excluídos do escopo de nossa pesquisa os verbos pronominais. Para maior aprofundamento da bibliografia pertinente, ver Levin & Hovav (1995), Fonseca (2010) e anexos 3, p. 109; e 4, p. 116 desta Tese.

(46) Você liga a televisão e você que saber de alguma coisa que lhe *interesse* (EPuIM3<sup>a</sup>S)

c) Inacusativo:

(47) Ele *apareceu* pra eles... (EPuIM4<sup>a</sup>S)

Em termos de estrutura argumental, os verbos inergativos são monoargumentais, e seu argumento é externo, já os inacusativos são também monoargumentais, mas seu argumento é interno (BURZIO, 1986).

O comportamento de inergativos e inacusativos se distingue quando se aplicam os seguintes testes:

**Teste 1:** A sentença torna-se mal formada quando se acresce a expressão “*o que X fez foi*”, como em “*Maria chegou*” > “*?O que Maria fez foi chegar*” (JACKENDOFF, 1972; 1990);

**Teste 2:** Acrescentar a expressão indicadora de duração, como em “*Maria chegou*” > “*?Maria chegou por 15 minutos*” (VENDLER, 1967; DOWTY, 1979; VERKUYL, 1989);

**Teste 3:** Sujeitos indeterminados resultam uma sentença bem formada: “*Maria chegou cedo*” > “*Chegaram ontem cedo*” ou “*Chegou-se ontem cedo*” (BELLETTI & RIZZI, 1988);

**Teste 4:** A construção de passiva adjetiva resulta uma estrutura bem formada: “*Os meninos chegaram*” > “*Chegados os meninos, deu-se início à festa*” (ELISEU, 1984; CANÇADO, 2003);

**Teste 5:** ordem VS resulta em estrutura bem formada com sujeito indefinido: “*Uma flor apareceu no jardim*” > “*Apareceu uma flor no Jardim*” (KATO, 2000; FIGUEIREDO E SILVA, 1996; COELHO, 2000; PILATI, 2002). Estes mesmos testes, se aplicados a verbos inergativos, resultam sentenças avaliadas como malformadas.<sup>29</sup>

Assim, nossa expectativa é que os verbos inergativos e inacusativos desfavoreçam a variante clítica por não possuírem um sintagma exercendo a função de objeto direto.

---

<sup>29</sup> Para um detalhamento dos testes e uma discussão aprofundada da bibliografia pertinente, ver Ciriaco & Cançado (2004). Ver também anexo 2, p. 107, nesta tese.



### 3.2.6.1.5 Estrutura do DP objeto direto

Para a análise deste fator serão consideradas as seguintes possibilidades:

a) DP oracional<sup>30</sup>

(48) Ela me disse [*que faz aula de música*] (EPaIF4<sup>a</sup>S)

b) DP não oracional

(49) a mamãe me deu *dinheiro* (EPaIF8<sup>a</sup>S)

c) DP nulo

(50) Ela medeu  $\emptyset$  de mesada (EPaIF8<sup>a</sup>S)

Nossa expectativa em relação aos resultados do comportamento do fator “estrutura do DP objeto direto” é que a realização DP oracional irá favorecer a cliticização, por este grupo conter as orações subordinadas, as miniorações e as ocorrências com os verbos *ser*, *estar* e *parecer*. Além disso, conforme Fagundes (1997), quando o objeto direto é realizado o objeto indireto tende a se cliticizar.

### 2.2.6.1.6 Tipo de preposição

O fator tipo de preposição foi distribuído da seguinte forma:

a) A:

(51) Ele cria para dá comida *a ele...* (EPuIM4<sup>a</sup>S)

b) Para:

(52) Não acho certo, deveria dá *pra ele* outro tipo de punição e não a pena de morte (EPuIF4<sup>a</sup>S)

c) Em:

(53) Quando ele bate *em mim* mesmo que não tenha doído se a mamãe tiver eu faço um escândalo (EPaIF4<sup>a</sup>S)

d) De:

(54) A pessoa ter pena *de mim* eu num suporte (EPuIF8<sup>a</sup>S)

e) Nenhuma:<sup>31</sup>

(55) O jovem ele gosta de uma coisa que possa naquele momento... *lhe* dar aquela sensação de diversão (EPaIM3<sup>o</sup>S)

<sup>30</sup> Entram nesse grupo as orações subordinadas, as miniorações e as ocorrências com os verbos **ser**, **estar** e **parecer**.

<sup>31</sup> Neste subfator estão inclusas apenas as realizações dativas clíticas.

Nos resultados da pesquisa de Gomes (2001), no Rio de Janeiro, e de Nascimento (2007), nas comunidades rurais de Goiás, a preposição *para* foi mais frequente do que a preposição *a*. Essa substituição, de acordo com Calindro (2016), teria levado a que os complementos dativos se tornassem oblíquos, eliminando as realizações clíticas de dativo. Nossa expectativa é que em dialetos em que a variante *para* é favorecida, a variante clítica não deverá ocorrer ou se ocorrer será um percentual muito baixo.

### 3.2.7. As variáveis independentes externas

#### 3.2.7.1 Grupo social

O fator grupo social foi definido conforme o tipo de escola: particular ou pública. Nessa perspectiva, sabemos que as mensalidades escolares são caras e que somente os pais com alto poder aquisitivo podem pagar escolas. Desse modo, os filhos de pais pobres são a clientela de escolas públicas. Além disso, veja que “[a] continuada deterioração da escola pública termina por afastar dela os filhos da classe média que são direcionados para as escolas privadas, consideradas ofertantes de um ensino de melhor qualidade” (MARTINS, 2003, p. 25). Assim, nossa expectativa é saber qual dos tipos de escola favorece a variante clítica.

#### 3.2.7.2 Sexo

Esta variável foi escolhida por ter sido objeto de estudo constante no campo da sociolinguística, sobretudo nos trabalhos de Labov ([1972]; 2008). Dessa forma, nossa expectativa é que este fator seja selecionado pelo GOLDVARB 2001. Além disso, uma vez que as mulheres tendem a usar mais as variantes inovadoras quando estas não são estigmatizadas, interessa saber qual será, então, o comportamento das mulheres e dos homens quanto ao uso da variável clítica, que é a variante prestigiada.

#### 3.2.7.3 Escolaridade

Segundo Votre (2007, p. 51), “[...] a escola incute gostos, normas, padrões éticos e morais em face da conformidade de dizer e de escrever”. De acordo com a literatura linguística, a escola é capaz de gerar mudanças na fala e na escrita dos indivíduos que a frequentam, bem como de valorizar as formas socialmente mais prestigiadas numa comunidade e estigmatizar as formas menos prestigiadas socialmente. Assim, nossa expectativa é que quanto maior a escolaridade, maior a frequência de clíticos, adotando como hipótese que “a escola é um meio

que municia o indivíduo com a habilidade de usar o clítico, e esse fator, associado à idade, é relevante na realização de sua variante” (DUARTE 1989, p. 29).

#### 3.2.7.4 *Idade*

Este fator foi testado por sua relevância para o estudo da mudança, em tempo aparente e em tempo real, tal como descreve Labov (1994). Dessa forma, estudos sociolinguísticos sobre dativos têm mostrado o fator idade como uma constante. Assim, nossa expectativa é que nos dados de Teresina haverá mudança em progresso, em detrimento dos clíticos. Os clíticos estariam em processo de desaparecimento.

Feita a descrição dos fatores a serem testados, passemos aos resultados quantitativos expostos no Capítulo 4, a seguir.

## 4 RESULTADOS DA ANÁLISE VARIACIONISTA

Neste capítulo, apresentaremos os resultados da análise variacionista para o estudo das realizações de dativo no Português falado em Teresina (PI).

### 4.1 A análise quantitativa

Exposta a metodologia da pesquisa, passemos à análise variacionista dos dados. Utilizamos como ferramenta estatística para o tratamento da regra variável o programa GOLDVARB 2001, o qual fornece informações quantitativas relevantes para guiar o pesquisador na análise dos fenômenos linguísticos. Nessa perspectiva, de acordo com Scherre e Naro (2007, p.176), a estatística “nos abre novos horizontes de entendimento porque aumenta nossas capacidades de analisar o uso linguístico”. Dessa forma, visando a verificação das realizações dativas no Português falado em Teresina (PI), procedemos a uma análise binária, testando dez fatores. Assinele-se que essa relação é expressa através do peso relativo (indica a direção em que um determinado fator está atuando sobre o fenômeno em estudo) conforme podemos constatar a seguir.

### 4.2 Distribuição das variantes

Nesta seção, serão apresentados os resultados referentes às ocorrências das variantes: realizações clíticas dativas e realizações preposicionadas (preposição+pronome) na fala de Teresina (PI). No total, foram 307 ocorrências de dados, obtidas a partir da fala dos 36 informantes que compõem o *corpus*. A Tabela 4, a seguir, apresenta a distribuição geral das ocorrências.

Tabela 4 - Distribuição geral das variantes pronominais no *corpus*

<b>Variantes</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Percentual (%)</b>
Clíticas	169	55
Não clíticas	138	44
<b>Total</b>	<b>307</b>	<b>99</b>

Fonte: Elaboração da Autora.

Com base nos resultados da Tabela 4, constatamos que os informantes utilizaram mais o dativo com a variante clítica, alcançando o percentual de 55%. Diante desse resultado,

constatamos que os clíticos dativos de 1ª e de 2ª pessoas ainda continuam produtivos em Teresina. Os exemplos a seguir ilustram, respectivamente, esta Tabela.

(56) Minha professora também tava *me* dizeno... (EPaIM8ªS)

(57) Ela disse *pra mim* que o filho dela viajou (EPuIF3ªS)

### 4.3 Fatores internos

Será desenvolvida aqui a análise das variáveis linguísticas independentes que atuam sobre as estruturas contendo realizações dativas. Foram consideradas estatisticamente significativas pelo Programa GOLDVARB 2001 as seguintes variáveis: pessoa, tipo de verbo e grupo social. Tendo em conta as discussões de Guy & Zilles (2007) sobre a relevância da não seleção de variáveis pelo Programa Estatístico, passaremos a comentar os resultados de todos os fatores. Entretanto, vejamos antes o que Guy & Zilles afirmam.

[A] abordagem que o pesquisador deve adotar em relação às questões de significância não é mecânica, jogando automaticamente no lixo os resultados não significativos e falando somente dos significativos; ao contrário, o pesquisador deve avaliar inteligentemente os resultados, e apresentá-los de maneira a fornecer o máximo de informação e iluminar mais o fenômeno (GUY & ZILLES, 2007, p. 215).

Nessa perspectiva, ainda de acordo com os autores:

Devemos lembrar de que os grupos de fatores são incluídos na análise para testar hipóteses ligadas a alguma teoria; por isso, é fundamental apresentar os resultados, seja com, seja sem significância. Um resultado com significância representaria uma evidência a favor da hipótese e da respectiva teoria; um resultado sem significância poderia servir como evidência para refutar a hipótese ou, então, refiná-la, contribuindo para a construção de uma teoria mais adequada. Outro aspecto diz respeito ao fato de que, na análise quantitativa, dado grupo de fatores pode não ser significativo, mas o resultado é, em si, importante em relação ao que já sabemos a respeito da língua estudada ou do fenômeno focado na análise (GUY & ZILLES, 2007, p. 216).

#### 4.3.1 Realização do objeto direto (realizado, não realizado ou nada disso)

Ao investigar a importância deste fator, cujo objetivo foi verificar se realmente alguma de suas variantes (objeto direto realizado, objeto direto não realizado ou nada disso) favorece ou inibe os empregos do fenômeno em análise, verificamos que, particularmente, em Teresina foram encontrados os resultados conforme expostos na Tabela 5, a seguir.

Tabela 5 - Distribuição das variantes conforme a realização do objeto direto

	Clítico		Não Clítico	
	Nº	%	Nº	%
Realizado	90/157	57	67/157	42
Não realizado	16/36	55	20/36	55
Nada disso	63/114	44	51/114	44

Fonte: Elaboração da Autora.

Como podemos ver, os percentuais são muito próximos, o que indica não ser esse um fator significativo. Vejamos, respectivamente, os exemplos que se seguem:

(58) Elame deu *um tapa*... (EPaIF4<sup>a</sup>S)

(59) Ela me deu  $\Phi$  de mesada. (EPaIF8<sup>a</sup>S)

(60) Ela *chegou*pra mim e disse com todas as palavras... (EPaIF3<sup>a</sup>S)

A expectativa inicial, formulada com base nos resultados de Silveira (2000) e Torres de Moraes e Salles (2010), não foi confirmada. Os resultados da Tabela 5, entretanto, parecem representar uma evidência de que objeto direto e objeto indireto são de natureza estrutural distinta (CYRINO, 2000).

#### 4.3.2 Realização do sujeito (expresso ou nulo)

Vejamos, na Tabela 6, a seguir, os resultados referentes à variável realização do sujeito a partir da amostra de Teresina.

Tabela 6 - Distribuição das variantes conforme a realização do sujeito

	Clítico		Não Clítico	
	Nº	%	Nº	%
Expresso	147/263	55	116/263	44
Nulo	22/44	50	22/44	50

Fonte: Elaboração da Autora.

Conforme o exposto, os resultados revelam que o número de ocorrências com sujeito expresso (263) é maior do que as ocorrências com sujeito nulo (44). No entanto, os percentuais da variante clítica indicam apenas cinco pontos percentuais de diferença entre eles, o que demonstra que nossa expectativa não foi confirmada, pois esperávamos que o não preenchimento de sujeito favorecesse a variante clítica.

(61) a. Agora *eute* falo sabe porque que as pessoas...as pessoas num denunciam ele sabe por quê? (EPuIM3<sup>a</sup>S)

b. Como *eu* falei pra tieu quero MUIto ajudar os pobres (EPuIM3<sup>a</sup>S)

(62) a.  $\Phi$  Játe falei (EPuIF3<sup>a</sup>S)

Há dativos com sujeito expresso clítico e não clítico em (61) e com sujeito nulo clítico em (62).

#### 4.3.3 Pessoa (1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup> ou 3<sup>a</sup>)

A distribuição dos dados, pelo fator *pessoa*, é dada da seguinte forma:

Tabela 7 - Distribuição das variantes conforme a pessoa

	Clítico		Não Clítico		P.R.
	Nº	%	Nº	%	
1 <sup>a</sup> Pessoa	113/139	81	26/139	18	.84
2 <sup>a</sup> Pessoa	54/67	80	13/67	19	.88
3 <sup>a</sup> Pessoa	2/101	1	99/101	99	.02

Fonte: Input = 0.563 Loglikelihood = -101.172 Significance = 0.044  
Elaboração da Autora.

Esta tabela nos permite evidenciar que há uma significativa diferença entre a 1<sup>a</sup>, a 2<sup>a</sup> e a 3<sup>a</sup> pessoas. A realização de clítico de 1<sup>a</sup> pessoa obteve o percentual de 81% e peso relativo (.84), o que representa uma diferença de um ponto percentual em relação aos de 2<sup>a</sup> pessoa. A 3<sup>a</sup> pessoa tem menor percentual de ocorrência (1%) e peso relativo (.02). Os resultados se assemelham aos de outros estudos quantitativos sobre o Português brasileiro na modalidade oral (GOMES, 2001). Vejamos os exemplos:

(63) a. Uma pessoa *medisse* que ela foi assaltada dentro do ônibus (EPuIF4<sup>a</sup>S )

b. Ela disse *pra mim* que o filho dela viajou (EPuIF3<sup>a</sup>S)

(64) a. Pra *te* falar a verdade eu não sou de shop (EPaIM3<sup>a</sup>S)

b. Como eu falei *pra ti* vergonhoso fazer a caminhada mística (EPuIM3<sup>a</sup>S)

(65) a. Eles...se vêem naquela situação... e num vem neñua atitude do do governo no intuito de dar-*lhes* condições de de melhorar de vida... (EPaIM3<sup>a</sup>S)

b. Muitos pais não dão condição *pra ele* (EPuIF4<sup>a</sup>S)

As duas únicas ocorrências de 3<sup>a</sup> pessoa aparecem abaixo.

(66) a. O jovem ele gosta de uma coisa que possa naquele momento *é lhe* dar aquela sensação de diversão

b. Eles se vêm naquela situação... e num vêm neñua atitude do/ do governo no intuito de dar-*lhes*<sup>32</sup> condições de/ de melhorar de vida (EPaIM3<sup>a</sup>S)

O fato de encontrarmos essas duas ocorrências contraria nossa expectativa inicial de que não haveria clíticos de 3<sup>a</sup> pessoa. Entretanto, o fato de o peso relativo ser de .02 constitui uma indicação de que estamos diante de um resíduo histórico, o que pode não levar a descartar a hipótese de Machado-Rocha (2016).

#### 4.3.4 Tipos de verbo (transitivos, inergativo ou inacusativo)

A análise dos três tipos de verbo busca averiguar qual dos tipos de verbo mais favorece as realizações clíticas de dativo.

Tabela 8 - Distribuição das variantes conforme o tipo de verbo

	Clítico		Não Clítico		P.R.
	Nº	%	Nº	%	
Transitivos	133/241	55	108/241	44	.53
Inergativo	34/58	80	24/58	41	.42
Inacusativo	2/08	25	6/08	75	.11

Fonte: Input = 0.563 Loglikelihood = -101.172 Significance = 0.044

Elaboração da Autora.

Os resultados confirmam nossa hipótese e mostram que, em termos de peso relativo, tanto o verbo inacusativo quanto o inergativo desfavorecem a variante clítica. Se o objeto semântico não ocorre *in situ*, então tem-se, nesses casos, uma configuração [SN V e SN]. Conforme mostra a Tabela 5, o objeto vazio não favorece a variante clítica. O resultado entre as Tabelas 8 e 5 é coerente. Vejamos algumas ocorrências dos verbos inacusativos.

(67) a. O dinheiro nunca *chegaa* nós (EPuIM3<sup>a</sup>S)

b. ele *apareceu* pra eles... (EPuIM4<sup>a</sup>S)

<sup>32</sup> Veja-se aqui o uso de ênclise encontrado no *corpus*.



c. Ela *chegou* pra mim e disse com todas as palavras... (EPaIF3<sup>a</sup>S)

#### 4.3.5 Estrutura do DP objeto direto (oracional, não oracional ou nada disso)

Tabela 9 - Distribuição das variantes conforme a estrutura do DP objeto direto

	Clítico		Não Clítico	
	Nº	%	Nº	%
DP oracional	87/152	57	65/152	42
DP não oracional	49/87	56	38/87	43
Nada disso	33/68	48	35/68	51

Fonte: Elaboração da Autora.

Vejamos os exemplos:

a) DP oracional

(68) Os pais têm que tentar mostrar pra eles *que tá errado* (EPaIM8<sup>a</sup>S)

b) DP não oracional

(69) Deus deu *roupa* pra eles (EPuIM4<sup>a</sup>S)

c) Nada disso

(70) a. Nulo: Ele ele dá  $\Phi$  pra ela e ela joga na cara dele... (EPuIF4<sup>a</sup>S)

b. Inergativo: Você liga a televisão e você que saber de alguma coisa que lhe *interesse* (EPuIM3<sup>a</sup>S)

c. Inacusativo: Ele *apareceu* pra eles... (EPuIM4<sup>a</sup>S)

Nossa expectativa foi confirmada, pois esperávamos que a realização DP oracional favorecesse a cliticização, 57%. Conforme Fagundes (1997), quando o objeto direto é realizado o objeto indireto tende a se cliticizar.

#### 4.3.6 Tipos de preposição (a, para, em ou de)

Estudos variacionistas têm apontado uma mudança linguística, ao quantificar as preposições que introduzem dativos, conforme vimos no capítulo 2. A importância do favorecimento da preposição “para” em detrimento de “a” tem levado a conclusões importantes: Calindro (2016) argumenta que, de fato, não haveria dativos no Português brasileiro, e uma das evidências seria o uso quase categórico da preposição lexical “para”.

Em vista disso, fizemos um recorte no *corpus*, reunindo apenas as ocorrências preposicionadas. Excluindo as variantes clíticas, analisamos nesta etapa da pesquisa um total de 138 ocorrências. Nossos resultados aparecem na Tabela 10, a seguir.

Tabela 10 - Distribuição das variantes conforme o tipo de preposição

	Nº	%
A	5	03,6
Para	127	92,0
Em	4	03,0
De	2	01,4
<b>Total</b>	<b>138</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Elaboração da Autora.

A preposição *para* é a mais recorrente, o que aproxima o dialeto teresinense de outros dialetos brasileiros investigados (GOMES, 2001; 2003; NASCIMENTO, 2007; CALINDRO, 2016). Contrariando nossa expectativa, o fato de a preposição “para” superar as demais não foi suficiente para desfavorecer a variante clítica quando comparada à variante preposicionada em construções dativas.

Vejamos, abaixo, exemplos de cada uma das preposições identificadas no *corpus*.

a) A:

(71) Fez ampliação, mas não conseguiu dá o suporte e a estrutura *a elas* (EPaIM8<sup>a</sup>S)

b) Para:

(72) A maioria das amigas dela dá conselho *pra ela* (EPuIF8<sup>a</sup>S)

c) Em:

(73) Quando ele bate **em mim** mesmo que não tenha doído se a mamãe tiver eu faço um escândalo (EPaIF4<sup>a</sup>S)

d) De

(74) Ela cuida **de mim** (EPuIF3<sup>a</sup>S)

Essa variedade de preposições confirma a afirmação de Brito (2009):

[q]ualquer dos autores que estudaram este tema (Duarte, 1987; 2003; Xavier, 1989; Gonçalves, 1990; Vilela, 1992; Silva, 1999; Morais, 2006) se deram conta do carácter não homogêneo do OI, em particular da distinção entre o estatuto obrigatório e livre, se referiram ao facto de existirem dativos dependentes de verbos de três e de dois argumentos e de o OI poder ter

diferentes interpretações, nomeadamente de beneficiário, meta, malefactive, origem.

#### 4.4 Fatores externos ou sociais

Nesta seção, desenvolveremos a análise das variáveis extralinguísticas que atuam sobre as estruturas contendo realizações dativas. Foi selecionado pelo Programa GOLDVARB 2001 como estatisticamente significativa, em relação à variante clítica, a variável grupo social (escola pública ou escola particular). As variáveis sexo, escolaridade e idade não foram selecionadas.

##### 4.4.1 Grupo social

Conforme referido anteriormente, o fator *grupo social* foi identificado a partir do tipo de escola frequentada pelo informante: se pública ou particular. Os resultados aparecem na Tabela 11, a seguir.

Tabela 11 - Distribuição das variantes conforme o grupo social do informante

	Clítico		Não Clítico		P.R.
	Nº	%	Nº	%	
Grupo não privilegiado	65/156	41	91/156	58	.36
Grupo privilegiado	104/151	68	47/151	31	.64

Fonte: Input = 0.563  
Elaboração da Autora.

Log likelihood = -101.172

Significance = 0.044

Os resultados revelam que a escola privada obteve um maior percentual de dativos clíticos, 68% das ocorrências e peso relativo de .64. O grupo social mais elevado é o que mais favorece a variante clítica. Veja-se que aqui a distinção se manifesta na língua falada, e não na escrita, e que os clíticos se apresentam nos dois grupos sociais.

##### 4.4.2 Sexo

Conforme Paiva (1996, p. 70), “sexo é um fator significativo nos processos de variação e mudança, e atua no sentido de que as mulheres favorecem a ocorrência das formas mais prestigiadas socialmente”. Por isso, nossa expectativa era que esse fator fosse selecionado pelo programa Goldvarb.

Tabela 12 - Distribuição das variantes conforme o sexo do informante

	Clítico		Não Clítico	
	Nº	%	Nº	%
Masculino	64/130	49	66/130	50
Feminino	105/177	59	72/177	49

Fonte: Elaboração da Autora.

Nos dados deste trabalho, embora constatem maior frequência de uso de clíticos no grupo de mulheres, esse fator não foi selecionado pelo Programa Goldvarb. Tal resultado é importante porque constitui uma indicação de que os clíticos dativos de 1ª e de 2ª pessoas não são reconhecidos como marcas de grupo social mais privilegiado, ainda que tenham sido favorecidos pelo fator grupo social, conforme mostra a tabela 11.

#### 4.4.3 Escolaridade

A Tabela 13, a seguir, apresenta os resultados da variável escolaridade a partir da amostra de Teresina.

Tabela 13 - Distribuição das variantes conforme a escolaridade

	Clítico		Não Clítico	
	Nº	%	Nº	%
5ª Série	43/92	46	49/92	53
9ª Série	43/92	56	43/99	43
3º Ano	70/116	60	46/116	39

Fonte: Elaboração da Autora.

Conforme a Tabela 13, em Teresina, as realizações *clíticas* dativas ocorreram em 60% da amostra em que o grau de escolaridade era o 3º ano do Ensino Médio, ao passo que, no Ensino Fundamental, a 9ª série obteve o índice de 56% e na 5ª série de 46%. Isto, entretanto, confirma a hipótese levantada sobre este fator no Capítulo 3, de que o apagamento do clítico é mais comum entre os indivíduos com menor nível de escolaridade. Entretanto, veja-se que esse fator não foi selecionado pelo programa Goldvarb. Logo, esses resultados nos levam a refutar a hipótese de que clíticos são aprendidos na escola para descrever a situação do PB no que diz respeito aos clíticos de 1ª e de 2ª pessoas.

#### 4.4.4 Idade

Com o objetivo de observar a interferência do fator idade nas realizações dativas clíticas e preposicionadas (preposição+pronome), será examinado como a ocorrência dos dados de Teresina se deu em relação às faixas etárias selecionadas para esta pesquisa.

A Tabela 14, a seguir, apresenta a distribuição das realizações clíticas e não clíticas (preposição+pronome), em relação à idade, em Teresina.

Tabela 14 - Distribuição das variantes conforme a idade do informante

Faixa Etária	Clítico		Não Clítico	
	Nº	%	Nº	%
9/11 anos	43/92	46	49/92	53
14/16 anos	43/92	56	43/99	43
17/20 anos	70/116	60	46/116	39

Fonte: Elaboração da Autora.

De acordo com a Tabela 14, podemos verificar que a faixa etária de dezessete a vinte anos de idade foi a que mais empregou o clítico dativo. Em termos percentuais, sugere mudança em progresso na direção de diminuição no uso de clíticos, embora a distância etária entre a primeira e a última faixa seja de quatorze anos. Esse fator, entretanto, não foi selecionado pelo Goldvarb, o que enfraquece a hipótese.

Nessa esteira, conforme podemos verificar nas Tabelas 13 (p. 75) e 14 (p. 76) os fatores Escolaridade e Idade se sobrepõem. Dessa forma, Guy & Zilles (2007), ao abordarem a respeito do item eliminação de redundância ou superposição de fatores, afirmam:

[p]ode ser que o esquema original de codificação de dados, planejado para ter grupos ortogonais, acabe não sendo tão ortogonal quando examinamos atentamente a distribuição de dados. Verifica-se então que existem fatores de diferentes grupos mais ou menos coincidentes, codificando os mesmos dados. Nesse caso, o pesquisador pode desejar fazer várias análises para ver se isso está criando algum problema analítico e, em caso afirmativo, pode testar diferentes modos de resolvê-lo (GUY & ZILLES, 2007, p.176).

Nessa perspectiva, Guy & Zilles (2007, p. 177) aconselham que “o pesquisador deve começar fazendo uma análise desses dados justamente como estão codificados originalmente, mas depois fazer outras rodadas com várias análises alternativas, para avaliar se o desequilíbrio da distribuição está produzindo um efeito nos resultados”.

Além disso, os autores ressaltam que as análises alternativas que devem ser testadas dependem do caso específico, e que, “[q]ualquer que seja a alternativa escolhida, convém fazer rodada adicional para comparar os pesos obtidos e os *log-likelihood*, a fim de avaliar e interpretar os resultados” (GUY & ZILLES, 2007, p. 178).

Para solucionar o problema da sobreposição dos fatores escolaridade e idade, agrupamos esses dois fatores e inserimos esse novo grupo no Goldvarb. Mesmo assim, o fator não foi selecionado e o resultado da rodada continuou o mesmo. Então, usamos o teste do Qui-quadrado. O resultado foi 0.03. Quando o *p valor* é menor que 0.5 o fator é significativo. Entretanto, mesmo sendo significativo houve ambiguidade.

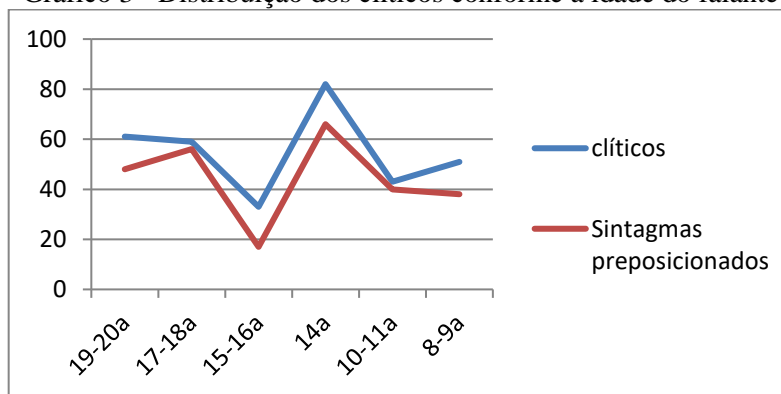
Dessa forma, para tentar ainda resolver o problema da sobreposição, fizemos uma nova rodada separando as idades, agora em grupos menores, e detectamos que mesmo assim esse fator não foi selecionado como significativo pelo GOLDVARB 2001, mas os resultados são muito interessantes, pois mostram a maior frequência de clíticos na faixa etária mais jovem. A título de ilustração, vejamos a Tabela 15 e o Gráfico 3, a seguir:

Tabela 15 - Distribuição das variantes conforme a faixa etária do informante

Faixa Etária	Clítico		Não Clítico	
	Nº	%	Nº	%
8-9 anos	18/35	51	17/35	48
10-11 anos	25/57	43	32/57	56
14 anos	38/46	82	08/46	17
15-16 anos	18/53	33	35/53	66
17-18anos	34/57	59	23/57	40
19-20 anos	36/59	61	23/59	38

Fonte: Elaboração da Autora.

Gráfico 3 - Distribuição dos clíticos conforme a idade do falante



Fonte: Elaboração da Autora.

## 4.5 Estudo em painel

Nesta etapa do trabalho, faremos um estudo em painel. Nosso objetivo é compreender melhor a análise com base no tempo aparente que buscamos realizar nesta pesquisa.

Conforme vimos, um estudo em painel visa identificar o comportamento do indivíduo, de modo a verificar se, após um período de mais de doze anos, há estabilidade ou mudança em relação ao uso de determinadas variantes. Em vista disso, passaremos, na subseção a seguir, aos resultados obtidos na análise dos dados do estudo em painel.

### 4.5.1 A análise das variantes com clítico no estudo em painel

A frequência global de variantes com clíticos nos *corpora* pesquisados aparece na Tabela 16.

Tabela 16 - Distribuição das variantes com clítico no T1 e no T2

Variantes	Clítica	%
Tempo 1(2000-2003)	169/307	55
Tempo 2 (2015)	41/61	67

Fonte: Elaboração da Autora.

Os dados mostram que os informantes utilizaram, nas duas amostras, percentuais elevados da variante *clítica* de dativo. Os exemplos, a seguir, ilustram a Tabela 16.

(75) Meu pai só serve pra...*me* dar diêro... (EPaIM8<sup>a</sup>S)

(76) Um livro chamado o negócio do século XXI na verdade *me* chamou muita atenção (EPaIM)

No exemplo (75), temos realização dativa clítica no tempo 1e em (76), no tempo 2.

Na Tabela 17, a seguir, são apresentados os resultados referentes a realização do objeto direto na sentença.

Tabela 17 - Distribuição clítica das variantes conforme à realização do objeto direto

	Tempo 1 (2000-2003)		Tempo 2 (2015)	
	Nº	%	Nº	%
Realizado	90/157	57	35/42	83
Não realizado	16/36	55	1/1	100
Nada disso	63/114	44	5/18	33

Fonte: Elaboração da Autora.

Um resultado importante em relação a esse fator é que na primeira amostra a variante objeto realizado foi a mais significativa, 57%. Vejamos as ocorrências conforme a ordem exposta acima.

(77) A menina recebeu *o peixe* e me deu o peixe (EPaIF3<sup>a</sup>S)

(78) Ela medeu  $\Phi$  de mesada. (EPaIF8<sup>a</sup>S)

(79) Ela *chegou* pra mim e disse com todas as palavras... (EPaIF3<sup>a</sup>S)

A seguir são apresentados os resultados referentes ao sujeito.

Tabela 18 - Distribuição da variante com clítico conforme a realização do sujeito

	Tempo 1 (2000-2003)		Tempo 2 (2015)	
	Nº	%	Nº	%
Expresso	147/263	55	36/50	72
Nulo	22/44	50	5/11	45

Fonte: Elaboração da Autora.

Essa Tabela mostra que, em ambos os tempos, o percentual de clíticos é diferente, sendo maior quando o sujeito da sentença não é nulo no T2.

Vejamos os exemplos a seguir:

(80) *Eu* tou lhe falando em crime como esses... (EPaIF3<sup>o</sup>S)

(81) Tirar vida? ... é diferente pelo fato que  $\Phi$  lhe falei, entendeu? (EPaIF3<sup>o</sup>S)

Em (80), há sujeito expresso e em (81), sujeito nulo.

Outro fator analisado, no *corpus* em estudo, é a pessoa. Vejamos os percentuais na tabela a seguir:

Tabela 19 - Distribuição clítica das variantes conforme a pessoa

	Tempo 1 (2000-2003)		Tempo 2 (2015)	
	Nº	%	Nº	%
1ª Pessoa	113/139	81	28/39	71
2ª Pessoa	54/67	80	12/12	100
3ª Pessoa	2/101	1	1/10	10

Fonte: Elaboração da Autora.

Os números da Tabela 19 mostram que os clíticos de 3ª pessoa são significativamente poucos na fala corrente dos teresinenses no T1 (2000), e praticamente não existem no T2

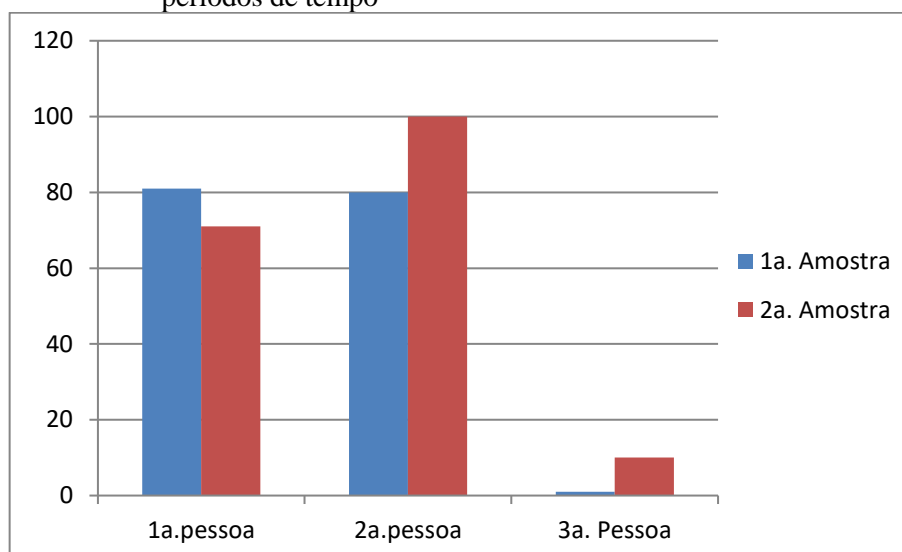


(2015), o que reafirma o seu escasso uso já documentado em vários estudos quantitativos sobre o Português brasileiro na modalidade oral, conforme Tarallo (1983); Duarte (1989); Berlinck (1997); Fagundes (1997); Freire (2000); Silveira (2000); Gomes (2001); Dantas (2007); Nascimento (2007)). A título de ilustração, vejamos o exemplo a seguir:

(82) Sabendo que ela vai ter algo a mais pra *lhe* acrescentar (idoso) (EPaIM8<sup>a</sup>S)

Estes resultados ficam mais visíveis no Gráfico 4.

Gráfico 4 - Percentual de clíticos conforme a pessoa gramatical em dois períodos de tempo



Fonte: Elaboração da Autora.

Como já foi dito anteriormente, os percentuais revelam que a hipótese aventada para a variável pessoa foi confirmada. Os informantes teresinenses tanto no T1 (2000) quanto no T2 (2015) demonstraram menor preferência pela variante de 3<sup>a</sup> pessoa. O T2 (2015) mostrou-se como o que mais favoreceu o uso da forma, pois prevaleceu tanto na 2<sup>a</sup> quanto na 3<sup>a</sup> pessoa.

Quanto ao fator tipo de verbo, vejamos, a seguir, os resultados selecionados pelo Goldvarb 2001.

Tabela 20 - Distribuição das variantes clíticas conforme o tipo de verbo

	Clítico		Não Clítico	
	Nº	%	Nº	%
Transitivos	133/241	55	39/58	67
Inergativo	34/58	80	2/3	66
Inacusativo	2/08	25	0/0	0

Fonte: Elaboração da Autora.

Essa tabela mostra que, em ambos os tempos, o número de clíticos é menor quando o tipo de verbo é a variante *inacusativo*. Vejamos os exemplos abaixo:

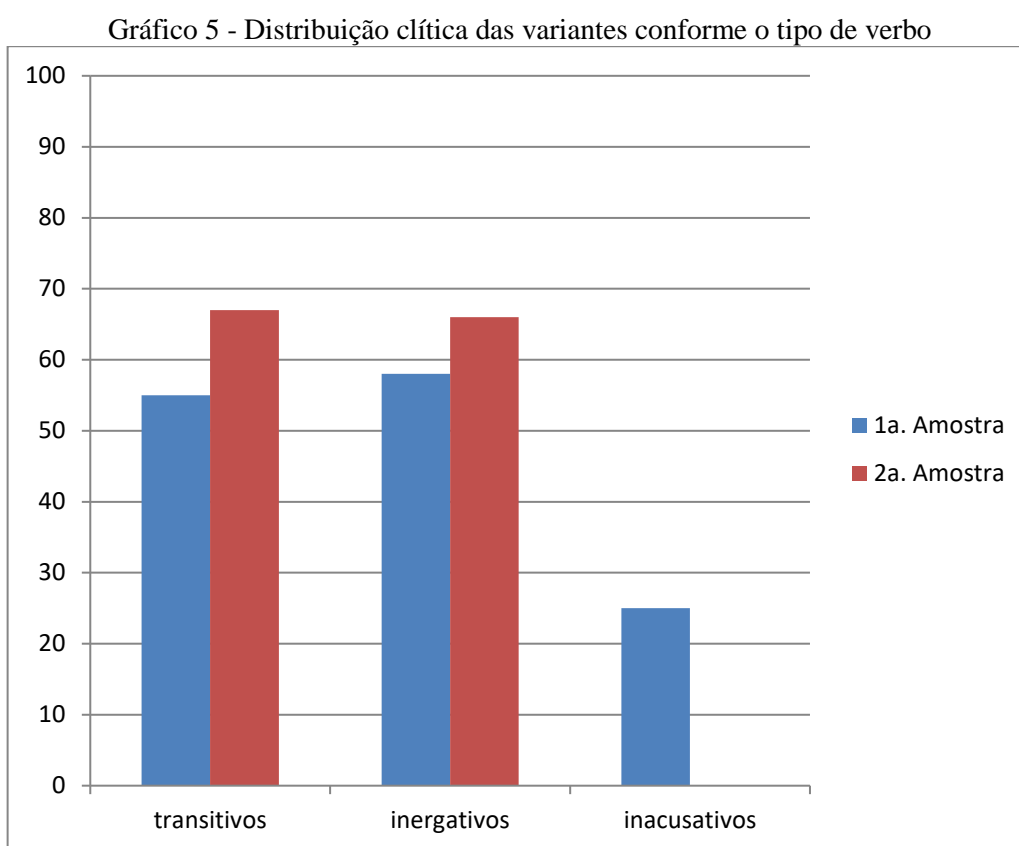
a) Transitivos:

(83) Medicina...eu acho a profissão muito boa...uma profissão que...que medá *um valor*...que me fascina (EPaIM8<sup>a</sup>S)

b) Inergativo:

(84) Você liga a televisão e você que saber de alguma coisa que lhe *interesse* (EPuIM3<sup>a</sup>S)

Para uma melhor visualização destes resultados, vejamos o gráfico a seguir:



Elaboração da Autora.

Além disso, os dados indicam que, com transitivos e inergativos no T2 (2015), a variante com clítico é mais frequente na fala teresinense do que no T1 (2000), exceto com os inacusativos.

No que diz respeito ao fator estrutura do DP objeto direto, vejamos os resultados na Tabela 21, a seguir:

Tabela 21 - Distribuição das variantes conforme a estrutura do DP objeto direto

	Tempo 1 (2000-2003)		Tempo 2 (2015)	
	Nº	%	Nº	%
DP oracional	87/152	57	14/29	48
DP não oracional	49/87	56	21/29	72
Nada disso	33/68	48	2/3	66

Fonte: Elaboração da Autora.

Um resultado relevante em relação ao fator em análise é que, na primeira amostra, a variante DP oracional favoreceu a cliticização, 57%. Já na segunda amostra, a variante DP não oracional foi favorecida em 72%. Vejamos, respectivamente, os exemplos a seguir:

(85) Ela me disse [*que faz aula de música*] (EPaIF4<sup>a</sup>S)

(86) Deus deu *roupa* pra eles (EPuIM4<sup>a</sup>S)

(87) Ele *apareceu* pra eles... (EPuIM4<sup>a</sup>S)

A seguir serão apresentados os resultados do fator tipo de preposição. Vale lembrar, que nessa contagem apenas as ocorrências sem clítico foram objeto de análise.

Tabela 22 - Distribuição clítica das variantes conforme o tipo de preposição em dois momentos do tempo

	Tempo 1 (2000-2003)		Tempo 2 (2015)	
	Nº	%	Nº	%
A	5/138	03,6	2/20	10
Para	127/138	92,0	17/20	85
Em	4/138	03,0	0/20	0
De	2/138	01,14	1/20	5
<b>Total</b>	<b>138</b>	<b>100,0</b>	<b>20</b>	<b>100</b>

Fonte: Elaboração da Autora.

Os índices gerais de frequência confirmam a preferência pela preposição *para* em ambos os tempos. Esse resultado se adequa a generalização de que no português falado do Brasil os

estudos que ressaltam preposição têm preferência normalmente pela preposição *para*: Gomes (2001) e Nascimento (2007). Vejamos os exemplos:

A:

(88) Fez ampliação, mas não conseguiu dá o suporte e a estrutura

*a elas* (EPaIM8<sup>a</sup>S )

Para:

(89) A maioria das amigas dela dá conselho *pra ela* (EPuIF8<sup>a</sup>S)

De:

(90) A pessoa ter pena de mim eu num suporte... detesto quem tem pena *de mim* (EPuIF8<sup>a</sup>S)

A seguir, apresentaremos os resultados do fator sexo.

Tabela 23 - Distribuição clítica das variantes conforme o sexo em dois momentos do tempo

	Tempo 1 (2000-2003)		Tempo 2 (2003)	
	Nº	%	Nº	%
Masculino	64/130	49	13/27	48
Feminino	105/177	59	28/34	82

Fonte: Elaboração da Autora.

Os dados nos mostram algo bastante recorrente nos estudos sociolinguísticos: no decorrer do tempo, houve aumento no uso de clíticos dativos na fala das mulheres e queda na fala masculina. Isso se adéqua à generalização feita por Labov (1990; 2001) de que as mulheres são sensíveis às variantes padrão, em razão do papel que desempenham no núcleo familiar e social, mais especificamente, no que se refere ao cuidado às crianças.

Vejamos agora a distribuição das variantes com clítico por informante, na Tabela 24, a seguir.

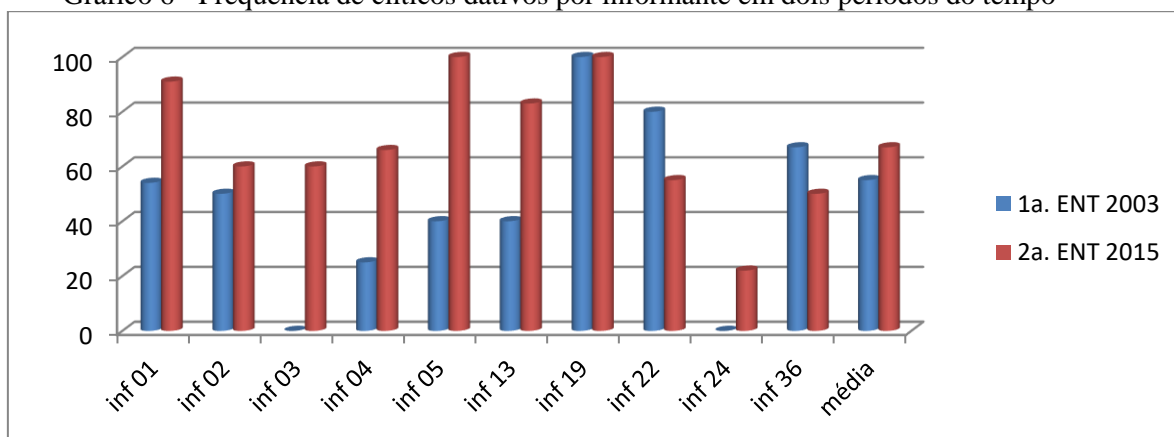
Tabela 24 - Distribuição das variantes clíticas conforme o informante em dois períodos de tempo

1ª entrevista (2000/2003)						2ª entrevista (2015)				
Informante	Sexo	Ano	Instrução	Clíticos		Intervalo	Idade	Escolaridade	Clíticos	
				Nº	%				Nº	%
Inf.1	F	2003	4ª.série	7	54	12 anos	20	Superior	11	91
Inf. 2	F	2003	4ª.série	2	50	12 anos	21	Médio	3	60
Inf.3	F	2003	4ª.série	0	0	12 anos	21	Superior	3	60
Inf.4	M	2003	4ª.série	1	25	12 anos	21	Superior	2	66
Inf.5	M	2002	4ª.série	2	40	13 anos	22	Superior	2	100
Inf.13	F	2002	8ª.série	4	40	14 anos	28	Superior	5	83
Inf.19	F	2003	8ª.série	16	100	12 anos	26	Superior	6	100
Inf.22	M	2003	8ª.série	8	80	12 anos	25	Superior	5	55
Inf.24	M	2003	8ª.série	0	0	12 anos	26	Superior	2	22
Inf.36	M	2003	3º.médio	2	67	12 anos	28	Superior	2	50

Fonte: Elaboração da Autora.

Estes resultados ficam mais visíveis no Gráfico 6, a seguir.

Gráfico 6 - Frequência de clíticos dativos por informante em dois períodos do tempo

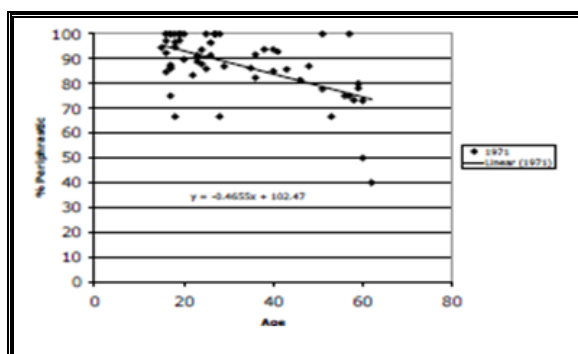


Fonte: Elaboração da Autora.

Conforme o Gráfico 6, podemos constatar que os informantes na Entrevista 2 (2015) usaram mais o clítico dativo do que os na Entrevista 1 (2000/2003), exceto os informantes 22 e 36. Com base nesses resultados, podemos concluir que há um padrão de favorecimento no que se refere à variante com clítico. É preciso ter em conta que nove dos dez informantes estão concluindo ou concluíram curso superior no período analisado. Dessa forma, fica evidente que os dados constantes no Gráfico 6 refletem não só a Idade, mas também a Escolaridade.

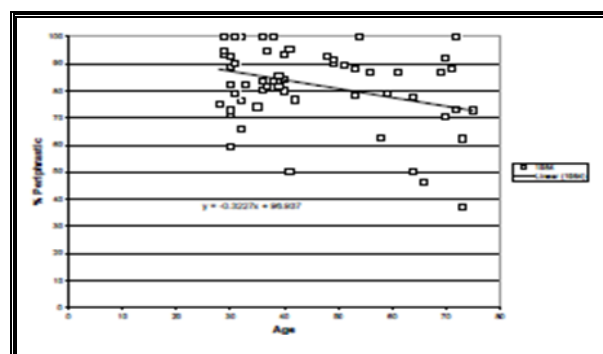
Nessa perspectiva, o estudo no tempo aparente mostra-se ambíguo em relação a definir se o processo em análise configura gradação etária ou mudança na comunidade. Em vista disso, comparamos nossos dados aos de Sankoff & Wagner (2006). Esses autores apresentam resultados que configuram gradação etária, vejamos:

Gráfico 7 - Percentual de futuros perifrásticos para 59 falantes do painel de Montreal em 1971, segundo a idade (somente dados afirmativos)



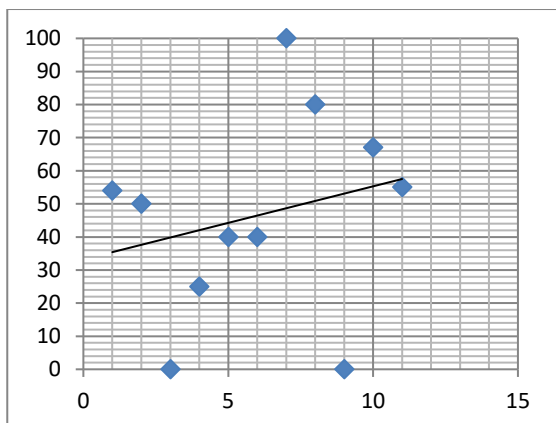
Fonte: Sankoff & Wagner 2006, p. 8, figure 1.

Gráficos 8 - Percentual de futuros perifrásticos para 60 falantes do painel de Montreal em 1984, segundo a idade (somente dados afirmativos)



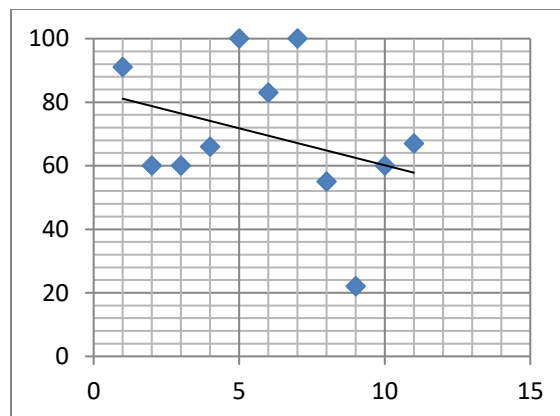
Fonte: Sankoff & Wagner 2006, p. 8, figure 2.

Gráficos 9 - Percentual de clíticos dativos conforme a idade para 10 falantes do painel de Teresina em 2000-2003



Fonte: Elaboração da Autora.

Gráficos 10 - Percentual de clíticos dativos conforme a idade para 10 falantes do painel de Teresina em 2015



Fonte: Elaboração da Autora.

A comparação dos gráficos nos leva a concluir que nossos resultados não configuram gradação etária.

No Capítulo 5, a seguir, faremos um estudo comparativo sobre as realizações de dativo no Português falado em Teresina (PI), tomando como ponto de referência os resultados disponíveis no Português falado em outras regiões brasileiras.

## 5 ESTUDOS COMPARATIVOS

Este capítulo tem por objetivo efetuar um estudo comparativo das realizações dativas no Português falado em Teresina (PI), tendo como ponto de referência os resultados disponíveis no Português falado em outras regiões brasileiras, conforme o exposto no Quadro 4 e na Tabela 25 deste capítulo. Os aspectos a serem focalizados são os dativos nos dialetos brasileiros, destacando os mapas das regiões investigadas, com o propósito de depreender algumas generalizações. Faremos também uma discussão das hipóteses elencadas no decorrer dos capítulos.

### 5.1 Dativos nos dialetos brasileiros

Em relação às pesquisas que abordam as realizações dativas nos dialetos falados brasileiros de 1ª, 2ª e 3ª pessoas, contemporaneamente, podemos fazer algumas comparações, de modo a verificar como o dialeto teresinense se situa em relação aos outros dialetos brasileiros. Para tanto, repetiremos o quadro e a tabela apresentados no Capítulo 2 e acrescentaremos os dados de Teresina, discutidos no Capítulo 4.

Os critérios de organização, do quadro e da tabela a seguir, foram estes:

1º) Separamos no Capítulo 2 os dados de dativos do Português falado brasileiro dos dados de dativos do Português escrito brasileiro; contudo, neste capítulo, vamos abordar só os dados do Português falado brasileiro, por ele ser o foco desta pesquisa;

2º) Constam no Quadro 4 e na Tabela 25 apenas os trabalhos resenhados, nesta Tese, em que os autores utilizam as realizações dativas e dados estatísticos na linha de pesquisa da Teoria da Variação e Mudança Linguística, por os mesmos serem foco desta tese.

Ressalte-se que a opção pela tabela por pessoa se deu em decorrência de a 3ª pessoa ter alcançado uma importância tal que conclusões a respeito do dativo em geral foram depreendidas a partir apenas de sua investigação.

Quadro 4 - Dativos no Português falado brasileiro

Pesquisas	Berlinck (1997)	Fagundes (1997)	Freire (2000)	Silveira (2000)	Gomes (2001)	Dalto (2002)	Dantas (2007)	Nascimento (2007)	Silva (2016)	Pessoa (2017)
Localidade	Curitiba	Florianópolis, Curitiba e Porto Alegre	Rio de Janeiro	Florianópolis	Rio de Janeiro	Florianópolis, Curitiba e Porto Alegre	Fortaleza	Almeidas, Pombal, Traíras e Acaba Vida/Faz Tudo	Feira de Santana	Teresina
Instrução	Superior incompleto	Fundamental e médio	Superior	Fundamental (1ª a 4ª) e médio	Fundamental e Médio	Fundamental e médio	Superior	Analfabeto/semi-analfabeto	Fundamental incompleto e superior	Fundamental e médio
Corpus	Entrevistas informais (PEU)	Entrevistas	Amostra de fala culta (NURC)	Entrevistas	Amostra de fala (Censo)	Entrevistas (VARSU L)	Entrevistas Palestras	Amostra de fala	Entrevistas	Entrevistas (PORFATER)
Quantidade	20 horas de gravação	72 (24 por cidade)	12 informantes	12 informantes	Não específica	72 (24 por cidade)	62 inquéritos do corpus Porcufort	(4 comunidades rurais de Goiás)	60 informantes	36 informantes = 36 horas de gravação
Pessoa do clítico	1ª 2ª 3ª	3ª	3ª	1ª 2ª 3ª	1ª 2ª 3ª	1ª 2ª	3ª	1ª 2ª 3ª	2ª	1ª 2ª 3ª

Fonte: Elaboração da Autora.

Esse quadro revela que a maioria dos autores usaram mais os itens instrução (Ensino Fundamental e Médio) e pessoa do clítico (1ª, 2ª e 3ª pessoas), inclusive Pessoa (2017).

Tabela 25 - Modalidade oral e área geográfica da variável dativo de 1ª, de 2ª e de 3ª pessoas

Pesquisas	Berlinck (1997)	Fagundes (1997)	Freire (2000)	Silveira (2000)	Gomes (2001)	Dalto (2002)	Dantas (2007)	Nascimento (2007)	Silva (2016)	Pessoa (2017)
Localidade	Curitiba	Florianópolis, Curitiba e Porto Alegre	Rio de Janeiro	Florianópolis	Rio de Janeiro	Florianópolis Curitiba e Porto Alegre	Fortaleza	Almeidas Pombal, Traíras e Acaba Vida/Faz Tudo	Feira de Santana	Teresina
Instrução	Superior incompleto	Fundamental e médio	Superior	Fundamental (1ª a 4ª) e médio	Fundamental e médio	Fundamental e médio	Superior	Analfabeto/semi-analfabeto	Fundamental incompleto e superior	Fundamental e médio
1ª. pessoa	88/229 38%			31/100 35%	44/64 68%	363/606 60%				.113/139 81%....
2ª. pessoa	37/61 61%			17/24 71% / .95	10/19 52%	99/80% -F 139/87% - C 105/83% PO Total geral 83,3%			30,7% (182/205)	...54/67 80%..
3ª. pessoa	0.5%	Insignificante p/ lhe	Ø = 0%	1/56 2% /.09	/(0%)		2,69%	Ø = 0%		2/101 1%

Fonte: Elaboração da Autora.

Com base no percentual de clíticos dativos de 1ª pessoa, tem-se a seguinte hierarquia: Florianópolis, 35% < Curitiba, 38% < Florianópolis, Curitiba e Porto Alegre, 60%. < Rio de



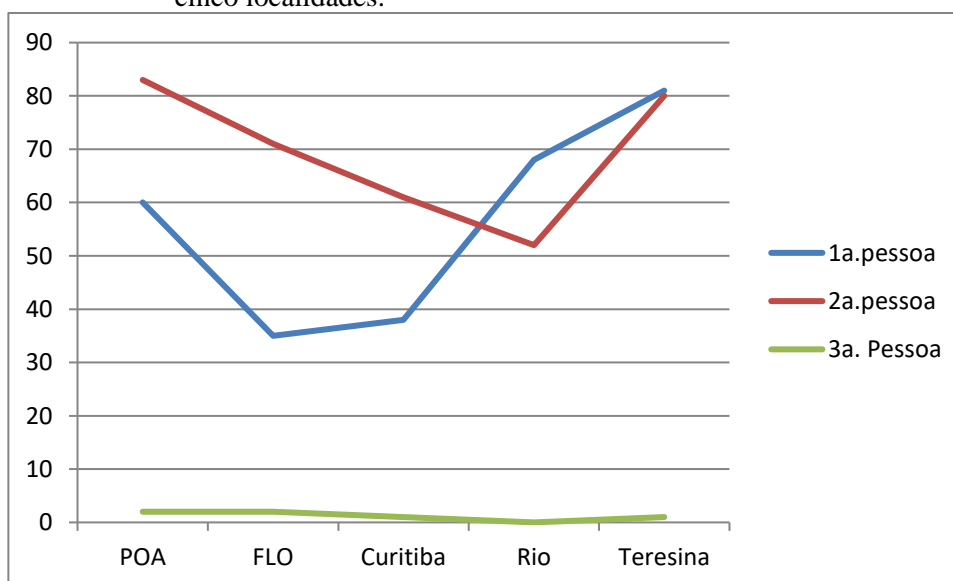
Janeiro, 68% < Teresina, 81%. A frequência de clíticos de 2ª pessoa também é elevada em Teresina (PI), pois só fica abaixo de Florianópolis, de Curitiba e de Porto Alegre.

Com base nos percentuais de 2ª pessoa, podemos apresentar a seguinte hierarquia: Feira de Santana, 30,7% < Rio de Janeiro, 52% < Curitiba, 61% < Florianópolis, 71% < Teresina, 80% < Florianópolis, Curitiba e Porto Alegre, 83,3%. Como já foi dito anteriormente, os dados referentes a Almeidas, Pombal, Traíras e Acaba Vida/Faz Tudo (GO) não foram incluídos porque não foi possível desagregar os percentuais de 1ª e de 2ª pessoas (50/321 = 15%).

Os resultados confirmam a quase ausência do clítico dativo de 3ª pessoa no Português falado no Brasil, exceto 0,5% de ocorrências na fala de Curitiba, 1% na fala de Teresina, 2% na fala de Florianópolis e 2,69% na fala de Fortaleza.

Para melhor visualização dos resultados, os percentuais da Tabela 25 aparecem no Gráfico 11, a seguir.

Gráfico 11 - Percentual de clíticos na modalidade oral por pessoa gramatical em cinco localidades.



Fonte: Elaboração da autora.

O Gráfico 11 permite visualizar uma diferença entre as seguintes regiões: na região Sul, a frequência de variante clítica de 2ª pessoa é mais alta que a de 1ª pessoa; a partir da região Sudeste, a frequência de variante clítica de 1ª pessoa supera a de 2ª. Os percentuais de 3ª pessoa são, de fato, marginais, quase nulos, em todas as regiões pesquisadas. Entretanto, o comportamento da 1ª e 2ª pessoas é significativo em todas as regiões.

Vale destacar que os dados de Feira de Santana (BA) não foram incluídos no Gráfico 11, porque não apresentam os percentuais das três pessoas gramaticais. Já os dados de

Almeidas, Pombal, Traíras e Acaba Vida/Faz Tudo (GO) também não foram incluídos, porque não foi possível desagregar os percentuais de 1ª e de 2ª pessoas.

Esses resultados mostram que o dialeto teresinense não é atípico em relação aos outros dialetos brasileiros. Se é assim, podemos retomar as três hipóteses enunciadas na Introdução e decidir entre elas, com base nos nossos resultados:

**Hipótese 1:** Os clíticos dativos de 3ª pessoa manifestam uma tendência de desaparecimento (FREIRE, 2005).

**Hipótese 2:** Não existem complementos propriamente dativos no Português brasileiro, o que há são complementos oblíquos decorrentes do caráter lexical da preposição ‘para’ (CALINDRO, 2016).

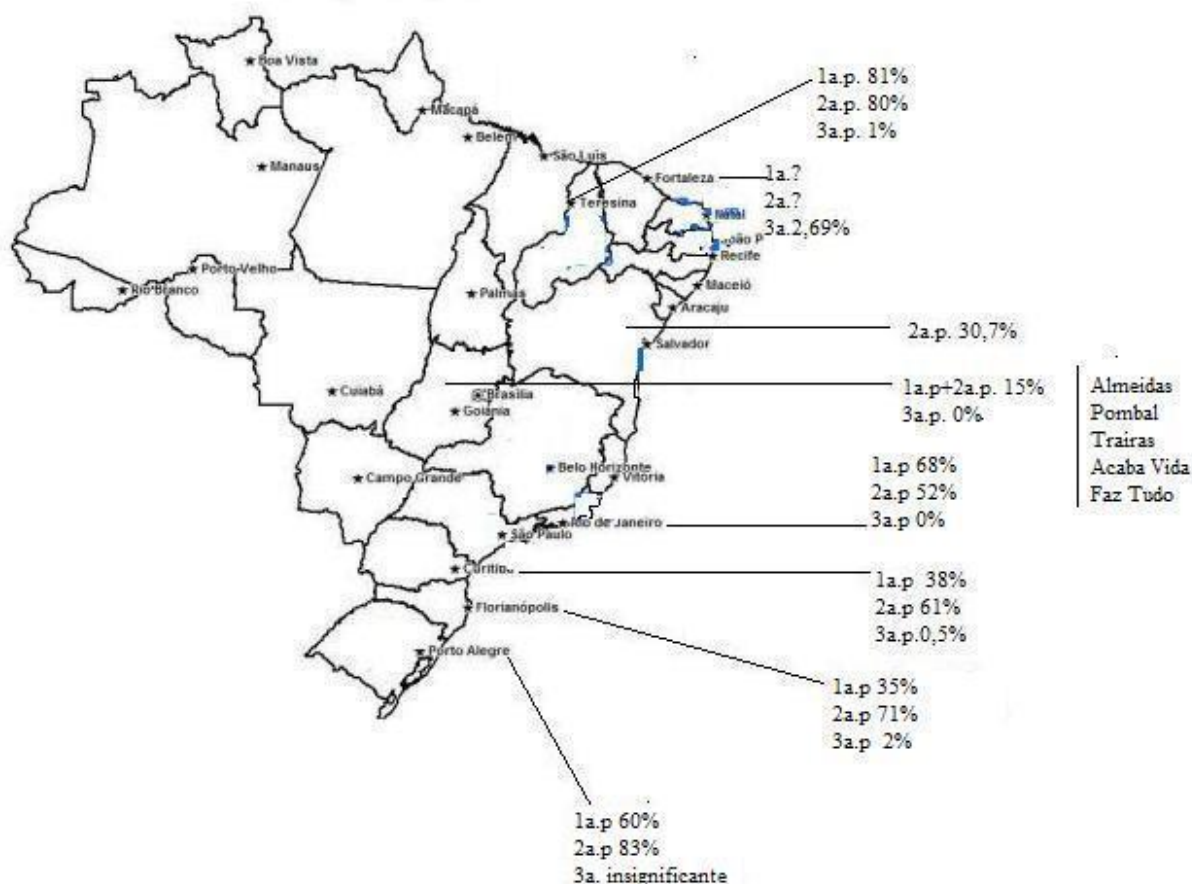
**Hipótese 3:** Os clíticos “me”, “te” e “lhe” são traços de concordância que se realizam quando o item pronominal na função de objeto indireto é interpretado como participante do ato discursivo. Se o item pronominal nesta função não é interpretado como um participante do ato discursivo, nenhum clítico vai se realizar morfológicamente (MACHADO-ROCHA, 2016).

Antes de ir adiante, apresentaremos um mapa dos Estados brasileiros em que se mostram os percentuais de clíticos dativos. A visualização de nossos resultados em um mapa, ainda que não seja uma carta sociolinguística, nos parece importante, porque dá ainda mais visibilidade que o gráfico. Nossa consulta aos dois volumes do ALiB,<sup>33</sup> publicados em 2014, vimos que o tema dos dativos não foi contemplado até o momento. E, conforme Aragão (2014, p. 36), um mapa linguístico amplia nosso “conhecimento da realidade linguística regional e nacional, fundamentado em dados empíricos”.

---

<sup>33</sup> CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva; MOTA, J. A.; AGUILERA, V. A.; ARAGAO, M. S. S.; ISQUERDO, A. N.; RAZKY, A.; MARGOTTI, F. W.; ALTENHOFEN, C. V. Atlas linguístico do Brasil. Volume 1. Introdução. 1. ed. Londrina: EDUEL, 2014. 212 p.  
CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva; MOTA, Jacyra Andrade; AGUILERA, V. A.; ARAGAO, M. S. S.; ISQUERDO, A. N.; RAZKY, A.; MARGOTTI, F. W. Atlas linguístico do Brasil. Volume 2. Cartas linguísticas 1. 1. ed. Londrina (Paraná): EDUEL, 2014. v. 1. 368 p.

Mapa 2 - Percentuais de clíticos dativos por localidade analisada



Fonte: A ilustração dos resultados é de elaboração da Autora.

Disponível em: <http://promarisa.blogspot.com.br/20011/03mapas-do-brasil-para-estudar.html>

O Mapa 2 mostra, em termos gerais, o conjunto de dialetos ainda não investigado em relação à variação nas realizações de dativo. Na região Sudeste, apenas o Rio de Janeiro foi investigado. A região Norte ainda não foi investigada. Na região Nordeste só foram investigadas as cidades de Fortaleza (CE), de Feira de Santana (BA) e de Teresina (PI), no presente trabalho. Na região Centro-oeste, apenas Almeidas, Pombal, Traíras e Acaba Vida/Faz Tudo (GO) foram investigadas. Na região Sul, todas as capitais foram investigadas. Dessa forma, o que se pode inferir do mapa é que, embora sejam poucas as cidades investigadas, as quatro regiões brasileiras investigadas mostram muitas semelhanças.

Vamos agora retomar cada uma das três hipóteses e discuti-las à luz dos dados quantitativos obtidos em nossa pesquisa.

## 5.2 Retomada das hipóteses

As hipóteses a seguir são conclusões de trabalhos sobre dativos no PB em investigações que focalizaram a 3ª pessoa. Visto que os clíticos<sup>34</sup> de 1ª e de 2ª pessoas, assim como os de 3ª são traços de concordância, vamos avaliar as consequências de adotar essas hipóteses para a análise de nossos resultados.

- **Hipótese 1:** Os clíticos dativos de 3ª pessoa manifestam uma tendência de desaparecimento (FREIRE, 2005).

Esta explicação foi inicialmente proposta por Galves (1991) e retomada por Galves (1993), e aceita por inúmeros pesquisadores, conforme vimos no Capítulo 2.

Vejamos como Galves conceitua a noção de enfraquecimento da concordância.

Por enfraquecimento da concordância entenda-se, acompanhando Galves (1991), que “é fraca a concordância que não contém pessoa, ou contém pessoa como um traço puramente sintático. É o que acontece no PB onde não se encontra na flexão verbal a oposição entre 1ª, 2ª, 3ª pessoas, mas somente uma oposição binária, pessoa (1ª)/ não pessoa (3ª.), articulada a uma oposição singular/plural. Isso corresponde a uma concordância fraca morfológicamente (ausência da 2ª. pessoa), e semanticamente (possibilidade de interpretar a terceira pessoa do singular como indeterminada) (GALVES,1993, p. 395).

Segundo Freire (2005, p. 40), “o PB passa por um processo de enfraquecimento do elemento de concordância, provocando, entre outros efeitos, a perda dos clíticos”.

Freire (2005) ressalta ainda que o traço pessoa desapareceu e a consequência é que os clíticos do PB “como dependem do movimento do verbo para AGR [o núcleo flexional], que já não ocorre, para legitimar o seu caso tendem a desaparecer” (FREIRE, 2005, p. 54).

Os meus dados mostram que o traço pessoa não desapareceu, porque há distinção entre 1ª e 2ª pessoas. Dessa forma, os dados não mostram que levam a concluir que tais clíticos estão desaparecendo. O traço idade não foi selecionado. Logo, não há evidência concreta de mudança.

Raposo (1998, p. 88) faz “uma análise minimalista do sistema pronominal do Português compatível com a alegação de que os pronomes são determinantes subjacentes, incluindo as formas nominativas e dativas”.

---

<sup>34</sup> Entendemos por clítico ao que é designado tradicionalmente por “palavra átona” (MARTINS, 2013). Segundo Martins (2013), os clíticos assumem os casos de acusativo (complemento direto), dativo (complemento indireto) e nominativo (sujeito).

Já Ormazabal & Romero (2013, p. 155) afirmam que o “clítico dativo não estabelece uma relação de concordância, mas é um determinante incorporado, como no caso de clíticos acusativos de terceira pessoa”.

Frente a esses posicionamentos, reiteramos a nossa concepção de não distinguirmos 3<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup> e 1<sup>a</sup> pessoas em termos de caso, o que é a base da hipótese de Freire (2005).

**- Hipótese 2:** Não existem complementos propriamente dativos no Português Brasileiro, o que há são complementos oblíquos decorrentes do caráter lexical da preposição ‘para’ (CALINDRO, 2016).

Quanto à hipótese 2, de que não existem complementos propriamente dativos no PB, proposta por Calindro (2016), lê-se que:

[O] PB não possui mais a expressão de caso dativo, nem através da preposição funcional *a*, nem do clítico *lhe(s)* (...) a introdução dos argumentos indiretos em PB não pode ser feita através de núcleos aplicativos (CALINDRO, 2016, p. 9).

A autora sustenta que o objeto indireto no PB é sempre um complemento oblíquo, isto é, um complemento “introduzido por preposição transitiva” (p. 18; 54), “que não pode ser [cliticizado]” (p. 151, nota 54, seguindo DUARTE, 2003, p. 296).

No entanto, essa hipótese é totalmente descartada da nossa pesquisa, uma vez que, conforme visto, houve clíticos dativos e acusativos no *corpus* falado de Teresina.

**- Hipótese 3:** Os clíticos “me”, “te” e “lhe” são traços de concordância que se realizam quando o item pronominal na função de objeto indireto é interpretado como participante do ato discursivo. Se o item pronominal nesta função não é interpretado como um participante do ato discursivo, nenhum clítico vai se realizar morfológicamente (MACHADO-ROCHA, 2016).

A proposta de Machado-Rocha (2016), tal como as duas anteriores, foi construída no quadro teórico chomskyano. Aqui, essa proposta vai ser descrita sem formalizações, devido à nossa opção por adotar os pressupostos e a metodologia da Teoria da Variação.

Em construções com objeto indireto [e o direto] em que esse objeto for um pronome nulo, haverá três possibilidades. Se o pronome nulo for interpretado como 1<sup>a</sup> pessoa, conterà o traço [autor:+/-], já que a 1<sup>a</sup> pessoa é o locutor num ato discursivo. O traço [autor:+/-] possibilita a realização de um clítico, pois estruturalmente projeta uma categoria funcional que tem o

clítico “me” como núcleo. Se o pronome nulo for interpretado como 2ª pessoa, o mesmo processo ocorre, e a categoria funcional projetada tem em seu núcleo o clítico “te”. Se o pronome nulo for interpretado como 3ª pessoa, a categoria funcional não será projetada, porque a 3ª pessoa não é, no ato discursivo, nem [[autor: +], nem [autor: -]. De fato, a 3ª pessoa não participa do ato discursivo.

Se, por outro lado, o objeto indireto [e o direto] entra na estrutura da sentença como um pronome pleno (ou pronome forte/tônico), esse será fonologicamente realizado, independentemente do traço [autor: +/-].

A proposta de uma projeção funcional cujo núcleo é um clítico foi originalmente feita por Sportiche (1983; 1988; 1996), com base nos dados do francês. A proposta do traço [autor: +/-] é de Adger (2006), com base em Halle (1997).

O clítico dativo envolve a checagem de caso e concordância, apenas, e projeta um sintagma funcional: o Sintagma Clítico. De acordo com Sportiche (1983, p. 27 apud MACHADO ROCHA, 2006, p. 46), “o Sintagma Clítico pode ter seu núcleo realizado fonologicamente ou nulo (ie. com clítico ou sem clítico), o especificador realizado ou nulo e a posição de objeto verbal pode também ter realização fonológica ou ser nula”.

Adger adota um sistema de traços formais bivalente, que expressam a noção de contraste: [participante: +/-] e [autor: +/-]. O traço [autor: +] é responsável pela diferenciação entre falante e destinatário. Se há uma especificação para o traço [autor: +/-], consequentemente o traço [participante: +/-] tem especificação positiva (p. 99). Adger (2006, p. 509), com base no inglês, descreve os pronomes como: 1ª pessoa: [participante: +], [autor: +]; 2ª pessoa [participante: +] [autor: -]; 3ª pessoa [participante: -]. (apud MACHADO-ROCHA, 2006, p. 100).

O fato de encontrarmos ocorrências de clítico dativo de 3ª pessoa no *corpus* analisado é algo inesperado a partir dessa hipótese. Entretanto, o fato de o percentual ser inferior a 5% leva a reconhecer esse conjunto de ocorrências como residual, dentro da teoria da variação e mudança linguística. Das três hipóteses essa parece ser a mais adequada aos resultados obtidos na análise da fala teresinense.

Na seção seguinte, sintetizaremos as conclusões finais em relação ao fenômeno investigado nesta Tese.

## 6 CONCLUSÕES

Nesta Tese procuramos descrever e analisar, na fala de Teresina (PI), a variação de uso das realizações clíticas e não clíticas do complemento dativo de 1<sup>a</sup>, de 2<sup>a</sup> e de 3<sup>a</sup> pessoas. Duas amostras foram analisadas. A primeira composta de trinta e seis entrevistas gravadas no período de 2000 a 2003 e pertencentes ao Banco de Dados do Projeto *Aspectos Gramaticais do Português Falado por Teresinenses*, da Universidade Federal do Piauí (UFPI). A segunda composta de dez novas entrevistas feitas com os mesmos falantes da amostra anterior, gravadas no ano de 2015. Essa última denomina-se Banco de *Fala Teresinense: Recontato* (PESSOA, inédito). Os resultados das análises serviram para realização de um estudo em painel.

O trabalho dividiu-se em seis partes, assim distribuídas: Capítulo 1, Introdução. No Capítulo 2, foram resenhados e comparados os resultados de estudos variacionistas acerca do complemento dativo de 1<sup>a</sup>, de 2<sup>a</sup> e de 3<sup>a</sup> pessoas no português falado e escrito brasileiro. Ficaram evidentes a complexidade do tema e as limitações dos termos “dativo” e “objeto indireto” para descrever as variantes da variável analisada na Tese.

No Capítulo 3, foram apresentados os pressupostos teórico-metodológicos assumidos no tratamento dos dados. Foi feita uma análise quantitativa, usando-se o pacote GOLDVARB 2001. Diferente de outros estudos, quantificamos duas variantes; (i) a realização clítica do pronome na função de objeto indireto e (ii) a realização de preposição+pronome forte na mesma função. Não incluímos a variante nula nem a variante formada por preposição+sintagma pleno. Essa decisão nos levou a recalcular os percentuais de todos os levantamentos quantitativos de pesquisas que optaram por quantificar quatro variantes.

No Capítulo 4, apresentamos e discutimos os resultados. Dos dez fatores analisados, três foram selecionados pelo GOLDVARB 2001: os fatores pessoa, tipo de verbo e grupo social. Favoreceram a variante clítica as ocorrências de 1<sup>a</sup> pessoa, o verbo transitivo e o grupo social privilegiado do informante. Foram considerados não significativos os fatores realização de sujeito, realização do objeto direto, a estrutura do objeto direto, preposição, o sexo, a escolaridade e a idade. Vale ressaltar que os fatores escolaridade e idade, se sobrepuseram. Fizemos uma nova rodada agrupando esses dois fatores. Ainda assim os resultados não sofreram alterações. Então, usamos o teste do Qui-quadrado. O resultado foi 0.03. Quando o *p valor* é menor que 0.5 o fator é significativo. Entretanto, mesmo sendo significativo houve ambiguidade. Realizamos a codificação da faixa etária e identificamos seis faixas etárias e não três como na primeira rodada. Desse modo, pudemos depreender um perfil de mudança. Foi

realizado um estudo em painel e se confirmou a não configuração de estratificação etária, mas esses resultados não são conclusivos porque o fator idade não foi considerado significativo pelo Goldvarb.

Tendo em conta que são relevantes para a interpretação do fenômeno linguístico tanto o fato de os fatores serem selecionados quanto o fato de serem excluídos pelo programa de quantificação (GUY & ZILLES, 2007), passamos à discussão de três hipóteses presentes na literatura e referidas na introdução desta Tese: (i) Os clíticos dativos de 3ª pessoa manifestam uma tendência de desaparecimento (FREIRE, 2005). (ii) Não existem complementos propriamente dativos no Português brasileiro, o que há são complementos oblíquos decorrentes do caráter lexical da preposição ‘para’ (CALINDRO, 2016), e (iii) Os clíticos “me”, “te” e “lhe” são traços de concordância que se realizam quando o item pronominal na função de objeto indireto é interpretado como participante do ato discursivo. Se o item pronominal nesta função não é interpretado como um participante do ato discursivo, nenhum clítico vai se realizar morfológicamente (MACHADO-ROCHA, 2016). Após avaliarmos as implicações de cada hipótese, concluímos que a hipótese (iii) parece mais adequada, embora reconheçamos que seja mais satisfatória por dar conta das duas primeiras pessoas, ainda traz alguns problemas, uma vez que prevê a completa ausência de clíticos de 3ª pessoa e nos dados ainda surgiram algumas poucas ocorrências.

No que diz respeito a hipótese (i), os dados levantados para este estudo mostram que realmente o percentual de clítico de 3ª pessoa encontrado é muito baixo (1%). No entanto, essa é uma questão muito complexa, porque envolve uma discussão de natureza formal referente à natureza da concordância, o que extrapola os limites desta Tese. Entretanto, poderia ser objeto de pesquisa futura, como continuidade desta pesquisa.

Em relação a hipótese (ii), há suposição de que não há dativos no PB e somente oblíquos, nossos resultados mostraram que ainda se mantém morfológicamente marcada a distinção entre 1ª e 2ª pessoas.

Ainda no Capítulo 4, quantificamos as ocorrências de preposições introdutoras de complementos dativos. A preposição *para* predominou em detrimento das demais aqui investigadas, alcançando um percentual de 92%, bem próximo aos encontrados em outros estudos sobre o português brasileiro (GOMES, 2001; NASCIMENTO, 2007; CALINDRO, 2016).

No Capítulo 5, foram realizados estudos comparativos entre os dativos em diferentes dialetos. Os resultados revelaram muitas semelhanças, o que parece indicar que a variável dativo no Português brasileiro apresenta um padrão que ultrapassa os limites dialetais.



Sobre Teresina (PI), a variação em análise revelou que os clíticos dativos de 1ª e de 2ª pessoas ainda continuam produtivos naquela comunidade, mas não o de 3ª pessoa. Revelou também que o dialeto teresinense não é atípico em relação aos outros dialetos brasileiros no que diz respeito ao fenômeno morfossintático analisado.

Portanto, embora as (6) Conclusões desta nossa investigação não tragam respostas para todas as indagações as quais nos propusemos inicialmente, esperamos que esta pesquisa possa fornecer contribuições para o desenvolvimento de estudos na interface sintaxe-variação.

## REFERÊNCIAS

- A CIDADE DESEJADA. **Agenda Teresina 2030**. Teresina: SEMPLAN/PMT, 2015.
- ADGER, D. Combinatorial Variability. **Journal of Linguistics**, Cambridge, v. 42, n. 3, p. 503-530, 2006.
- ALKMIM, T. M. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003. v. 1. p. 21-47.
- ALMEIDA, N. M. de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 46. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.
- ARAGÃO, M. S. S. O atlas do Brasil no quadro da geolinguística brasileira. In: CARDOSO, S.; SILVA, A. M. da.; MOTA, J. A.; AGUILERA, V. A.; ARAGÃO, M. S. S.; ISQUERDO, A. N.; RAZKY, A.; MARGOTTI, F. W.; ALTENHOFEN, C. V. **Atlas Linguístico do Brasil**. v. 1. Introdução. 1. ed. Londrina: EDUEL, 2014. 212 p.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucena, 2003.p. 421-423.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucena, 2009.
- BELLETTI, A.; RIZZI, L. (1988). Psych verbs and theta-theory. **Natural language and linguistic theory**, 6:291-352.
- BERLINCK, R. A. (1997). **Sobre a realização do objeto indireto no português do Brasil**. Comunicação apresentada no II Encontro do Círculo Linguístico do Sul – CelSul, Florianópolis, 10-11 abr. 1997.
- BORGES, P. R. S. **A gramaticalização de a gente no português brasileiro: análise histórico-social-linguística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas**. Tese de doutorado em Letras. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua moderna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.
- BRANDÃO, C. **Sintaxe clássica portuguesa**. Belo Horizonte: Imprensa da UFMG, 1963.
- BRITO, A. M. **Construções de objecto indirecto preposicionais e não preposicionais: uma abordagem generativo-constructivista**. Textos selecionados. XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa, API, 2009, p. 141-159.
- BRUYN, A.; MUYSKEN, P.; VERRIPS, M. Double-object constructions in the creole languages: development and acquisition. In: DEGRAFF, M. (Ed.). **Language creation and language change: creolization, diachrony, and development**. Massachusetts: MIT Press, 1999. p. 329-373.

BURZIO, L. **Italian Syntax: o government and binding approach**. Dordrecht: D. Reisel. Publishing Company, 1986.

CALINDRO, A. R. V. **Introduzindo argumentos: uma proposta para as sentenças ditransitivas do português brasileiro**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa. Universidade de São Paulo. São Paulo: 2016. 207 p.

CAMPOS, E. A. **O dativo de terceira pessoa no português culto falado em Belém**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.135 p.

CÂMARA JUNIOR, J. M. (1997) **Dicionário de linguística e gramática**. 18. ed. Petrópolis: Vozes.

CANÇADO, M. Um estatuto teórico para os papéis temáticos. In: A. L. MULLER, E. V. NEGRÃO & M. J. FOLTRAN (Org.). **Semântica formal**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 95-124.

CEDERGREN, H. J. “The interplay of social and linguistic factors in Panama”. PhD Dissertation. Cornell University, 1973.

CEDERGREN, H. J. **Panama revisited: Sound change in real time**. Paper given at NWAVE, Philadelphia, 1984.

CIRÍACO, L. & CANÇADO, M. Inacusatividade e inergatividade no PB. **Cad. Est. Ling.**, Campinas, 46 (2): 207-225, jul./dez. 2004.

COELHO, I. (2000). A ordem V-DP em construções monoargumentais: **uma restrição sintático-semântica**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina.

CRUZ, A. G. da. **A expressão do argumento dativo no português escrito: um estudo comparativo entre o português brasileiro e o português europeu**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

CUNHA, C. & CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

CYRINO, S. M. L. A. O objeto indireto nulo no português brasileiro. **Signum**. v. 1, p. 35-54, 1998.

CYRINO, S. M. L. Elementos nulos pós-verbais no português brasileiro oral contemporâneo. In: NEVES, M. H. de M. (Org.). **Gramática do português falado**. v.VII. Novos estudos. Campinas, Humanitas / UNICAMP, 2000. p. 595-625.

DALTO, Cristiane Dias de Lima. **Estudo sociolinguístico dos pronomes-objeto de primeira e de segunda pessoas nas três capitais do sul do Brasil**. Dissertação de Mestrado em letras. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2002.

DANTAS, Maria Alves Maia. **A configuração do dativo de terceira pessoa no português do Brasil e no português europeu com enfoque na fala do fortalezense culto**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

DILLINGER, M.; GALVES, C.; PAGOTTO, E.; CERQUEIRA, V. **Padrões de complementação no português falado**. v. 5. Convergências. 2. ed. Campinas: UNICAMP, v. 1, p. 277-327, 1996.

DOWTY, D. **Word Meaning and Montague Grammar**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1979.

DUARTE, M. E. L. **Variação e sintaxe**: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1986.

DUARTE, M. E. L. **A construção de topicalização na gramática do português**: regência, ligação e condições sobre movimento. Dissertação de Doutorado, Universidade de Lisboa, 1987.

DUARTE, M. E. L. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: TARRALO, F. (Org.). **Fotografias sociolinguísticas**. Campinas: Pontes, 1989. p. 19-34.

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (Org.). **Português brasileiro**: uma viagem diacrônica. Campinas: UNICAMP, 1996. p. 107-128.

DUARTE, M. E. L. Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras. In: MATEUS, M. H. M. & alii. **Gramática da língua portuguesa**. Coimbra: Livraria. Cap. 10. 275-321, 2003.

ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. **Annual Review of Anthropology**, Palo Alto, n. 41, p. 87-100, 2012.

ELISEU, M. **Verbos ergativos**. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, 1984.

FAGUNDES, E. D. **Ocorrências de objeto direto e indireto nas três capitais do sul do Brasil**: clíticos, pronomes lexicais e ausência de preenchimento. Dissertação de Mestrado. Curitiba: UFPR, 1997.

FARIA, E. **Gramática superior da língua latina**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.

FIGUEIREDO E SILVA, M. C. **A posição do sujeito no português brasileiro**: frases finitas e infinitivas. Campinas: UNICAMP, 1996.

FONSECA, P. “**Os verbos pseudo-reflexos em português europeu**”. Dissertação de Mestrado da Faculdade de Porto, 2010.

FREIRE, G. C. **Os clíticos de terceira pessoa e as estratégias para sua substituição na fala culta brasileira e lusitana**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, UFRJ, 2000.

FREIRE, G. C. **A realização do acusativo e do dativo anafóricos de 3ª pessoa na escrita brasileira e lusitana**. Tese de Doutorado em língua portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, 2005. 204 p.

FREITAG, R. M. K. Desafios teóricos-metodológicos da sociolinguística variacionista. In: PARREIRA, M. C.; CAVALARI, S. M. S.; ABREU-TARDELLI, L.; NADIN, O. L.; COSTA, D. S. da. (Org.). **Pesquisas em linguística no século XXI**: perspectivas e desafios teóricos-metodológicos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p. 29-43.

GALVES, C. Agreement and Subjects in Brazilian Portuguese, submetido à revista **Probus**, UNICAMP, 1991. mimeo.

GALVES, C. “O enfraquecimento da concordância no português brasileiro”. In: I. R.; M. Kato. (Org.). **Português brasileiro**: uma viagem diacrônica. Campinas: UNICAMP, 1993.

GALVES, C. **Ensaio sobre as gramáticas do português**. Campinas: UNICAMP, 2001.

GOMES, C. A. **Aquisição e perda de preposição no português do Brasil**. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. Inédito.

GOMES, C. A. **Encaixamento linguístico de processos sintáticos do português brasileiro**. Lusogram, Frankfurt AM Main, 2001. p. 106-21. v. 47-48.

GOMES, C. A. Variação e mudança na expressão do dativo no português brasileiro. In: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. (Org.). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj, 2003. p. 81-96.

GONÇALVES, P. **A construção de uma gramática do português em Moçambique**: aspectos da estrutura argumental dos verbos. Dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa, 1990.

GUY, G. R. “Varbrul: análise avançada”. Tradução de Ana Zilles para o texto originalmente publicado em Ferrara, K. et al. (Ed.). **Linguistic change and contact**. Austin: University of Texas, 1988.

GUY, G. R. & ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa** – instrumental de análise. São Paulo: Parábola, 2007.

HALLE, M. Distributed Morphology: impoverishment and fission. **MIT Working Papers in Linguistics**, v. 30, p. 425-449, 1997.

JACKENDOFF, R. **Semantic interpretation in generative grammar**. Cambridge (MA): MIT Press, 1972.

JACKENDOFF, R. **Semantic structures**. Cambridge (MA): MIT Press, 1990.

KATO, M. A. A restrição de mono-argumentalidade da ordem vs no português do Brasil. **Fórum linguístico**, n. 2: 97-127, 2000.

LABOV, W. On the use of the present to explain the past. Estratto de: **Linguistics at the crossroads**. Liviana Editrice: Jupiter Press, 1975. p. 825-851.

LABOV, W. “What can be learned about change in progress from synchronic description?”. Em SANKOFF, D. & CEDERGREN, H. (Org.). **Variation omnibus**: current inquiry into language, linguistics and human communication. Canada: Linguistic Research Inc., 1981, p. 177-99.

LABOV, W. The intersection of sex and social class in course of linguistic change. **Language variation and change**, 1990. p. 205-254.

LABOV, W. **Principles of linguistic change: Internal factors**. Oxford: Blackwell Publishers, 1994.

LABOV, W. **Principles of linguistic change: Social factors**. v. 2. Oxford: Blackwell Publishers, 2001.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de BAGNO, M.; SCHERRE, M. M. Pereira; CARDOSO, C. R. São Paulo: Parábola [1972], 2008.

LABOV, W. **Principles of Linguistic change**. v. 3: Cognitive and Cultural Factors. Oxford: Wiley Blackwell, 2010.

LEVIN, B. and HOVAV, M. R. **Inaccusativity: at the Syntax – Lexical Semantics Interface**. Cambridge, MA: MIT Press. Linguistic Inquiry Monograph Twenty-ix, 1995.

LIMA, M. A. F. & SERRA, M. A. C. M. **Português falado por estudantes teresinenses**. Teresina: EDUFPI, 2010. v. I. 482 p.

LUFT, C. P. **Dicionário prático de regência verbal**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2010. 544 p.

MARTINS, A. M. “A posição dos pronomes pessoais clíticos”. **Gramática do português**. PAIVA, E. R.; BACELAR, M. F.; MOTA, M. A. SEGURA, L. & MENDES, A. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. p. 223 -2302.

MARTINS, R. H. O. **É tanta violência, é ação sem consciência**. Representações sobre a violência entre jovens do Ensino Médio. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação. Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2003. p.25.

MACHADO-ROCHA, R. **A redução de casos no latim: uma comparação entre os séculos I e IV**. Relatório de pesquisa em iniciação científica. Belo Horizonte: UFMG/CNPq, 2006.

MACHADO-ROCHA, R. **O redobro de clítico no português brasileiro dialetal**. 2016. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2016.

MEYERHOFF, M. **Introducing sociolinguistics**. London/New York: Routledge, 2006.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C. e BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 9-14.

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MORAIS, A. T. (2006) Argumentos dativos: um cenário para o núcleo aplicativo no português europeu. **Revista da Abralín** 5 (1, 2), p. 239-266, disponível em: [HTTP://www.abralin.org/revista/RV5N1\\_2art11.pdf](http://www.abralin.org/revista/RV5N1_2art11.pdf)

MORAIS, A. T. Argumentos dativos.

Disponível em [HTTP://www.abralin.org/revista/RV5N1\\_2art11.pdf](http://www.abralin.org/revista/RV5N1_2art11.pdf)

MORETTI, F. C. B. L. **Os verbos de Transferência/Movimento no PB e a Expressão do Objeto Indireto**: revisitando a noção de estrutura argumental à luz da Morfologia Distribuída. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010. 141p.

NASCIMENTO, M. E. P. O uso do pronome *lhe* como acusativo e como dativo em textos informais. In: MOURA, D. (Org.). **Os múltiplos usos da língua**. Alagoas, Maceió: UFAL, 1999. p. 364-368.

NASCIMENTO, A. M. **A variação na expressão do dativo em variedades linguísticas rurais goianas**. Dissertação de Mestrado. Goiânia: UFG, 2007.

ORMAZABAL, J. & ROMERO, J. Non accusative objects. ISSN 1695-6885 (in press); 2014-9719 (on-line) **Catalan Journal of Linguistics**, n. 12, 155-173, 2013. Received: August 28, 2013.

OLIVEIRA, M. A aquisição da preposição no português como L2: complementos verbais dativos. **Anais do IV Congresso da Associação Brasileira de Linguística**. Brasília, 2005, p. 525-534.

OLIVEIRA, T. L. de. **Entre o linguístico e o social**: complementos dativos de 2. pessoa em cartas cariocas (1880-1980). Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFR.

PAIVA, M. da C. Visão de conjunto das variáveis sociais. In: OLIVEIRA E SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M. P. (Org.). **Padrões sociolinguísticos**: estudos de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

PAIVA, M. da C.; DUARTE, M. E. L. (Org.). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.

PAIVA, M. da C. de. & DUARTE, M. E. L. Mudança linguística: observações no tempo real. In: MOLLICA, M. C. e BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2007. p. 179-190.

PESSOA, F. C. R. Estudo em painel do uso do dativo na fala de Teresina. **Anais da Semana de Eventos da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Minas Gerais (SEVFALE)**. Belo Horizonte, 2015: p. 119-127. Disponível em <http://anais.letras.ufmg.br/index.php/SEVFALE/XIISEVFALE/paper/view/17/13>. Acesso em: jul. 2016.

PESSOA, F. C. R. **Fala teresinense**: Recontato. Belo Horizonte. Inédito.

PILATI, E. **Sobre a ordem verbo sujeito no português do Brasil**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, 2002.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESINA. **Teresina**: aspectos e características. Teresina: PMT, 1993.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESINA; SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Plano municipal de educação**. 1. ed. Teresina: UPJ Produções, 2015. p. 128.

ROBINSIN, J; LAWRENCE, H.; TAGLIAMONTE, S. Goldvarb. Departamento of Language and Linguistic Science University of York, 2001. Disponível em: <http://www.york.ac.uk/depts/lang/webstuff/goldvarb/>.

RAPOSO, E. P. Some observations on the pronominal system of Portuguese. University of California at Santa Barbara. Department of Spanish and Portuguese Santa Barbara, CA 93106, USA. **CatWPL**, 6, 59-93, 1998. Received: January 8<sup>th</sup> 1998. Accepted: December 12<sup>th</sup> 1998. rap@ucsbuxa.ucsh.edu

ROMAINE, S. **Language in society: An Introduction to Sociolinguistics**. Oxford: University of Oxford University Press, 1994. 235p.

ROMÃO DA SILVA, J. **Memória histórica sobre a transferência da capital do Piauí**. 3. ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 51. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2013.

RODRIGUES, J. L. P. **Geografia e história do Piauí: estudos regionais**. 5. ed. Teresina, PI: Halley, 2012.

SANKOFF, G. & WAGNER, S. E. **Age gradindo in retrograde movement: the inflected future in Montréal French**. U. Penn Working Papers I Linguistics, v.12. 2, 2006.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, Maria C. e BRAGA, Maria L. (Org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 147-177.

SILVA, A. S. A. estrutura semântica do objecto indirecto em português. In: R. V. Castro & P. Barbosa. **Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**. Braga: APL, 1999. vol. I, p. 4333-451, 2000.

SILVA, D. E. R. **A variação na representação do objeto dativo e acusativo em Feira de Santana**. Dissertação de Mestrado em Feira de Santana, Bahia: Universidade Estadual de Feira de Santana, programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2016. p. 121.

SILVEIRA, G. **O comportamento sintático dos clíticos no português brasileiro**. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 1997.

SILVEIRA, G. **A realização variável do objeto indireto (dativo) na fala de Florianópolis**. Porto Alegre: Letras de Hoje, 2000. v. 35, n. 1, p. 189-208.

SPORTICHE, D. **Structural invariance and symmetry in syntax**. Doctoral Dissertation. MIT, distributed by the MIT Working Papers in Linguistics, 1983.

SPORTICHE, D. A theory of floating quantifiers and its corollaries for constituent structure, **Linguistic inquiry**, 19.3, 1988.

SPORTICHE, D. **Clitic constructions**. UCLA, 1992.

SPORTICHE, D. Clitic Constructions. In: ROORYCK, J.; ZARING, L. (Ed.). **Phrase structure and the lexicon**. Kluwer: Dordrecht, 1996. p. 213-276.



TARALLO, F. L. **Relativization strategies in Brazilian Portuguese**. Thesis (PHD) – University of Pennsylvania, 1983.

TORRES-MORAIS & BERLINCK, R. A. “Eu disse pra ele” ou “Disse-lhe a ele”: **a expressão do dativo nas variedades brasileiras e europeia do português**. USP/UNESP, 2006. Ms. Inédito.

TORRES-MORAIS, M. A. & BERLINCK, R. A. **O objeto indireto na história do português brasileiro**. Ms, 2015. no prelo.

TORRES DE MORAIS, M. A.; SALLES, H. Parametric change in the grammatical encoding of indirect objects in Brazilian Portuguese. **Probus**, v. 22, p.181-209, 2010.

VENDLER, Z. **Linguistics in Philosophy**. New York: Cornell University Press, 1967.

VERKUYL, H. J. Aspectual classes and Aspectual composition. **Linguistics and Philosophy** 12. Daordrecht: Kluver, 1989. p. 39-94.

VILELA, M. **Gramática de valências: Teoria e Aplicação**. Coimbra: Almedina, 1992.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade In: MOLLICA, M. Cecília; BRAGA, M. L. (Org.) **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 51-57.

XAVIER, M. F. **Argumentos preposicionados e construções verbais. Um estudo contrastivo das preposições a, de e to, from**. Tese de Doutorado, Universidade Nova de Lisboa, 1989.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola [1968], 2006.

WOOD & MARANTZ. **The interpretation of external arguments**. Disponível in: <http://ling.auf.net/lingbuzz>, 2015.

# Anexos

**ANEXO 1 - Normas de Transcrição (LIMA & SERRA, 2010, p. 9).**

<b>OCORRÊNCIAS</b>	<b>SINAIS</b>
Qualquer palavra	...
Truncamento	//
Incompreensão de palavras ou seguimentos	( )
Entonação enfática	maiúscula
Comentários descritivos do transcritor	(( ))
Prolongamento de vogal e consoante	::
Hipótese do que se ouviu (entre parênteses)	( )
Silabação	-
Comentários que quebram a sequência temática da exposição	/
Discurso direto	— —
Citações literais ou leituras de textos durante a gravação	“ “
Entonação de exclamação	!

Fonte: Elaboração da Autora.

**ANEXO 2 - Quadro Adaptado de Ciríaco & Cançado (2004, p. 223), com a Classificação dos Verbos Mono-Argumentais**

<b>VERBOS MONO-ARGUMENTAIS</b>						
<b>INACUSATIVOS PROTOTÍPICOS</b>	<b>INACUSATIVOS MENOS PROTOTÍPICOS</b>			<b>INERGATIVOS MENOS PROTOTÍPICOS</b>		<b>INERGATIVOS PROTOTÍPICOS</b>
adormecer/dormir	decair	cair	sair	sentar	Suar	caminhar
amanhecer	desfalecer				transpirar	cantar
aparecer	despertar					correr
surgir	fracassar					dançar
morrer	amadurecer					Falar
sumir						nadar
desaparecer						pular
desmaiar						respirar
acontecer						voar
desabrochar						andar
chegar						repousar
florescer						
nascer						
brotar						
partir						
ocorrer						
murchar						
Germinar						
Adoecer						

Fonte: Elaboração da Autora.

Ciríaco & Cançado (2004) apresentam traços semânticos para cada categoria verbal, assim descritos:

*Inacusativos prototípicos*<sup>35</sup> são definidos com os traços [-DES]<sup>36</sup>, [+ACHIV]<sup>37</sup>, [+POSP]<sup>38</sup>, [-IND]<sup>39</sup> e [+PART],<sup>40</sup> como em: adormecer/dormir<sup>41</sup>;

*Inacusativos menos prototípicos*, as autoras os definem com traços semânticos de três modalidades: [-DES], [+ACHIV], [-POSP], [-IND], [+PART], como em: decair; [-DES], [+ACHIV], [+POSP], [+IND], [+PART], como em cair; [+DES], [+ACHIV], [+POSP], [-IND], [-PART], como em: sair;

*Inergativos menos prototípicos* são definidos com traços semânticos de duas modalidades, a saber: [+DES], [+ACHIV], [+POSP], [+IND], [-PART], como em: sentar; [-DES], [+ACHIV], [-POSP], [-IND], [-PART], como em: suar;

*Inergativos prototípicos* são definidos com os seguintes traços: [+DES], [+ACHIV], [-POSP], [+IND] e [-PART], com em: caminhar.

---

<sup>35</sup> Segundo Ciríaco & Cançado (2004, p. 211), “[a] noção de prototipicidade está associada à ideia de que uma determinada categoria possui um (ou mais de um) membro central e, também, outros membros mais ou menos periféricos”. Ainda de acordo com as autoras (op. cit., p. 211), tais “membros periféricos ocupam uma região de intersecção entre os dois membros centrais de duas categorias distintas, possuindo características de uma ou outra”.

<sup>36</sup> Por [DES] entenda-se Desencadeador: “propriedade acarretada pelo verbo a seu argumento quando este argumento possui algum papel no desencadear do processo” (CIRÍACO & CANÇADO, 2004, p.213).

<sup>37</sup> Por [ACHIV] entenda-se Achievement. Para Ciríaco & Cançado (2004, p. 216), “Os *achievement* são verbos pontuais não durativos, que se referem apenas ao ponto final de um evento”.

<sup>38</sup> Por [POSP] entenda-se Posposição.

<sup>39</sup> Por [IND] entenda-se Indeterminação.

<sup>40</sup> Por [PART] entenda-se Particípio.

<sup>41</sup> Conforme Ciríaco & Cançado (2004, p. 223), “o verbo *dormir* tem sido usado em duas acepções distintas: um sentido de adormecer, inacusativo, e um sentido de repousar, inergativo”.

**ANEXO 3 - Listagem de Possíveis Verbos Inacusativos (LEVIN & HOVAV, 1995).**

**(I) Verbos de emissão:**

**(A) Verbos de emissão de luz**

Queimar	Iluminar
Flamejar	Incandescer
Brilhar	Cintilar
Faíscar	Crepitar
Piscar	Irradiar

**(B) Verbos de emissão de som**

Explodir	Crepitar	Assobiar
Baluciar	Efervescer	Trovejar
Soar	Trovar	Farfalhar
Ressoar	Gorgolejar	Cantar
Borbulhar	Chiar	Chiar
Ferver	Ganir	Grasnar
Estalar	Estrondar	Chapinhar
Borbulhou	Martelar	Sibilar
Tilintar	Badalar	Trilar
Ranger	Vibrar	Ulular
Chocalhar	Soar	Roncar
Ranger	Rujir	Uivar
Tinir	Ganir	
Ringir	Apitar	

**(c) Verbos de emissão de cheiro**

Feder  
Cheirar

**(d) Verbos de emissão de substância**

Arrotar	Exudar (suar)	Entornar
Expelir	Espumar	Derramar
Vomitir	Borbulhar	Despejar
Babar	Porejar	Despencar
Gotejar	Fluir	Soltar
Emanar	Bufar	Desprender
Esparramar	Blasfemar	Escorrer
Vaporificar	Jurar	Ejectar
Salivar	Irradiar	Espirrar
Construir		

**(2) Verbos de movimento direcionado inerentemente:**

Chegar	Abandonar
Adiantar	Retornar
Ascender	Voltar
Descer	Levantar
Subir	Retroceder
Vir	Abaixar
Atravessar	Suspender
Sair	Elevar
Cair	Ir
Partir	Correr
Entrar	Deixar
Escapar	

**(3) Verbos de maneira de movimentos:**

Flutuar	Escorregar	Torcer
Mover	Girar	Enroscar
Resolver	Voltear	Enrolar
Rolar	Engatilhar	Redemoinhar
Rodar	Queimar	Pular
Tornar - voltar	Quicar	Jogar
Soprar	Saltar	Rastejar
Gotejar	Farejar	Arrastar
Boiar	Sacudir	Desfilear
Amarrar	Deslizar	Enfileitar
Serpenteiar	Rodopiar	Arquivar

**(A) Verbos agentivos de maneira de movimento:**

Dirigir	Quicar	Empurrar
Cavalgar	Jogar	Cutucar
Engolir	Arremessar	Sacudir
Mergulhar	Galopar	Sacolejar
Correr	Atacar - investir contra	Esvoaçar
Aborrecer	Carregar	Adejar
Lanchar	subir - trepar - escalar	Voar
Marchar	Caminhar	Planar
Moer	Bancar	Acolchoar
Picar	Disparar	Saltitar
Perambular	Destruir	Cambaleiar
Disparar	Apressar	Avançar
Andar	Coxear	Cortar
Morder	Beliscar	Brincar
Passear	Esgueirar	Desaguar
Rondar	Escapular	Escorregar
Disputar	Escapar	Lutar
Competir com	Esguichar	Entrar
Misturar	Resvalar	Sair
Afundar	Jorrar	Afastar

Prosperar	Vagar	Agrupar-se
Vacilar	Vagabundear	Trotar
Hesitar	Migrar	Realizar-se
Extraviar-se	Zunir	Vadiar
Delirar	Zumbir	Viajar
Devanear	Ziguezaguear	Empinar
Chorar	Partir (ir-se)	Gingar
Nadar	Reunir-se	Perambular
Fugir	Descambar	Cambaleiar
Mancar	Desfilas	
Vaguear	Galgar	

#### (4) Verbos de Existência ou aparecimento

##### (A) Verbos de existência

Coexistir	Aguardar	Esconder
Residir	Atrasar-se	Persistir
Florescer	Adiantar-se	Predominar
Estender-se	Abrigar-se	Prevalecer
Esticar-se	Refugiar-se	Prosperar
Prolongar	Existir	Permanecer
Aumentar	Viver	Hospedar-se
Esmorecer	Assomar	Continuar
Habitar	Desenvolver-se	Morar
Sobreviver	Elevar-se	Corresponder
Esperar	Destacar-se	Ficar
Mofar	Surgir	

##### (b) Verbos de aparecimento

<b>Aparecer</b>	Progredir	Inchar
Surgir	Evoluir	Nascer
Vir	Emanar	Despontar
Acordar	Emergir	Rebelar-se
Despertar	Fluir	Espalhar-se
Romper	Formar	Derramar-se
Estourar	Brotar	Transbordar
Irromper	Abriu	Dispersar-se
Originar-se	materializar	Expandir
Conspirar	Avolumar-se	Difundir
Resultar	Subir	Propagar
Crescer	Ir	Divulgar
Ficar	Tramar	Tornar-se
Rebentar		

##### (C) Verbos de Ocorrência:

Resultar	Suceder	Transpirar
Seguir-se	Ocorrer	
Acontecer	Voltar	



**(5) Verbos de Configuração espacial:**

Curvar-se	Ajoelhar	Manter-se
Dobrar-se	Inclinar	Escarranchar-se
Equilibrar-se	Recostar	Deitar-se
Balançar-se	Mentir	Repousar
Agachar-se	Jazer	Assomar
Oscilar	Aninhar-se	Recostar-se
Debater	Aconchegar-se	Sentar-se
Voar	Acomodar-se	Preguiçar
Pilotar	Empoleirar-se	Flanar
Flutuar	Sobressair	Reclinar-se
Pairar	Salientar-se	Escarrapachar-se
Pender	Descansar	Esparramar-se
Acocorar-se	Curvar-se	Oscilar
Caír	Parar	Alastrar-se
Pender	Sentar	Estatelar
Projetar-se		

**(6) Verbos de desaparecimento:**

Morrer	Decair	Sumir
Desaparecer	Prescrever (jur.)	
Expirar	Perecer	

**(7) Verbos de mudança de estado externamente causados:****(A) Verbos "de quebra":**

Dividir	Despedaçar	Espatifar-se
Rachar	Destroçar	Fraturar
Fender	Partir-se	Rasgar-se
Destruir	Abocanhar	Romper-se
Triturar	Estalar	Descosturar-se
Amassar	Quebrar	Descoser-se
Esmagar	Estourar	Rachar-se
Estilhaçar	Lascar	Desmanchar

**(B) Verbos "de curva":**

Curvar	Amarrotar-se	Franzir
Enrugar	Amassar-se	
Preguear	Dobrar	

## (C) Verbos "de cozinha":

Assar	Crestar	Filtrar
Ferver	Chamuscar	Ressecar
Tostar	Amolecer	Fermentar
Cozinhar	Aquecer	Escaldar
Grelhar	Fritou	Escalfar
Torrar	Aquecer	Escaldar
Descorar	Esquentar	Queimar
Guisar	Ensopar	Esfriar
Brasear	Coar	Cozinhar

## (D) Outros verbos de mudança de estado:

Abater	Deflacionar	Emborcar
Adiantar	Degelar	Transformar
Envelhecer	Descongelar	Alterar
Alterar	Desgastar (-se)	Modificar
Atrofiar	Puir	Resfriar
Despertar	Congelar	Entupir
Equilibrar	Gelar	Ruir
Murchar	Unir (-se)	Desabar
Apagar	Fundir (-se)	Cair
Estourar	Derreter (-se)	Desmoronar
Rebentar	Incendiar	Pintar-se
Explodir	Virar	Reunir-se
Mandar	Degradar	Preencher
Turvar (-se)	Aumentar	Alagar
Contrair	Parar	Curar
Corroer	Vacilar	Cicatrizar
Decompor	Inflamar	Acalmar (se)
Entortar	Inflamar	Acender
Distorcer	Inflar	Amadurecer
Rosper (se)	Desfazer (se)	Quebrar (se)
Renovar	Reproduzir	Reacender
Estourar	Reabrir	Espoucar
Endurecer	Ressecar	Quadruplicar
Recuar	Enrugar (-se)	Afundar
Embeber (-se)	Descer	Ensopar
Decair	Germinal	Submergir
Esticar	Abrandar	Espichar
Inclinar (-se)	Cansar	Pender
Investir	Tombar	Desabrochar
Desdobrar (-se)	Diferir	Desenrolar (-se)
Esvaziar		
Distender	Comprimir	Engelhar (-se)
Dividir	Aumentar	Cair
Duplicar	Condensar	Molhar
Drenar	Ampliar	Baixar (de nível)
Enxugar	Esmigalhar (-se)	Espreguiçar (-se)
Esgotar	Desbotar	Desabar
Exaurir	Desintegrar(-se)	Diversificar

Escoar	Definhar	Decrescer
Escorrer	Desmornar (-se)	
Soltar	Diminuir	Encarguilhar (-se)
Relaxar	Encher	Declinar
Descansar	Dissolver	Brotar
Rebalxar-se	Inundar	Amainar
Multiplicar	Transbordar	Fatigar
deter-se	Sarar	Triplicar
Hesitar	Silenciar	revelar (-se)
Desenvolver	Despertar	Empenar
Deformar	Exaltar	Derrubar
Encurvar	Inflacionar	Recomeçar
Reatar	Dissipar (se)	Encurtar
Pipocar		

**(F) Diretamente relacionado ao adjetivo:**

Limpar	Refrescar (-se)	Cegar	Encrespar (-se)
Clarear	Sujar	Turvar	Empoeirar
Embaçar	Abrir	Limitar	Secar
Estreitar-se	Reduzir	Empalidecer	Esvaziar
Ir	Aquietar	Afrouxar	Retardar
Insensibilizar	Libertar	Entediar (-se)	Soltar
Embotar (-se)	Arredondar	Igualar	Terminar
Equilibrar	Completar	Firmar	Fechar
Suavizar	Trancar	Abrandar (-se)	Afrouxa
Moderar (-se)	Relaxar	Firmar (-se)	Emagrecer
Domesticar	Serenar	Diluir (-se)	Azedar
Afinar	Alegrear (-se)	Animar (-se)	Tranqüilizar
Fixar (-se)	Amaciar	Amansar	

**(G) Mudança de cor:**

Amarelar	Acinzentar	Atroxear	Esverdear
Avermelhar	Embranquecer	Verdejar	Pratear
Bronzear	Enegrecer		

**(H) Outros verbos**

Baratear	Aprofundar	Escurecer	Engordar
Engrossar	Achatar-se	Umidecer	Alegrear
Apressar (-se)	Intensificar	Acelerar (-se)	Enfraquecer-se
eleva (-se)	Reanimar (-se)	Debilitar (-se)	Levantar (-se)
Amadurecer	Alagar-se	Alargar	Aguçar (-se)
Encurtar (-se)	Afiar (-se)	Adoecer	Enrijecer-se
Embelezar (-se)	Deixar	Amolecer (-se)	Encalhar
Embeber (-se)	Endireitar (-se)	Reforçar (-se)	Fortalecer-se
Acordar	Complicar (-se)	Melhorar	Apertar (-se)
Robustecer	Piorar	Estreitar (se)	Esticar-se
Adoçar (-se)	Adocicar (-se)	Fortalecer	Acordar

**(I)**

Estratificar	Solidificar	Petrificar	Carbonificar
Calcificar	Frutificar	Nitrificar	Humidificar
Ossificar	Purificar	Oxidificar	Putreficar
Vitrificar	Acidificar		

**(J)**

Americanizar	Caramelizar	Democratizar	Fossilizar
Vaporizar	Cristalizar	Despressurizar	Gelatinizar
Descentralizar	Desestabilizar	Glutenizar	Energizar
Equalificar	Harmonizar	Hibridizar	Iodizar
Ionizar	Magnetizar	Neutralizar	Volatizar
Polarizar	Pulverizar	Regularizar	Estabilizar

**(L)**

Atenuar	Aglomerar	Desacelerar	Deteriorar
Acelerar	Coagular	Degenerar	Detonar
Desintegrar	Dissipar	Evaporar	Federalizar
Granularizar	Incubar	Ulcerar	Vibrar
Operar	Macerar	Proliferar	Propagar
Levitar			

**(M) Verbos de mudança de estado internamente:**

Causados	Empolar	Florescer	Corroer (-se)
Brotar	Florir	Decair	Estagnar
Germinar	Erodir	Inchar	Moldar
Desabrochar	Inflar	Apodrecer	Enferrujar
Avolumar (-se)	Mirrar (-se)	Dilatar	Distender (-se)

**ANEXO 4** - Lista dos Verbos Pronominais (ou Pseudo-Reflexos). (FONSECA, 2010, p. 83 (quadro 10) e 85 (quadro 11)).

<p>VERBOS DE ABSTRACÇÃO/ ACÇÃO MENTAL</p> <p>E</p> <p>FÍSICA *<sup>65</sup></p>	<p>Preocupar-se com; Debater-se com; Atrofiar-se com; Enfadar-se com; Estafar-se com; Fatigar-se com; Moer-se com; Enganar-se com; Admirar-se com; Absorver-se com; Abstrair-se com; Concentrar-se com/em; Mentalizar-se com/em; Prevenir-se com/em;</p>
<p>VERBOS EMOTIVOS</p>	<p>Enervar-se com; Alarmar-se com; Desassossegar-se com; Inquietar-se com; Chatear-se com; Zangar-se com; Enfurecer-se com; Irritar-se com; <i>Passar-se com</i>; Aborrecer-se com; Ensimesmar-se com; Indignar-se com; Exceder-se com; Alegrar-se com; Divertir-se com; Deliciar-se com; Deleitar-se com; Entristecer-se com; Orgulhar-se com/a/em/por/de; Humilhar-se com/a/em/por; Impressionar-se com; Antagonizar-se com/a/em/por</p>
<p>VERBOS SIMÉTRICOS</p>	<p>Casar-se com Parecer-se com<sup>66</sup></p>

Fonte: Elaboração da Autora.

<p>VERBOS: EXPERIÊNCIA PSICOLÓGICA;<sup>62</sup></p>	<p>Lembrar-se de; Recordar-se de; Esquecer-se de; Olvidar-se de; Aperceber-se de; Despedir-se de; Cansar-se de; Fartar-se de; Rir-se de; Chorar-se de<sup>63</sup></p> <p><i>*SORRIR-SE POR/PARA</i></p>
<p>VERBOS POSSESSIVOS  OU INDICADORES DE POSSE</p>	<p>Apoderar-se de; Apropriar-se de; Assegurar-se de; Utilizar-se de; Aproveitar-se de</p>
<p>VERBOS INDICADORES DE MOVIMENTO FÍSICO</p>	<p>Levantar-se de; Erguer-se de; Afastar-se de; Aproximar-se de; Retirar-se de</p>
<p>VERBOS SIMÉTRICOS</p>	<p>Divorciar-se de; Separar-se de</p>

Fonte: Elaboração da Autora.